



AULA 07 – Frase e termos da oração

IME - 2021

Professora Celina Gil

SUMÁRIO

Apresentação.....	3
1 – Frase, oração e período.....	3
2 – Termos Essenciais.....	4
2.1 - Sujeito	5
2.2 – Predicado	11
3 – Termos Integrantes	15
3.1 – Complemento verbal.....	15
3.2 – Agente da Passiva	19
3.2 – Complemento Nominal	22
4 – Termos Acessórios.....	24
4.1 – Adjunto adnominal.....	24
4.2 – Adjunto adverbial.....	27
4.3 – Aposto	30
4.4 – Vocativo.....	31
5 – Questões	32
5.1 – Lista de questões.....	33
5.2 - Gabarito	65
5.3– Questões comentadas.....	66
Considerações finais.....	114



APRESENTAÇÃO

Caro aluno,

Nessa aula, vamos nos dedicar a entrar em um assunto que os alunos costumam odiar (eu sei!): os processos de organização das palavras. Esse assunto abarca:

- Distinção entre frase, oração e período; e
- Os termos da oração.

Pela minha experiência, eu sei bem por que os alunos não gostam dessa matéria. É um tema extenso e cheio de detalhes. Mas não se desespere ainda!

Os vestibulares cobram pouco a parte do decorar. O importante aqui é entender o assunto. Você não precisa saber de cor o nome de todos os tipos de oração se você for capaz de identificar qual o papel que cada palavra desempenha na frase;

Compreender o valor e o papel dos termos é fundamental para que você entenda nosso próximo passo em gramática: análise sintática do período composto.

Vamos lá?

1 – FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO

Antes de analisar em detalhes nos termos em si, vamos pensar primeiro nas três maneiras que uma mensagem pode se organizar: **frase, oração e período**.

Frase é toda organização de palavras que fizer sentido, ou seja, um enunciado completo em si mesmo. Esse enunciado **pode ou não conter um verbo**.

Ex.:

- Silêncio! (frase sem verbo)
- Cheguei cedo no trabalho hoje. (frase com verbo)

Oração é um enunciado que contém, **obrigatoriamente**, uma forma verbal (verbo ou locução verbal). Essa forma verbal pode estar implícita ou explícita.

Ex.:

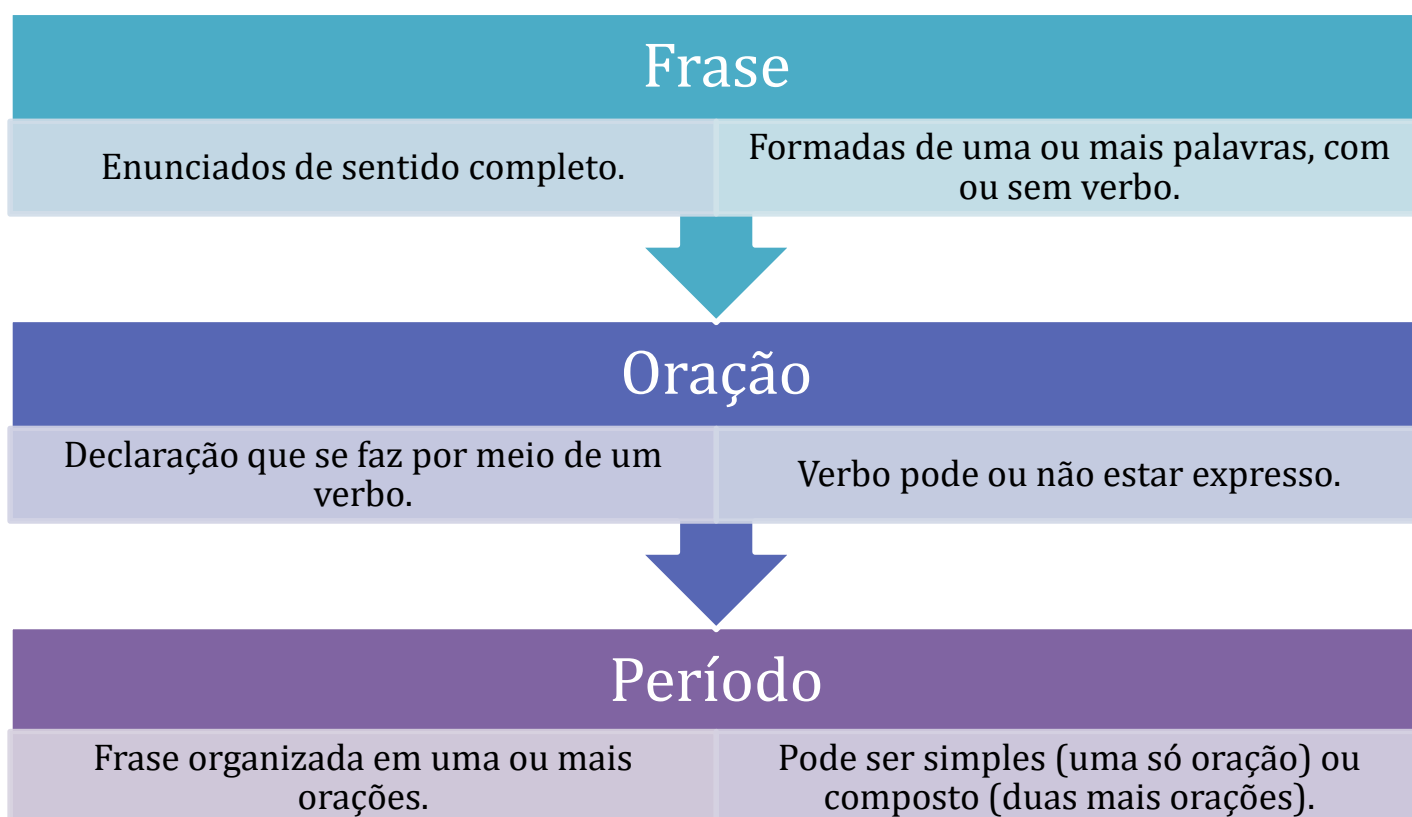
- Estou muito bem! (oração com verbo explícito)
- Tenho andado distraído. (oração com locução verbal explícita)
- Maria nadou à tarde / e João à noite. (oração com verbo implícito: João [nadou] à noite)

Período é um enunciado composto de uma ou mais oração, ou seja, de construções que contém **um ou mais de um verbo/forma verbal**. Quando contém apenas um verbo, é chamado de **período simples**; quando contém dois ou mais verbos, é chamado de **período composto**.

Ex.:

- A menina dormia profundamente. (período simples: um só verbo)
- Você sabe que eu só quero seu bem. (período composto: dois ou mais verbos)

ATENÇÃO: Isso significa que toda oração é uma frase? E que todo período também? Sim! Por isso, **frase é o termo a que nos referimos genericamente a qualquer enunciado dotado de sentido**.



Vamos pensar primeiro nos **períodos simples**. A estrutura de um período simples é formada por termos que desempenham diferentes funções. Esses termos se dividem em três: **termos essenciais**, **termos integrantes** e **termos acessórios**. Vamos ver cada um mais detalhadamente.

2 – TERMOS ESSENCIAIS

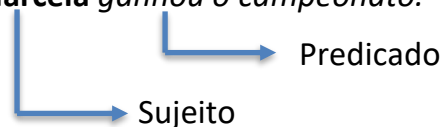
São chamados termos essenciais os responsáveis pela estrutura básica de uma oração. São dois os termos essenciais: **sujeito** e **predicado**. Essencialmente, segundo Celso Cunha (2017):

Sujeito é o ser sobre o qual se faz uma declaração.

Predicado é tudo aquilo que se diz do sujeito.

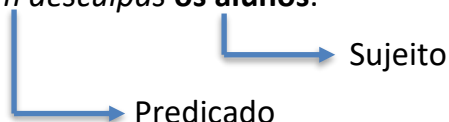
Normalmente, as frases apresentam **ordem direta**, isso é, primeiro aparece o sujeito e depois o predicado:

Ex.: **Marcela** ganhou o campeonato.



Por vezes, as frases podem apresentar **ordem indireta**, ou seja, o predicado aparece antes do sujeito:

Ex.: *Pediram desculpas* **os alunos**.

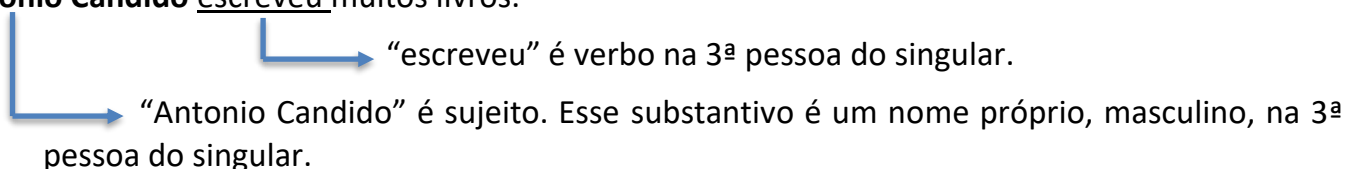


2.1 - SUJEITO

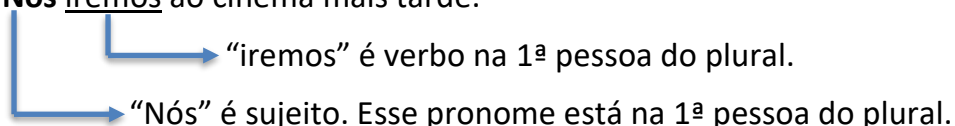
Define-se **sujeito** como o **termo da oração com o qual o verbo concorda**, ou seja, o sujeito é o termo que está no mesmo número (singular ou plural) e pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) que o verbo.

Ex.:

Antonio Candido escreveu muitos livros.



Nós iremos ao cinema mais tarde.



Um sujeito pode aparecer em diversos tipos. Pode ser **simples**, **composto**, **oculto** ou **indeterminado**. Há ainda a possibilidade de aparecerem **orações sem sujeito**. Muito da análise do tipo de sujeito está ligada ao conceito de **núcleo**. Observe a seguinte frase:

A bela modelo brasileira do Rio Grande do Sul ficou muito famosa nos anos 1990.

O sujeito dessa oração é **“A bela modelo brasileira do Rio Grande do Sul”**.

Para descobrir o núcleo do sujeito é preciso procurar qual a palavra, dentre todas as compõe o sujeito, concorda com ficou e é central para essa frase. Encontrar o núcleo é encontrar qual a **essência do termo, a informação mais importante**.

ficou —> verbo na 3ª pessoa do singular.

O termo essencial para essa frase é o substantivo **“modelo”**. Essa é a informação mais importante do termo todo, portanto, esse é o núcleo do sujeito.



O núcleo é o termo central, na qual se ligam outras palavras que a caracterizam de algum modo.

É possível, portanto, que um **sujeito tenha mais de um núcleo**:

Ex.:

Eu e ele fomos ao cinema.

fomos → verbo na 1ª pessoa do plural.

Os termos essenciais para essa frase são os pronomes “**eu**” e “**ele**”, que colocados juntos indicam 1ª pessoa do plural. Logo, aqui, há **dois núcleos** para o sujeito.

Tendo essas possibilidades em mente, vamos ver os tipos de sujeito possíveis:

Sujeito simples

Define-se **sujeito simples** aquele que contém **um núcleo** apenas.

Ex.:

As meninas jovens estavam muito bonitas.

→ “estavam” é verbo na 3ª pessoa do plural.
→ “meninas” é núcleo do sujeito. Esse substantivo está na 3ª pessoa do plural.

ATENÇÃO: Independe se a palavra está no plural ou no singular, se houver apenas um núcleo, o sujeito é simples.

Sujeito composto

Define-se **sujeito composto** aquele que contém **dois núcleos ou mais**.

Ex.:

A mãe, o pai e a filha almoçaram fora.

→ “almoçaram” é verbo na 3ª pessoa do plural.
→ “mãe, “pai” e “filha” são núcleos do sujeito. Juntos, indicam 3ª pessoa do plural.

Sujeito oculto

Define-se **sujeito oculto** como aquele em que **o sujeito não está indicado** textualmente. Nesses casos, o sujeito é identificado a partir **do contexto** ou **da flexão do verbo**.

Ex.:

Escrevi um e-mail para meu chefe.

→ “escrevi” é verbo na 1ª pessoa do singular. Portanto, o sujeito oculto aqui deve ser “eu”: **[Eu]** escrevi um e-mail para meu chefe.

Os olhos são a janela da alma. São incapazes de mentir.

→ “são” é verbo na 3ª pessoa do plural. Pelo contexto, tomando a oração anterior como referência, o termo que concorda com esse verbo é “olhos”: **[Os olhos]** são incapazes de mentir.

Sujeito indeterminado

Define-se **sujeito indeterminado** aquele que não está expresso textualmente e é **impossível ser identificado pelo contexto ou pela flexão verbal**.

O sujeito indeterminado pode aparecer em dois formatos:

- **3ª pessoa do plural**, quando o verbo é transitivo direto.
- **3ª pessoa do singular**, quando o verbo é intransitivo, transitivo indireto ou de ligação.

Ex.:

Telefonaram para você mais cedo.

→ “telefonaram” é verbo na 3ª pessoa do plural. Não há nenhum referente na oração que corresponda a esse verbo. Também não há nenhuma indicação de quem seria a pessoa que “telefonou”. Por isso, esse sujeito é indeterminado.

Precisa-se de vendedores.

→ “precisa” é verbo na 3ª pessoa do singular. Não há nenhum referente na oração que corresponda a esse verbo. Também não há nenhuma indicação de quem seria a pessoa que “telefonou”. Por isso, esse sujeito é indeterminado.



VOZ PASSIVA x SUJEITO INDETERMINADO

Quando construída com a partícula –se, como identificar quando uma oração está na voz passiva ou possui sujeito indeterminado?

Voz Passiva:

- Concorda com o sujeito;
- Verbos transitivos diretos ou transitivos direto e indiretos; e
- Pode virar voz passiva analítica.

Sujeito indeterminado:

- Sempre no singular;
- Verbos intransitivos ou transitivos indiretos; e
- Não pode virar voz passiva analítica.

Sujeito inexistente

Quando um **verbo** é apresentado de forma **impessoal**, diz-se que a oração **não tem sujeito** ou que o **sujeito é inexistente**. Há alguns casos importantes a lembrar em que a oração se constrói sem sujeito:

- Com verbos indicando fenômenos da natureza.

Ex.: Choveu muito em São Paulo.

ATENÇÃO: Quando esses verbos aparecem no sentido figurado, há sujeito. Ex.: Choveram aplausos à peça. (choveram = verbo na 3ª pessoa do plural; **aplausos** = sujeito simples)

- Com o verbo “haver” no sentido de existir.

Ex.:

Há uma flor no vaso.

= Existe uma flor no vaso.

Há frutas no pomar.

= Existem frutas no pomar

ATENÇÃO: o verbo “existir” deve ser flexionado normalmente, respeitando a concordância com o sujeito. O verbo “haver” fica no singular independente dos outros termos da oração.

- Com o verbo “haver” indicando tempo decorrido.

Ex.: Há um ano não o vejo.

Já estou esperando há duas horas.

- Com verbos “ser”, “fazer” e “ir” indicando tempo de modo geral.

Ex.: Era verão.

Faz três anos que estamos juntos.

Vai fazer duas horas que estou aqui.

Vamos ver como isso pode cair numa prova de vestibular:

(INSPER – 2012)

Segurança

O ponto de venda mais forte do condomínio era a sua segurança. Havia as belas casas, os jardins, os playgrounds, as piscinas, mas havia, acima de tudo, segurança.

Toda a área era cercada por um muro alto. Havia um portão principal com muitos guardas que controlavam tudo por um circuito fechado de TV. Só entravam no condomínio os proprietários e visitantes devidamente identificados e crachados.

Mas os assaltos começaram assim mesmo. Ladrões pulavam os muros e assaltavam as casas.

Os condôminos decidiram colocar torres com guardas ao longo do muro alto. Nos quatro lados. As inspeções tornaram-se mais rigorosas no portão de entrada. Agora não só os visitantes eram obrigados a usar crachá. Os proprietários e seus familiares também. Não passava ninguém pelo portão sem se identificar para a guarda. Nem as babás. Nem os bebês.

Mas os assaltos continuaram.

Decidiram eletrificar os muros. Houve protestos, mas no fim todos concordaram. O mais importante era a segurança. Quem tocasse no fio de alta tensão em cima do muro morreria eletrocutado. Se não morresse, atrairia para o local um batalhão de guardas com ordens de atirar para matar.

Mas os assaltos continuaram.

Grades nas janelas de todas as casas. Era o jeito. Mesmo se os ladrões ultrapassassem os altos muros, e o fio de alta tensão, e as patrulhas, e os cachorros, e a segunda cerca, de arame farpado, erguida dentro do perímetro, não conseguiriam entrar nas casas. Todas as janelas foram engradadas.

Mas os assaltos continuaram.

Foi feito um apelo para que as pessoas saíssem de casa o mínimo possível. Dois assaltantes tinham entrado no condomínio no banco de trás do carro de um proprietário, com um revólver apontado para a sua nuca. Assaltaram a casa, depois saíram no carro roubado, com crachás roubados. Além do controle das entradas, passou a ser feito um rigoroso controle das saídas. Para sair, só com um exame demorado do crachá e com autorização expressa da guarda, que não queria conversa nem aceitava suborno.

Mas os assaltos continuaram.

Foi reforçada a guarda. Construíram uma terceira cerca. As famílias de mais posses, com mais coisas para serem roubadas, mudaram-se para uma chamada área de segurança máxima. E foi

tomada uma medida extrema. Ninguém pode entrar no condomínio. Ninguém. Visitas, só num local predeterminado pela guarda, sob sua severa vigilância e por curtos períodos.

E ninguém pode sair.

Agora, a segurança é completa. Não tem havido mais assaltos. Ninguém precisa temer pelo seu patrimônio. Os ladrões que passam pela calçada só conseguem espiar através do grande portão de ferro e talvez avistar um ou outro condômino agarrado às grades da sua casa, olhando melancolicamente para a rua.

Mas surgiu outro problema.

As tentativas de fuga. E há motins constantes de condôminos que tentam de qualquer maneira atingir a liberdade. A guarda tem sido obrigada a agir com energia.

(VERÍSSIMO, Luís Fernando. Comédias para se ler na escola. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, 97-99)

O recurso da indeterminação do sujeito, conforme preconiza a gramática normativa, pode ser encontrado em

- a) “Havia as belas casas, os jardins,”
- b) “Só entravam no condomínio os proprietários...”
- c) “Decidiram eletrificar os muros...”
- d) “Quem tocasse no fio de alta tensão...”
- e) “Ninguém precisa temer pelo seu patrimônio...”

Comentários: A alternativa que apresenta indeterminação do sujeito é alternativa C. Na frase “Decidiram eletrificar os muros...” não fica claro quem tomou a decisão de eletrificar os muros. Não há no contexto a citação de nenhum termo que possa indicar quem foram as pessoas que tomaram essa decisão. Lembre-se que quando há verbo na 3ª pessoa do plural, sem termo que se associe ao verbo, grandes chances são que seja uma oração de sujeito indeterminado.

A alternativa A está incorreta, pois em “Havia as belas casas, os jardins” há uma oração sem sujeito (verbo haver no sentido de existir).

A alternativa B está incorreta, pois em “Só entravam no condomínio os proprietários...” há uma oração com sujeito simples “os proprietários”, apresentada na ordem indireta.

A alternativa D está incorreta, pois em “Quem tocasse no fio de alta tensão...” há sujeito simples, “quem”.

A alternativa E está incorreta, pois em “Ninguém precisa temer pelo seu patrimônio...” há sujeito simples, “ninguém”.

ATENÇÃO: há casos bastante específicos em que pode ocorrer sujeito indeterminado e sujeito inexistente. Ainda que você esteja com dificuldade em encontrar o sujeito, se você lembrar desses casos será mais fácil resolver o exercício. Sujeito indeterminado e sujeito inexistente são casos que vale a pena decorar.

Gabarito: C

2.2 – PREDICADO

Antes de falar sobre o predicado em si, é importante que você se lembre de algumas informações sobre verbos:



LEMBRANDO!

O verbo é uma palavra que representa uma **ação praticada** (verbos de ação), estado (verbos de ligação) ou fenômenos da natureza. Eles podem ser regulares ou irregulares.

Ex.:

Eu comi muito. (ação feita por alguém, localizada num tempo específico)

O dia está lindo. (estado de algo ou alguém)

Chove. (fenômeno da natureza, relativo à meteorologia)

Um verbo pode ser classificado de acordo com sua **transitividade**, ou seja, se possui ou não complemento para ter seu sentido completo:

- **Verbos transitivos diretos:** Eu comi uma fruta. (“comi” precisa de complemento sem preposição)

- **Verbos transitivos indiretos:** Eu andei de avião. (“andei” precisa de complemento com preposição)

- **Verbos transitivos direto e indiretos:** Eu ensinei português para ele. (“português” não precisa de preposição e “ele” precisa de preposição)

- **Verbos intransitivos:** Ele morreu. (“morrer” não precisa de complemento)

Nos **verbos de ligação:** Eu estou bem. (“bem” indica qual o estado do sujeito)

É preciso que você se lembre desses aspectos acerca dos verbos para compreender os tipos diferentes de predicado. **As relações entre sujeito e predicado são mediadas pela análise do verbo e seu complemento.**

De maneira geral, **tudo aquilo que não é sujeito numa oração, é predicado.** Um predicado pode ser classificado em **predicado nominal, predicado verbal e predicado verbo-nominal:**

Predicado Nominal

O predicado nominal é formado por um **verbo de ligação + predicativo do sujeito.**





ESCLARECENDO

O **predicativo do sujeito** é um termo que se tem a função de qualificar o sujeito de alguma maneira. Por isso, entende-se que ele não é um complemento do verbo.

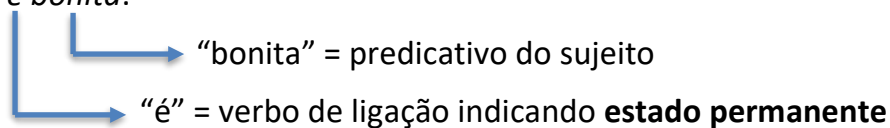
O verbo aqui apenas conecta o sujeito à sua característica.

Podem ser **adjetivos, locuções adjetivas** ou **verbos no gerúndio**.

Os verbos de ligação, no predicado nominal, são o elo entre o sujeito e sua característica a partir da ideia de **estado**. Esses verbos podem expressar:

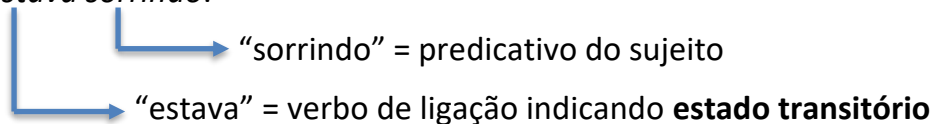
➤ Estado permanente

Ex.: **Julia** *é* *bonita*.



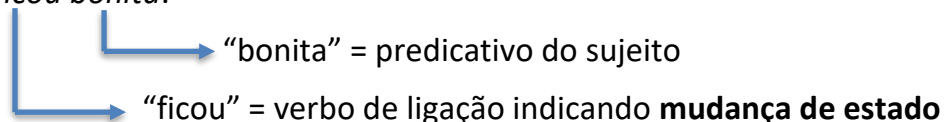
➤ Estado transitório

Ex.: **Julia** *estava* *sorrindo*.



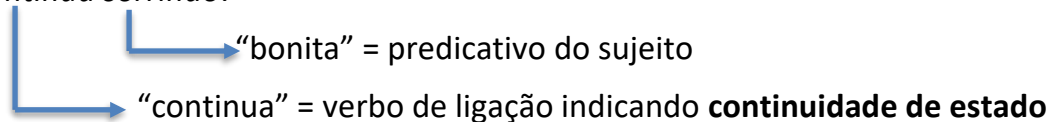
➤ Mudança de estado

Ex.: **Julia** *ficou* *bonita*.



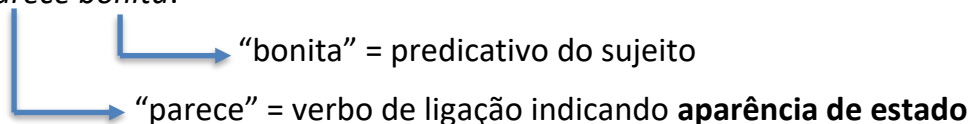
➤ Continuidade de algum estado

Ex.: **Julia** *continua* *sorrindo*.



➤ Aparência de estado

Ex.: **Julia** *parece* *bonita*.





Eu tenho uma palavra mágica para aprender os principais verbos que aparecem como verbo de ligação! É só decorar essa palavra que você não esquecerá nunca mais:

SERESTAFICAPERPA CON

Os verbos da palavra mágica são: **ser, estar, ficar, permanecer, parecer, continuar.**

Predicado Verbal

O predicado verbal é formado por um **verbo de ação**. Pode ser acompanhado ou não de complemento.

- Com verbos intransitivos

Ex.: **O homem morreu.**

↳ “morrer” = verbo intransitivo

Ex.: *Choveu muito ontem.*

↳ “chover” = verbo intransitivo, indicando fenômeno meteorológico

- Com verbos transitivos

Ex.: **Marco abriu a porta.**

↳ “abrir” = verbo transitivo direto (não demanda preposição antes de “a porta”)

Ex.: **Camila assistiu ao filme.**

↳ “assistir” = verbo transitivo indireto (demanda preposição antes de “filme”)

Ex.: **Mamãe entregou a carta à professora.**

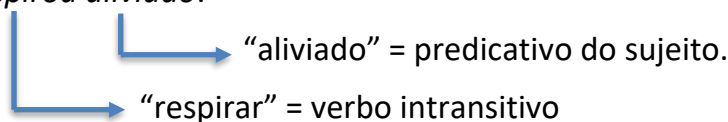
↳ “entregar” = verbo transitivo direto e indireto (não demanda preposição antes de “a carta”, mas demanda preposição antes de “a professora”)

Predicado Verbo-nominal

O predicado verbo-nominal é formado por um **verbo de ação + predicativo do sujeito**, ou seja, um verbo que denota ação acompanhado de um **complemento que se refere ao sujeito e não ao verbo**.



Ex.: **O homem respirou aliviado.**



ATENÇÃO: Um mesmo verbo pode assumir transitividades diferentes de acordo com o contexto. "respirar", por exemplo, pode ser considerado verbo transitivo direto se aparecer numa frase como "Ele respirou o ar da manhã". Por isso, **não decore verbos de acordo com a transitividade, mas sim analise a frase sintaticamente.**

Veja como isso pode aparecer numa prova de vestibular:

(UNESP - 2015)

Leia a charge.



Nas falas, predominam orações com predicado

- a) nominal, pois se descrevem sentimentos.
- b) verbal, pois se enfatizam ações realizadas.
- c) nominal, pois se comentam transformações.
- d) verbal, pois se caracterizam as personagens.

Comentários: O melhor modo de resolver esse tipo de questão é analisar as orações isoladamente. Tendo em mente que orações são frases que se constroem em torno de um verbo, as orações da tirinha e seus respectivos predicados, são:

"Lembra" – Predicado verbal, pois há verbo de ação intransitivo.

"Quando a gente olhava para as nuvens" - Predicado verbal, pois há verbo de ação transitivo indireto.

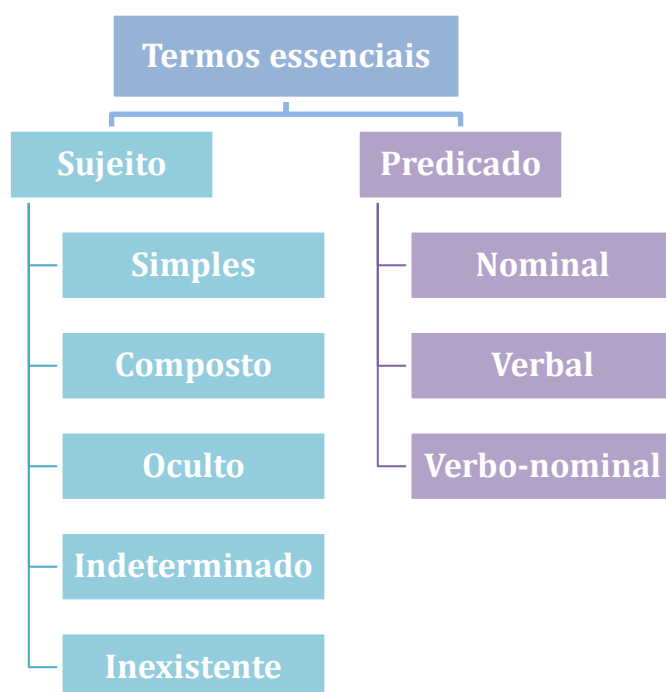
"e imaginava figuras" - Predicado verbal, pois há verbo de ação transitivo direto + complemento verbal.

"agora a gente olha para o céu" - Predicado verbal, pois há verbo de ação transitivo indireto + complemento verbal.

"e imagina nuvens" - Predicado verbal, pois há verbo de ação transitivo direto + complemento verbal.

Como são todas orações que descrevem ações realizadas, a alternativa correta é alternativa B.
A alternativa A está incorreta, pois não predomina o predicado nominal, mas o verbal.
A alternativa C está incorreta pois não predomina o predicado nominal, mas o verbal.
A alternativa D está incorreta, pois o tipo de predicado que faz uso de verbos de ação + predicativo do sujeito (caracterização das personagens) é o predicado verbo-nominal.

Gabarito: B



3 – TERMOS INTEGRANTES

São chamados termos integrantes os responsáveis por completar o sentido de verbos e nomes numa oração. São termos integrantes: **complementos verbais** e **complementos nominais**.

Vamos ver melhor cada um deles.

3.1 – COMPLEMENTO VERBAL

Complementos verbais são termos que integram o sentido dos verbos. Eles podem ser de duas naturezas: **precedidos ou não de preposição**.

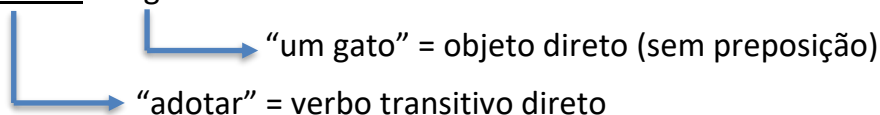
- Quando não demandam preposição são chamados de **objeto direto**; e
- Quando demandam preposição, são chamados de **objeto indireto**.

Há ainda um tipo de complemento verbal muito específico, **o agente da passiva**, que veremos isoladamente.

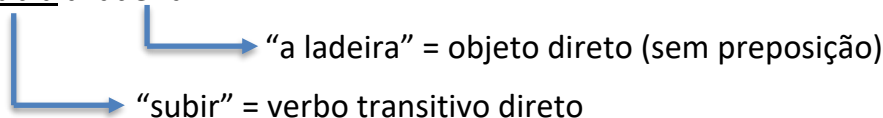
Objeto Direto

O **objeto direto** complementa os **verbos transitivos diretos**. Indica o termo (ser vivo ou coisa) para o qual se dirige a ação verbal **sem ser precedido por preposição**.

Ex.: Ela adotou um gato.



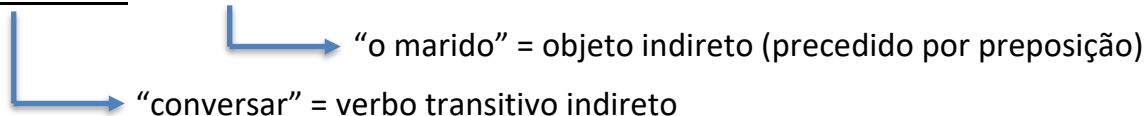
Ex.: Ela subiu a ladeira.



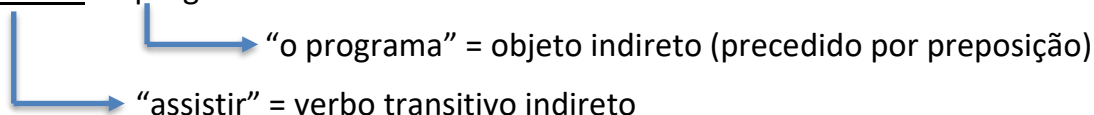
Objeto Indireto

O **objeto indireto** complementa os **verbos transitivos indiretos**. Indica o termo (ser vivo ou coisa) para o qual se dirige a ação verbal **precedido por preposição**.

Ex.: Ela conversou com o marido.



Ex.: Ela assistiu ao programa.



ATENÇÃO: Os **verbos transitivos direto e indiretos** são aqueles que **possuem ambos os complementos verbais**, ou seja, são acompanhados de objetos diretos e objetos indiretos.

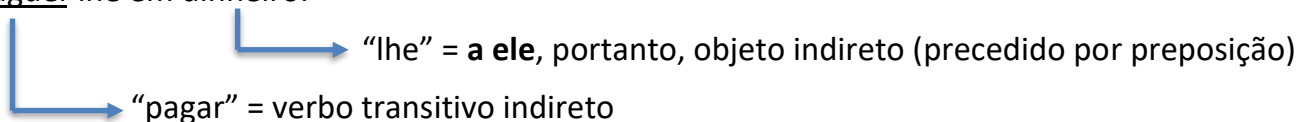


SE LIGA!

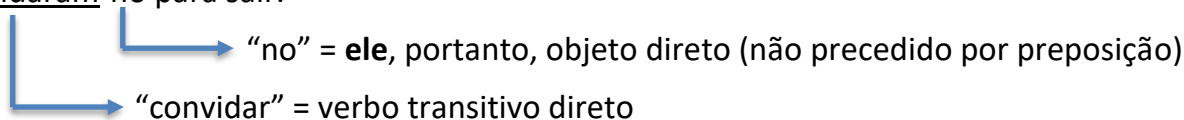
É analisando o objeto que se descobre a transitividade do verbo! Observe sempre o complemento para descobrir como classificar um verbo.

Algumas vezes, o objeto pode aparecer na forma de pronome oblíquo. Observe as seguintes frases:

Ex.: Paguei-lhe em dinheiro.



Ex.: Convidaram-no para sair.



Algumas vezes, você pode ficar **MUITO CONFUSO** ao tentar classificar os pronomes oblíquos. Como essa é uma regra que não muda, você pode decorar sem medo que:

Objeto direto: me, te, o, a, nos, vos, os, as.	Ex.: Conte-as (= Conte as notícias)
Objeto indireto: me, te, lhe, nos, vos, lhes.	Ex.: Chamem-nos (= Chamem a ela e a mim)

Vamos ver como isso pode aparecer em exercícios de vestibular

(UNESP - 2018)

Leia o trecho do conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis (1839-1908).

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave.

Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: “gratificar-se-á generosamente” – ou “receberá uma boa gratificação”. Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoitasse.

Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.

(Contos: uma antologia, 1998.)

“Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho **levasse**.” (4º parágrafo)

Na oração em que está inserido, o termo destacado é um verbo que pede

- a) apenas objeto direto, representado pelo vocábulo “lho”.
- b) objeto direto e objeto indireto, ambos representados pelo vocábulo “lho”.
- c) objeto direto, representado pelo vocábulo “dinheiro”, e objeto indireto, representado pelo vocábulo “lho”.
- d) apenas objeto indireto, representado pelo vocábulo “quem”.
- e) objeto direto, representado pelo vocábulo “dinheiro”, e objeto indireto, representado pelo vocábulo “quem”.

Comentários: Essa era uma questão que demandava que o aluno lembrasse de dois conteúdos: forma contraída do pronome e pronomes oblíquos funcionando como objeto.

“lho” é a forma contraída de “lhe + o”. É uma expressão pouco usada nos dias de hoje, mas comum no tempo de Machado de Assis.

“lhe” sempre assume a função de objeto indireto

“o” sempre assume a função de objeto direto.



Portanto, “**lho**” assume ao mesmo tempo função de objeto direto e objeto indireto. A alternativa correta era alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois “**lho**” não é só objeto direto, mas indireto também.

A alternativa C está incorreta, pois “dinheiro” é objeto direto do verbo “dava” e não de “levasse”.

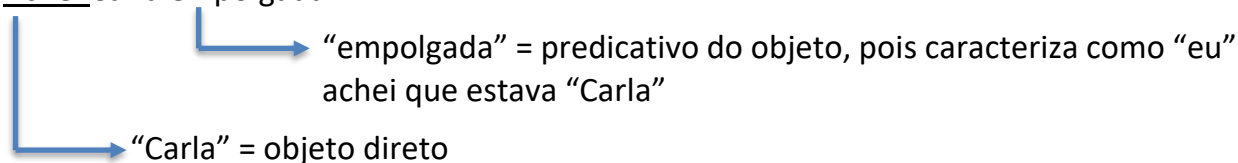
A alternativa D está incorreta, pois “quem” é objeto indireto do verbo “dava” e não de “levasse”.

A alternativa E está incorreta, pois esses objetos se referem ao verbo “dava” e não a “levasse”.

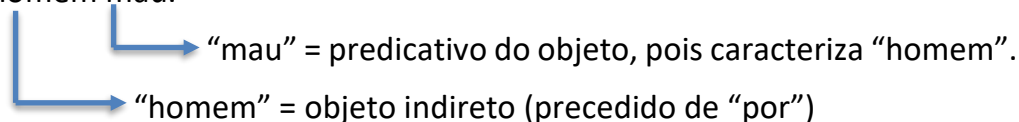
Gabarito: B

Tanto o objeto direto quanto o objeto indireto podem ser modificados por um **predicativo do objeto**. São termos, preposicionados ou não, que funcionam na mesma lógica do predicativo do sujeito: um termo que se tem a função de **qualificar o objeto** de alguma maneira.

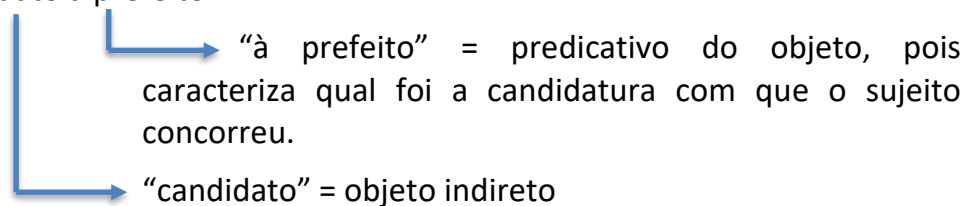
Ex.: Achei Carla empolgada.



Ex.: Me apaixonei por um homem mau.



Ex.: Ele concorreu como candidato à prefeito.



3.2 – AGENTE DA PASSIVA

O **agente da passiva** é um complemento verbal que aparece na voz passiva. Não é obrigatório que toda construção passiva possua um agente da passiva, então não se preocupe em procurar essa construção todas vezes.

Esse complemento **designa o ser que pratica a ação sofrida (ou recebida) pelo sujeito**.

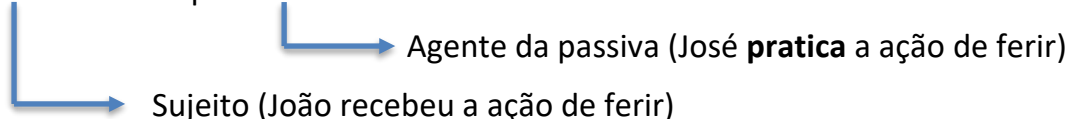
Já falamos sobre **vozes verbais**. Vamos lembrar um pouco esse assunto:



LEMBRANDO!

Voz passiva: o sujeito sofre a ação verbal, ou seja, o fato foi praticado no sujeito.

Ex.: João foi ferido por José.

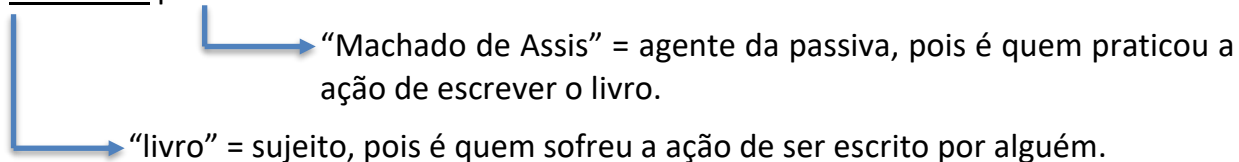


ATENÇÃO: Perceba que o sujeito faz a ação expressa na flexão do verbo, portanto, não precisa necessariamente ser quem a pratica.

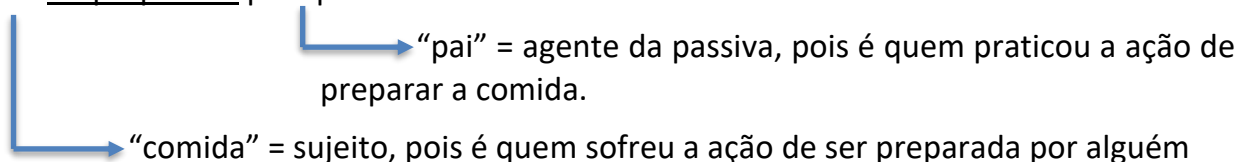
Na voz passiva, a ação se expressa numa **locução verbal**, ou seja, uma construção de verbo auxiliar + verbo principal.

O principal modo de formar o agente da passiva é com a **preposição por + complemento**. Vamos ver exemplos de usos do agente da passiva:

Ex.: **O livro** foi escrito por Machado de Assis.



Ex.: **A comida** foi preparada pelo pai.



ATENÇÃO: é comum o aparecimento também da forma combinada “pelo” (por + o) como agente da passiva. Relembre essa forma combinada:

Contração com preposição POR + Artigo definido

pelo (por + o)

pela (por + a)

pelos (por + os)

pelas (por + as)

Vamos ver como isso pode aparecer num exercício de vestibular:



(INSPER - 2013)

Leia estas manchetes:

- I. Câncer mata Hugo Chávez, líder populista da Venezuela (Folha de S. Paulo, 06/03/2013)
- II. Chorão é achado morto em apartamento de Pinheiros (Folha de S. Paulo, 07/03/2013)

Considerando que as vozes verbais abrem um leque de possibilidades expressivas, é correto afirmar que

- a) em I, a opção pela voz ativa assume caráter de deboche ao enfatizar que o poderoso líder foi vencido por uma doença.
- b) em II, a construção na voz passiva analítica tem o intuito de colocar em evidência quem é o agente da ação expressa pelo verbo.
- c) em I, a predicação do verbo “matar” não permite, segundo a norma padrão, a transposição para a voz passiva analítica.
- d) em II, a omissão do agente da passiva acentua o mistério em torno da morte do cantor; já em I, o sujeito agente esclarece a causa da morte.
- e) em I, a opção pela voz ativa produz marcas de subjetividade que revelam um enunciador simpatizante do chavismo.

Comentários: Expressar o sujeito agente ou o agente da passiva nas orações é um modo de deixar claro quem é o responsável por praticar a ação.

Na oração I., “câncer” é sujeito da oração. Isso faz com que fique claro que Hugo Chávez tenha morrido em decorrência da doença. Imagine se estivesse escrito algo como “Hugo Chávez foi morto”. Essa construção abriria uma série de outras interpretações, que incluiriam até mesmo um possível assassinato.

Normalmente, quando lemos expressões formadas com o verbo “morrer” na voz passiva, tendemos a associar com uma ação violenta, não com uma morte decorrente de uma doença. Dado que Hugo Chávez era um político cercado por uma série de conflitos, era importante deixar claro qual foi a causa de sua morte.

Na oração II. o uso da voz passiva denota um a incerteza sobre o fato. Não fica claro qual foi a causa da morte do cantor Chorão. Toda a informação que se tinha até então é que ele estava em sua casa e que foi encontrado morto lá. Como não se pode dar certeza da causa da morte, faz-se uso da voz passiva sem agente da passiva.

Por isso, a alternativa correta é Alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois não há intenção de deboche, mas sim de deixar o agente claro.

A alternativa B está incorreta, pois essa construção apaga o agente da ação.

A alternativa C está incorreta, pois é possível construir a oração “Hugo Chávez foi morto pelo câncer”. Ela apenas não era interessante para o objetivo de informar da matéria.

A alternativa E está incorreta, pois não há sinal de simpatia por Hugo Chávez nessa frase. Contrariamente, a expressão “populista” é mais usada nos dias de hoje para denotar uma característica negativa.

Gabarito: D

3.2 – COMPLEMENTO NOMINAL

Complementos nominais são termos que integram ou limitam o sentido das formas nominais da oração. **Eles sempre se ligam aos nomes através de uma preposição.** Podem complementar o sentido de **substantivos, adjetivos ou advérbios**

Ex.:

Nenhum amor é mais forte que **amor à mãe.**

“a” = preposição; “mãe” = substantivo; “à mãe” complementa o sentido do substantivo “amor”.

“amor” = **substantivo** que demanda o complemento (“nenhum amor” é mais forte que qual tipo de amor?).

A ação de amar é direcionado à mãe.

Ela estava **cheia de razão.**

“de” = preposição; “razão” = substantivo; “de razão” complementa o sentido do adjetivo “cheia”.

“cheia” = **adjetivo** que demanda o complemento (é preciso limitar do que ela estava coberta).

Estar cheio é uma ação direcionada à razão.

Agiu **favoravelmente a mim.**

“a” = preposição; “mim” = pronome; “de manhã” complementa o sentido do advérbio de modo “favoravelmente”.

“favoravelmente” = **advérbio** que demanda o complemento (a quem o sujeito foi favorável?)

A ação de ser favorável foi direcionada a mim.





Muitos dos substantivos que aceitam complemento nominal são **substantivos abstratos derivados de verbos**. Por isso, algumas vezes, pode ser um modo de identificar se o termo está acompanhado de complemento nominal.

Ex.: Amor ao próximo (= do verbo amar)

Resistência ao fracasso (= do verbo resistir)

Por isso, costuma-se dizer que há uma **ação** implícita no complemento nominal: pois se ligam a palavras derivadas de verbo, recebendo sua ação. Pensando nos exemplos anteriores:

Amor ao próximo = O ato de amar ao próximo

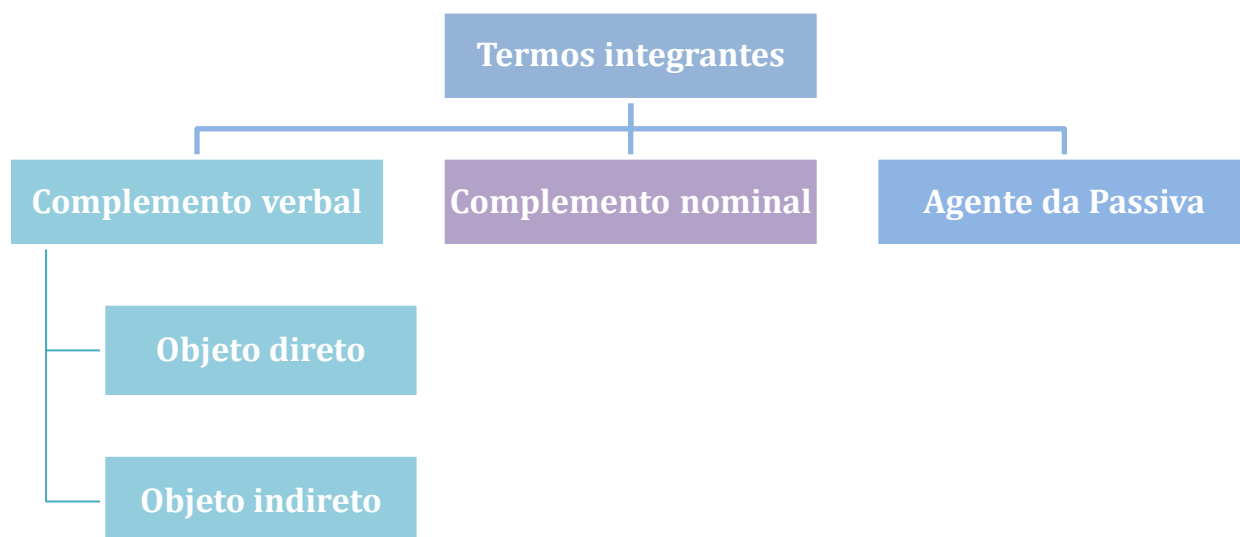
→ “próximo” recebe a ação de amar

Resistência ao fracasso = O ato de resistir ao fracasso.

→ “fracasso” recebe a ação de resistir

ATENÇÃO:

Nos vestibulares, esse tema costuma aparecer ligado a questões em que é comparado a **adjuntos adnominais**. No tópico 4.1. veremos melhor o assunto.



4 – TERMOS ACESSÓRIOS

São chamados termos acessórios os responsáveis por modificar ou especificar outros termos. Esses termos não são fundamentais para a construção da estrutura sintática da oração. São termos acessórios: **adjunto adnominal**, **adjunto adverbial**, **aposto** e **vocativo**. Vamos ver melhor cada um deles.

4.1 – ADJUNTO ADNOMINAL

Vamos observar a seguinte oração para compreender o que é um adjunto adnominal:

Os meus dois belos anéis de prata sumiram.

Sujeito: “Os meus dois belos anéis de prata”

Núcleo do sujeito: “anéis”

Qual o objetivo dos outros termos do sujeito? **Especificar o sentido da palavra** “anéis”. Essa é precisamente a função do **adjunto adnominal**.

Um adjunto adnominal especifica ou torna mais preciso o sentido do substantivo que assumir a função de **núcleo, tanto do sujeito quanto do objeto**.

Vamos pensar agora nas classes de palavra de cada termo do sujeito da frase de exemplo:

Os: artigo definido

meus: pronome possessivo

dois: numeral

belos: adjetivo

de prata: locução adjetiva

As palavras descritas acima são as classes de palavras que podem assumir a função sintática de adjunto adnominal. Para não esquecer quais as classes que podem assumir função de adjunto adnominal, lembre-se da palavra **PLANA**:

P PRONOMES
L LOCUÇÃO
A ADJETIVO
N NUMERAL
A ARTIGO

OBS: Nem todos os pronomes podem assumir a função de adjuntos adnominais. Veja quais são os tipos de pronome passíveis de realizar essa função:

Pronomes*

<i>Demonstrativos</i>	Este, esse, aquele. Ex.: <u>Esse</u> menino é bonito.
<i>Indefinidos</i>	Algun, nenhum, muito, pouco, todo, outro, certo, tanto, quanto, qualquer. Ex.: <u>Alguma</u> vendedora pode me ajudar?
<i>Interrogativos</i>	Que, quem, qual, quanto. Ex.: <u>Qual</u> o livro mais caro?
<i>Possessivos</i>	Meu, teu, seu, nosso, vosso, seu. Ex.: <u>Meu</u> irmão chegou.
<i>Relativos</i>	O qual, cujo, quanto, que, quem, onde A <u>pessoa à qual</u> me refiro.

*inseridos apenas um exemplo em cada tipo, sem variação de gênero e número.



Na expressão utilizada acima, é fácil perceber que não há uma **ação** implícita, já que “anéis” não deriva de nenhum verbo.

Mas e se a expressão fosse: “**As construções de Roma são bonitas**”?

“construções” deriva do verbo “construir”, então como saber se “antigas” é complemento nominal ou adjunto adnominal? Basta fazer o mesmo movimento que fizemos no quadrinho anterior:

Amor ao próximo = O ato de amar ao próximo

“próximo” recebe a ação de amar, portanto é **complemento nominal**.

As construções de Roma ≠ O ato de construir Roma.

Não há, portanto, nenhuma ação implícita nessa expressão. Isso significa que ela é um **adjunto adnominal**.



COMPLEMENTO NOMINAL X ADJUNTO ADNOMINAL

Observe essa tabela. Ela contém as diferenças entre o complemento nominal e o adjunto adnominal.

	Complemento nominal	Adjunto Adnominal
Acompanha quem?	Substantivo abstrato, adjetivo e advérbio	Substantivo concreto ou abstrato
Preposição?	Tem preposição	Pode ou não ter preposição
Que tipo de termo?	Termo integrante, ou seja, INDISPENSÁVEL para completar o sentido	Termo acessório, ou seja, DISPENSÁVEL para completar o sentido

Vamos ver como essa distinção pode aparecer na prática:

(INSPER - 2015)

Cerco ao Ebola

A epidemia de Ebola que castiga os países africanos Serra Leoa, Guiné e Libéria ganhou contornos ainda mais preocupantes na semana passada. Na sexta-feira 8, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a proliferação do vírus uma emergência de saúde internacional.

(Adaptado: http://www.istoe.com.br/reportagens/376794_CERCO+AO+EBOLA)

Por apresentarem valores semânticos, os conectivos desempenham importante papel na construção dos textos.

Observa-se, por exemplo, que, na reportagem acima, o uso das preposições nas expressões “cerco ao Ebola” e “epidemia de Ebola” estabelece diferentes relações sintáticas. A função das expressões grifadas é, respectivamente,

- complemento nominal e adjunto adnominal
- adjunto adnominal e predicativo do sujeito
- agente da passiva e adjunto adnominal
- sujeito e complemento nominal
- adjunto adnominal e agente da passiva

Comentários: “cerco” e “epidemia” são ambos substantivos abstratos, portanto, “ao Ebola” e “epidemia” só podem ser complemento nominal ou adjunto adnominal.

Na expressão “Cerco ao Ebola” há uma ação inerente: Ato de fazer um cerco ao Ebola. Por isso, “ao Ebola” é complemento nominal.

Já na expressão “epidemia de Ebola” não há uma ação inerente. Além disso, “epidemia não deriva de nenhuma forma verbal. Por isso, “de Ebola” é adjunto adnominal. A alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois não há um verbo intermediando “epidemia” e “de Ebola”, portanto não há predicativo do sujeito.

A alternativa C está incorreta, pois agente da passiva demanda preposição “por” ou “pelo”.

A alternativa D está incorreta, pois não há relação sintática na expressão “cerco ao Ebola” que determine sujeito.

A alternativa E está incorreta, pois, pelas razões explicadas anteriormente, “ao Ebola” não é adjunto adnominal e nem “de Ebola” pode ser “agente da passiva”.

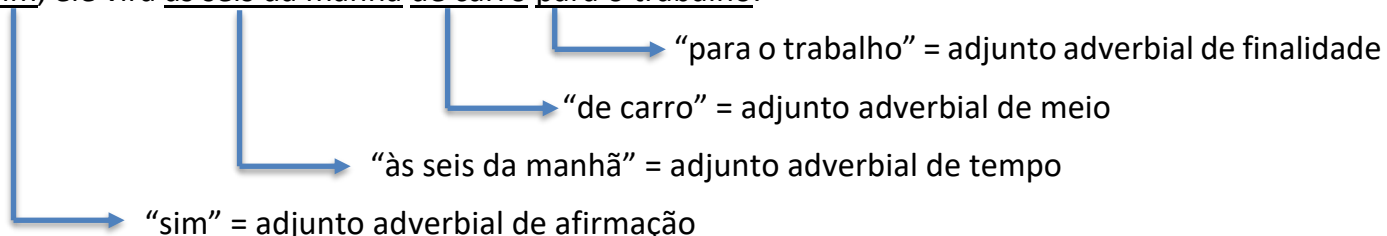
Gabarito: A

4.2 – ADJUNTO ADVERBIAL

O **adjunto adverbial** é um termo que acompanha verbos, adjetivos ou advérbio. Ele **intensifica o sentido** ou **especifica as circunstâncias**.

Ex.:

Sim, ele virá às seis da manhã de carro para o trabalho.



SE LIGA!

Os únicos termos que podem ser adjuntos adverbiais são **advérbios e locuções adverbiais**. Os adjuntos adverbiais também são classificados da mesma maneira (afirmação, condição, dúvida, finalidade etc.)

Portanto, **se você se lembrar como identificar e classificar um advérbio, você encontrará as locuções adverbiais facilmente.**



Vamos lembrar os principais tipos de advérbio e locução adverbial, pois são **os mesmos** que os tipos de adjunto adverbial. **Nessa tabela, você encontra os principais conectivos que indicam o tipo de locução adverbial correspondente.** Não se preocupe em decorar tudo.

O importante é que você saiba identificar o significado das expressões nas orações.

Assim, em “Andava com ele”, “com ele” é adjunto adverbial de companhia, indicado pela relação que “com” estabelece entre “andava” e “ele”.



Vamos ver os tipos possíveis:

Afirmção (ex.: Sim, certamente, realmente)	Adjunto adverbial de afirmação
Negação (ex.: Não, tampouco)	Adjunto adverbial de negação
Dúvida (ex.: Talvez, acaso, quiçá, porventura)	Adjunto adverbial de dúvida
Acréscimo (ex.: além de)	Adjunto adverbial de acréscimo
Assunto (ex.: sobre, de, a respeito de)	Adjunto adverbial de assunto
Causa (ex.: com, por, por causa de)	Adjunto adverbial de causa
Companhia (ex.: com, contigo)	Adjunto adverbial de companhia
Concessão (ex.: apesar de)	Adjunto adverbial de concessão
Condição (ex.: sem)	Adjunto adverbial de condição
Conformidade (ex.: conforme, segundo)	Adjunto adverbial de conformidade
Finalidade (ex.: para, a, a fim de, a fim de que)	Adjunto adverbial de finalidade
Frequência (ex.: sempre, todos os dias)	Adjunto adverbial de frequência
Instrumentos (ex.: com a faca, a mão)	Adjunto adverbial de instrumento
Intensidade (ex.: bastante, muito)	Adjunto adverbial de intensidade

Limite (ex.: até, à)	Adjunto adverbial de limite
Lugar (ex.: em Paris, de Roma, nas ruas, para São Paulo)	Adjunto adverbial de lugar
Matéria (ex.: de aço, de ouro)	Adjunto adverbial de matéria
Meio (ex.: de bicicleta, mediante fraude)	Adjunto adverbial de meio
Modo (ex.: a dedo, à vontade, tranquilamente)	Adjunto adverbial de modo
Tempo (ex.: das 8h às 9h, em junho, à noite)	Adjunto adverbial de tempo

Veja como isso pode aparecer num exercício de vestibular:

(IME – 2012)

Paciência

Composição: Lenine e Dudu Falcão

- (1) Mesmo quando tudo pede
- (2) Um pouco mais de calma
- (3) Até quando o corpo pede
- (4) Um pouco mais de alma
- (5) A vida não para...

- (6) Enquanto o tempo
- (7) Acelera e pede pressa
- (8) Eu me recuso, faço hora
- (9) Vou na valsa
- (10) A vida tão rara...

- (11) Enquanto todo mundo
- (12) Espera a cura do mal
- (13) E a loucura finge
- (14) Que isso tudo é normal
- (15) Eu finjo ter paciência...

- (16) O mundo vai girando
- (17) Cada vez mais veloz
- (18) A gente espera do mundo
- (19) E o mundo espera de nós
- (20) Um pouco mais de paciência...

- (21) Será que é tempo
- (22) Que lhe falta para perceber?
- (23) Será que temos esse tempo
- (24) Para perder?

(25) E quem quer saber?

(26) A vida é tão rara

(27) Tão rara...

(28) Mesmo quando tudo pede

(29) Um pouco mais de calma

(30) Até quando o corpo pede

(31) Um pouco mais de alma

(32) Eu sei, a vida não para

(33) A vida não para, não...

(34) Será que é tempo

(35) Que lhe falta para perceber?

(36) Será que temos esse tempo

(37) Para perder?

(38) E quem quer saber?

(39) A vida é tão rara

(40) Tão rara...

(41) Mesmo quando tudo pede

(42) Um pouco mais de calma

(43) Até quando o corpo pede

(44) Um pouco mais de alma

(45) Eu sei, a vida não para

(46) A vida não para...

(47) A vida não para...

Disponível

em: <<http://www.vagalume.com.br/lenine/paciencia.html>>

Acesso em 01 jun 11.



Os versos destacados a seguir servem de base para esta questão.

“A gente espera do mundo” / “E o mundo espera de nós” (v. 18 e 19)

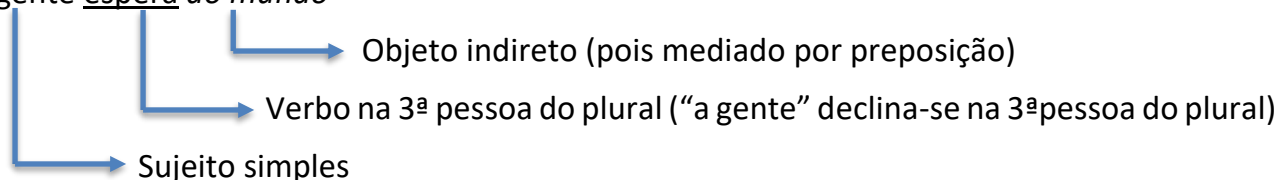
A construção de sentido do texto *Paciência* é elaborada, basicamente, pelo jogo de oposições. Os autores dos versos exploram duas ocorrências do termo *mundo* em diferentes contextos sintáticos para manterem esse jogo que conduz a letra da canção.

Assinale a alternativa em que a função sintática desempenhada pelo termo *mundo* nos versos acima está corretamente identificada.

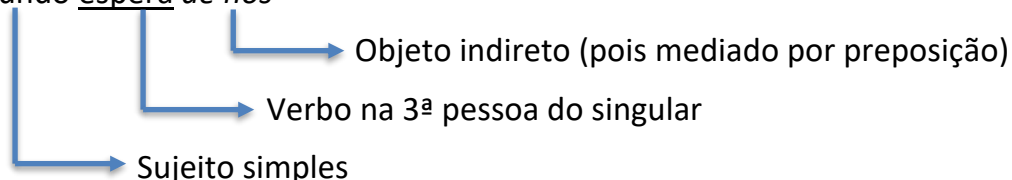
- a) objeto direto/sujeito
- b) adjunto adverbial/adjunto adnominal
- c) adjunto adverbial/sujeito
- d) sujeito/objeto direto
- e) objeto indireto/sujeito

Comentários: Em exercícios como esse, o melhor modo de resolução é fazer a análise sintática das orações e procurar depois a alternativa correspondente. Portanto:

“A gente espera do mundo”



“E o mundo espera de nós”



Portanto, a alternativa correta é alternativa E.

Gabarito: E

4.3 – APOSTO

O **aposto** é um termo que é acrescentado à oração com o objetivo de **explicar, esclarecer, desenvolver** ou **resumir** algum outro termo.

Ex.: Pelé, o rei do futebol, jogou até os 37 anos.

→ “o rei do futebol” é um aposto de “Pelé”.

Um aposto pode ser, portanto:

- Explicativo: explica ou esclarece algum termo da oração. Aparece sempre **entre vírgulas, entre parênteses** ou **entre travessões**.

Ex.: Mario, o aluno mais inteligente, passou no vestibular.

→ “o aluno mais inteligente” é aposto explicativo de Mario.

- Comparativo: explica ou esclarece a partir de **comparação com outros elementos**. Aparece sempre **entre vírgulas, entre parênteses** ou **entre travessões**.

Ex.: Os olhos, janelas da alma, não mentem jamais.

→ “janelas da alma” é um aposto comparativo de “olhos”.

- Enumerativo: enumera as partes que **constituem um termo em especial**. Aparece sempre **após dois pontos, entre vírgulas** ou **entre travessões**

Ex.: Já viajei por todo o Brasil: Norte e Sul.

→ “Norte e Sul” é um aposto enumerativo de “Brasil”.

- Recapitulativo (resumidor): **resume diversos termos em um só**, que o recapitula.

Ex.: Chuva ou sol, nada mudará nossos planos.

→ “nada” é um aposto recapitulativo de “chuva ou sol”.

Não se preocupe em identificar os tipos de aposto pelo nome. Esse conteúdo não é cobrado nas provas. Você deve apenas ser capaz de entender as funções que ele assume.

ATENÇÃO:

Nos vestibulares, esse tema costuma aparecer ligado a questões em que é comparado a **vocativos**. No tópico 4.4. veremos melhor o assunto.

4.4 – VOCATIVO

O **vocativo** é um termo que **interpela o interlocutor diretamente**. Serve para **invocar, chamar ou nomear** alguém, normalmente de maneira enfática. **Vem sempre antes ou entre vírgulas**.

Ex.: Minha filha, venha aqui imediatamente.

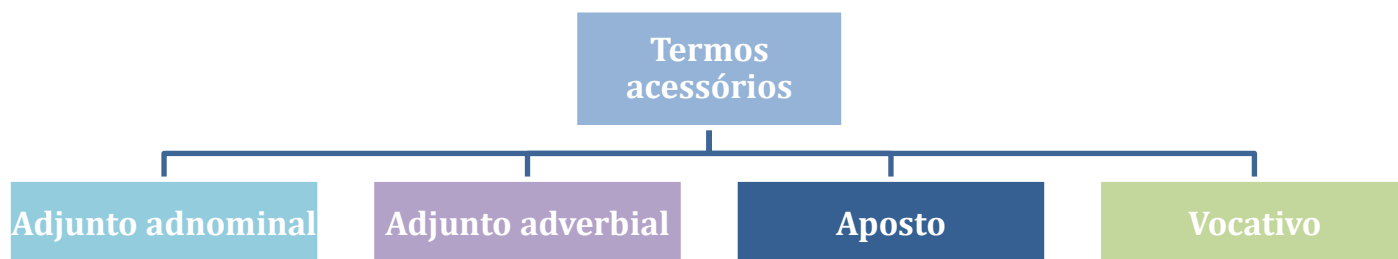
→ “Minha filha” é a pessoa a quem se chama.

Ó, Deus, ouça meu pedido. venha aqui imediatamente.

→ “Deus” é a pessoa a quem se invoca.

Você, Paulo, é o vencedor.

→ “Paulo” é a pessoa a quem se nomeia vencedor.



5 – QUESTÕES



Antes de começar as questões, alguns avisos:

- Você irá perceber que há apenas 6 questões do IME nessa aula. Isso porque esse é um assunto que costuma aparecer muito mais em exercícios analisando o **valor dos conectivos**. Outras bancas, como a Vunesp e a FGV costumam dar espaço a exercícios sobre termos e classificação de orações.
- **O mais importante dos exercícios é treinar você para compreender os valores dos conectivos e quais relações estabelecem entre as orações.**
- Lembre-se sempre que o mais importante é entender as relações. Não perca tempo decorando nomes. Você deve ser capaz de compreender os significados.
- Algumas alternativas foram adaptadas por conter textos muito longos. Nesses casos, optamos por colocar apenas um trecho para que o material não ficasse tão extenso.

Vamos lá?

5.1 – LISTA DE QUESTÕES

1. (IME – 2015) adaptada

Assinale a alternativa em que o termo em destaque possui classificação sintática diferente daquele destacado no trecho a seguir:

“Achava-me incapaz de pertencer àquilo.”

- a) “Eu, sem saber nadar em versos, afogava-me na incompreensão de um soneto”
- b) “Estudos anteriores com a mesma paciente revelaram que ela não conseguia reconhecer expressões faciais de medo”
- c) “Quando ela foi convidada a lembrar como se sentiu durante as situações, respondeu que não sentiu medo, mas que se sentia chateada e irritada com o que aconteceu.”
- d) “Ela tem uma incapacidade de detectar e evitar situações ameaçadoras, o que provavelmente contribuiu para a frequência com que ela enfrentou riscos.”
- e) “Autossabotagem. São atitudes forjadas por uma parte de nós que não nos vê como merecedoras do sucesso ou que subestima nossa capacidade de lidar com a vitória.”

2. (IME - 2015) adaptada

Assinale a opção em que a função sintática do termo em destaque é diferente daquela exercida pelos demais.

- a) “Eu sempre escolhia o poema mais curto da lista que a escola sugeria.”
- b) “Além disso, durante três meses ela carregou um diário que informatizava sua emoção.”
- c) “Pode ser aquela espinha que apareceu no nariz no dia daquele encontro especial.”
- d) “É o quase que me incomoda.”
- e) “Basta pensar nas oportunidades que escaparam pelos dedos.”

3. (IME – 2015)

“Um romance cujo fim é instantâneo ou indolor não é romance.”

“Se hoje eu pudesse falar com aquele menino, diria-lhe que a poesia não é nenhum decassílabo de sete cabeças.”

Os pronomes em destaque desempenham, respectivamente, a função de:

- a) adjunto adverbial / objeto indireto.
- b) objeto indireto / objeto direto.
- c) adjunto adnominal / objeto indireto.
- d) adjunto adnominal / adjunto adverbial.
- e) objeto indireto / objeto indireto.



4. (IME – 2015)

“Podia ser o verso mais delicado do mundo, eu tinha medo.”

O fragmento em destaque expressa ideia de:

- a) Causa.
- b) Finalidade.
- c) Condição.
- d) Concessão.
- e) Consequência.

5. (IME - 2012)

Paciência

Composição: Lenine e Dudu Falcão

- (1) Mesmo quando tudo pede
- (2) Um pouco mais de calma
- (3) Até quando o corpo pede
- (4) Um pouco mais de alma
- (5) A vida não para...

- (6) Enquanto o tempo
- (7) Acelera e pede pressa
- (8) Eu me recuso, faço hora
- (9) Vou na valsa
- (10) A vida tão rara...

- (11) Enquanto todo mundo
- (12) Espera a cura do mal
- (13) E a loucura finge
- (14) Que isso tudo é normal
- (15) Eu finjo ter paciência...

- (16) O mundo vai girando
- (17) Cada vez mais veloz
- (18) A gente espera do mundo
- (19) E o mundo espera de nós
- (20) Um pouco mais de paciência...

- (21) Será que é tempo
- (22) Que lhe falta para perceber?

- (23) Será que temos esse tempo
- (24) Para perder?
- (25) E quem quer saber?
- (26) A vida é tão rara
- (27) Tão rara...

- (28) Mesmo quando tudo pede
- (29) Um pouco mais de calma
- (30) Até quando o corpo pede
- (31) Um pouco mais de alma
- (32) Eu sei, a vida não para
- (33) A vida não para, não...

- (34) Será que é tempo
- (35) Que lhe falta para perceber?
- (36) Será que temos esse tempo
- (37) Para perder?
- (38) E quem quer saber?
- (39) A vida é tão rara
- (40) Tão rara...

- (41) Mesmo quando tudo pede
- (42) Um pouco mais de calma
- (43) Até quando o corpo pede
- (44) Um pouco mais de alma
- (45) Eu sei, a vida não para
- (46) A vida não para...

- (47) A vida não para...

Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/lenine/paciencia.html>> Acesso em 01 jun. 11.



Quanto à função sintática de termos do texto abaixo destacados:

- I. “tudo” (v. 1), “eu” (v. 8), “todo mundo” (v. 11), “mundo” (v. 16) e “nós” (v. 19) exercem a função sintática de sujeito.
- II. “Um pouco mais de calma” (v. 2), “um pouco mais de alma” (v. 4), “hora” (v. 8), “a cura do mal” (v. 12), “que isso tudo é normal” (v. 14) exercem função sintática de objeto direto.
- III. “Mais” e “veloz” (v. 17) são adjuntos adverbiais de intensidade.

Assinale a alternativa correta.

- a) Os itens I, II e III estão corretos.
- b) Somente os itens I e II estão corretos.
- c) Somente os itens II e III estão corretos.
- d) Somente o item II está correto.
- e) Somente o item III está correto.

6. (IME - 2010) adaptada

Acerca dos sujeitos dos verbos “entrou” e “estabeleceram” presentes em:

“Anchieta e Nóbrega tiveram um conflito com Duarte da Costa e decidiram iniciar as negociações de paz com os tamoios em Iperoig (hoje Ubatuba). Anchieta, falando tupi-guarani 25e viajando por toda aquela costa, foi crucial para ganhar a confiança dos índios, e, após muitos incidentes, estabeleceu-se a paz entre tamoios, tupinambás e portugueses. Nessa época, Anchieta escreveu o "Poema em Louvor à Virgem Maria", com 5.732 versos, alguns dos quais traçados nas areias das praias.

Em 1565, entrou com Estácio de Sá na baía de Guanabara, onde estabeleceram os fundamentos do que viria a ser a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.”

Podemos afirmar que

- a) são respectivamente a cidade do Rio de Janeiro e a baía da Guanabara.
- b) Nóbrega é o sujeito da forma verbal “entrou”; Nóbrega e Estácio de Sá, da forma verbal “estabeleceram”.
- c) Anchieta é o sujeito da forma verbal “entrou”; Anchieta e Estácio de Sá, da forma verbal “estabeleceram”.
- d) Nóbrega é sujeito da forma verbal “entrou”; Anchieta, Nóbrega e Duarte da Costa da forma verbal “estabeleceram”.
- e) não existem: são orações sem sujeito.



Texto para as questões 7 e 8:

Pichação-arte é pixação?

As discussões muitas vezes acaloradas sobre o reconhecimento da pixação como expressão artística trazem à tona um questionamento conceitual importante: uma vez considerado arte contemporânea, o movimento perderia sua essência? Para compreendermos os desdobramentos da pixação, alguns aspectos presentes no graffiti são essenciais e importantes de serem resgatados. O graffiti nasceu originalmente nos EUA, na década de 1970, como um dos elementos da cultura hip-hop (Break, MC, DJ e Graffiti). Daí até os dias atuais, ele ganhou em força, criatividade e técnica, sendo reconhecido hoje no Brasil como graffiti artístico. Sua caracterização como arte contemporânea foi consolidada definitivamente por volta do ano 2000.

A distinção entre graffiti e pixação é clara; ao primeiro é atribuída a condição de arte, e o segundo é classificado como um tipo de prática de vandalismo e depredação das cidades, vinculado à ilegalidade e marginalidade. Essa distinção das expressões deu-se em boa parte pela institucionalização do graffiti, com os primeiros resquícios já na década de 1970.

Esse desenvolvimento técnico e formal do graffiti ocasionou a perda da potência subversiva que o marca como manifestação genuína de rua e caminha para uma arte de intervenção domesticada enquadrada cada vez mais nos moldes do sistema de arte tradicional. O grafiteiro é visto hoje como artista plástico, possuindo as características de todo e qualquer artista contemporâneo, incluindo a prática e o status. Muito além da diferenciação conceitual entre as expressões – ainda que elas compartilhem da mesma matéria-prima – trata-se de sua força e essência intervencionista.

Estudos sobre a origem da pixação afirmam que o graffiti nova-iorquino original equivale à pixação brasileira; os dois mantêm os mesmos princípios: a força, a explosão e o vazio. Uma das principais características do pixo é justamente o esvaziamento sígnico, a potência esvaziada. Não existem frases poéticas, nem significados. A pichação possui dimensão incomunicativa, fechada, que não conversa com a sociedade. Pelo contrário, de certa forma, a agride. A rejeição do público geral reside na falta de compreensão e inteligência das inscrições; apenas os membros da própria comunidade de pixadores decifram o conteúdo.

A significância e a força intervencionista do pixo residem, portanto, no próprio ato. Ela é evidenciada pela impossibilidade de inserção em qualquer estatuto pré-estabelecido, pois isso pressuporia a diluição e a perda de sua potência signo-estética. Enquanto o graffiti foi sendo introduzido como uma nova expressão de arte contemporânea, a pichação utilizou o princípio de não autorização para fortalecer sua essência.

Mas o quão sensível é essa forma de expressão extremista e antissistema como a pixação? Como lidar com a linha tênue dos princípios estabelecidos para não cair em contradição? Na 26ª Bienal de Arte de São Paulo, em 2004, houve um caso de pixo na obra do artista cubano naturalizado americano, Jorge Pardo. Seu comentário, diante da intervenção, foi “Se alguém faz alguma coisa no seu trabalho, isso é positivo, para mim, porque escolheram a minha peça entre as expostas” [...]. “Quem fez isso deve discordar de alguma coisa na obra. Pode ser outro artista fazendo sua própria obra dentro da minha. Pode ser só uma brincadeira” e finalizou dizendo que “pichar a obra de alguém também não é tão incomum. Já é tradicional”.



É interessante notar, a partir do depoimento de Pardo, a recorrência de padrões em movimentos de qualquer natureza, e o inevitável enquadramento em algum tipo de sistema, mesmo que imposto e organizado pelos próprios elementos do grupo. Na pixação, levando em conta o “sistema” em que estão inseridos, constatamos que também passa longe de ser perfeito; existe rivalidade pesada entre gangues, hierarquia e disputas pelo “poder”.

Em 2012, a Bienal de Arte de Berlim, com o tema “Forget Fear”, considerado ousado, priorizou fatos e inquietações políticas da atualidade. Os pixadores brasileiros, Cripta (Djan Ivson), Biscoito, William e R.C., foram convidados na ocasião para realizar um workshop sobre pixação em um espaço delimitado, na igreja Santa Elizabeth. Eles compareceram. Mas não seguiram as regras impostas pela curadoria, ao pixar o próprio monumento. O resultado foi tumulto e desentendimento entre os pixadores e a curadoria do evento.

O grande dilema diante do fato é que, ao aceitarem o convite para participar de uma bienal de arte, automaticamente aceitaram as regras e o sistema imposto. Mesmo sem adotar o comportamento esperado, caíram em contradição. Por outro lado, pela pichação ser conhecidamente transgressora (ou pelo jeito, não tão conhecida assim), os organizadores deveriam pressupor que eles não seguiriam padrões pré-estabelecidos.

Embora existam movimentos e grupos que consideram, sim, a pixação como forma de arte, como é o caso dos curadores da Bienal de Berlim, há uma questão substancial que permeia a realidade dos pichadores. Quem disse que eles querem sua expressão reconhecida como arte? Se arte pressupõe, como ocorreu com o graffiti, adaptar-se a um molde específico, seguir determinadas regras e por consequência ver sua potência intervencionista diluída e branda, é muito improvável que tenham esse desejo.

A representação da pixação como forma de expressão destrutiva, contra o sistema, extremista e marginalizada é o que a mantém viva. De certo modo, a rejeição e a ignorância do público é o que garante sua força intervencionista e a tão importante e sensível essência.

Adaptado de: CARVALHO, M. F. Pichação-arte é pixação? Revista Arruaça, Edição nº 0. Casper Líbero, 2013. Disponível em <<https://casperlibero.edu.br/revistas/pichacao-arte-e-pixacao/>> Acesso em: maio 2018.

7. (ITA - 2019)

Assinale a alternativa em que o trecho sublinhado expressa ideia de causa.

- a) Essa distinção das expressões deu-se em boa parte pela institucionalização do graffiti, com os primeiros resquícios já na década de 1970.
- b) Enquanto o graffiti foi sendo introduzido como uma nova expressão de arte contemporânea, a pichação utilizou o princípio de não autorização para fortalecer sua essência.
- c) A rejeição do público geral reside na falta de compreensão e inteligência das inscrições; apenas os membros da própria comunidade decifram o conteúdo.
- d) Mesmo sem adotar o comportamento esperado, caíram em contradição.
- e) O grafiteiro é visto hoje como artista plástico, possuindo as características de todo e qualquer artista contemporâneo, incluindo a prática e o status.



8. (ITA – 2019)

Assinale a alternativa cujo trecho sublinhado denota uma condição.

- a) [...] trazem à tona um questionamento conceitual importante: uma vez considerado arte contemporânea, o movimento perderia sua essência?
- b) [...] ele ganhou em força, criatividade e técnica, sendo reconhecido hoje no Brasil como graffiti artístico.
- c) Muito além da diferenciação conceitual entre as expressões – ainda que elas compartilhem da mesma matéria-prima [...]
- d) Ela é evidenciada pela impossibilidade de inserção em qualquer estatuto pré-estabelecido, pois isso pressuporia a diluição e a perda de sua potência signo-estética.
- e) “Se alguém faz alguma coisa no seu trabalho, isso é positivo, para mim, porque escolheram a minha peça entre as expostas” [...]

9. (ITA - 2012)

Moradores de Higienópolis admitiram ao jornal Folha de S. Paulo que a abertura de uma estação de metrô na avenida Angélica traria “gente diferenciada” ao bairro. Não é difícil imaginar que alguns vizinhos do Morumbi compartilhem esse medo e prefiram o isolamento garantido com a inexistência de transporte público de massa por ali.

Mas à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros, erguer fortalezas e se refugiar em ambientes distantes do Brasil real, o poder público não fez a sua parte em desmentir que a chegada do transporte de massas não degrade a paisagem urbana.

Enrique Peñalosa, ex-prefeito de Bogotá, na Colômbia, e grande especialista em transporte coletivo, diz que não basta criar corredores de ônibus bem asfaltados e servidos por diversas linhas. Abrigos confortáveis, boa iluminação, calçamento, limpeza e paisagismo que circundam estações de metrô ou pontos de ônibus precisam mostrar o status que o transporte público tem em uma determinada cidade.

Se no entorno do ponto de ônibus, a calçada está esburacada, há sujeira e a escuridão afugenta pessoas à noite, é normal que moradores não queiram a chegada do transporte de massa.

A instalação de linhas de monotrilho ou de corredores de ônibus precisa vitaminar uma área, não destruí-la.

Quando as grades da Nove de Julho foram retiradas, 2ª avenida ficou menos tétrica, quase bonita. Quando o corredor da Rebouças fez pontos muito modestos, que acumulam diversos ônibus sem dar vazão a desembarques, 3ª imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.

Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os “trams” das cidades alemãs e suíças. Mesmo em uma cidade de 16 milhões de habitantes na Turquia, país emergente como o Brasil, houve cuidado com os abrigos feitos de vidro, com os bancos caprichados – em formato de livro – e com a iluminação. Restou menos espaço para os carros



porque a ideia ali era tentar convencer na marra os motoristas a deixarem mais seus carros em casa e usarem o transporte público.

Se os monotrilhos do Morumbi, de fato, se parecerem com um Minhocão*, o Godzilla do centro de São Paulo, os moradores deveriam protestar, pedindo melhorias no projeto, detalhamento dos materiais, condições e impacto dos trilhos na paisagem urbana. Se forem como os antigos bondes, ótimo.

Mas se os moradores simplesmente recusarem qualquer ampliação do transporte público, que beneficiará diretamente os milhares de prestadores de serviço que precisam trabalhar na região do Morumbi, vai ser difícil acreditar que o problema deles não seja a gente diferenciada que precisa circular por São Paulo.

(Raul Justes Lores. Folha de S. Paulo, 07/10/2010. Adaptado.)

(*) Elevado Presidente Costa e Silva, ou Minhocão, é uma via expressa que liga o Centro à Zona Oeste da cidade de São Paulo.

Em sentido amplo, a relação de causa e efeito nem sempre é estabelecida por conectores (porque, visto que, já que, pois etc.). Outros recursos também são usados para atribuir relação de causa e efeito entre dois ou mais segmentos. Isso ocorre nas opções abaixo, exceto em

- a) [...] a abertura de uma estação de metrô na avenida Angélica traria “gente diferenciada” ao bairro.
- b) [...] a escuridão afugenta pessoas à noite [...].
- c) A instalação de linhas de monotrilho ou de corredores de ônibus precisa vitaminar uma área [...].
- d) Quando as grades da Nove de Julho foram retiradas, a avenida ficou menos tétrica [...].
- e) [...] a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.

10. (ITA – 2012)

Gosto de olhar as capas das revistas populares no supermercado nestes tempos de corrida do ouro da classe C. A classe C é uma versão sem neve e de biquíni do Yukon do tio Patinhas quando jovem pato. Lembro do futuro milionário disneyano enfrentando a nevasca para obter suas primeiras patacas. Era preciso conquistar aquele território com a mesma sofreguidão com que se busca, agora, fincar a bandeira do consumo no seio dos emergentes brasileiros.

Em termos jornalísticos, é sempre aquela concepção de não oferecer o biscoito fino para a massa. É preciso dar o que a classe C quer ler – ou o que se convencionou a pensar que ela quer ler. Daí as políticas de didatismo nas redações, com o objetivo de deixar o texto mastigado para o leitor e tornar estanque a informação dada ali. Como se não fosse interessante que, ao não compreender algo, ele fosse beber em outras fontes. Hoje, com a Internet, é facilímo, está ao alcance da vista de quase todo mundo.

Outro aspecto é seguir ao pé da letra o que dizem as pesquisas na hora de confeccionar uma revista popular. Tomemos como exemplo a pesquisa feita por uma grande editora sobre “a mulher da classe C” ou “nova classe média”. Lá, ficamos sabendo que: a mulher da classe C vai consumir cada vez mais artigos de decoração e vai investir na reforma de casa; que ela



gasta muito com beleza, sobretudo o cabelo; que está preocupada com a alimentação; e que quer ascender social e profissionalmente. É com base nestes números que a editora oferece o produto – a revista – ao mercado de anunciantes. Normal.

Mas no que se transformam, para o leitor, estes dados? Preocupação com alimentação? Dietas amalucadas? A principal chamada de capa destas revistas é alguma coisa esdrúxula como: “perdi 30 kg com fibras naturais”, “sequei 22 quilos com cápsulas de centelha asiática”, “emagreci 27 kg com florais de Bach e colágeno”, “fiquei magra com a dieta da aveia” ou “perdi 20 quilos só comendo linhaça”. Pelo amor de Deus, quem é que vai passar o dia comendo linhaça? Estão confundindo a classe C com passarinho, só pode.

Quer reformar a casa? Nada de dicas de decoração baratas e de bom gosto. O objetivo é ensinar como tomar empréstimo e comprar móveis em parcelas. Ou então alguma coisa “criativa” que ninguém vai fazer, tipo uma parede toda de filtros de café usados. Juro que li isso. A parte de ascensão profissional vem em matérias como “fiquei famosa vendendo bombons de chocolate feitos em casa” ou “lucro 2500 reais por mês com meus doces”. Falar das possibilidades de voltar a estudar, de ter uma carreira ou se especializar para ser promovido no trabalho? Nada. Dicas culturais de leitura, filmes, música, então, nem pensar.

Cada vez que vejo pesquisas dizendo que a mídia impressa está em baixa penso nestas revistas. A internet oferece grátis à classe C um cardápio ainda pobre, mas bem mais farto. Será que a nova classe média quer realmente ler estas revistas? A vendagem delas é razoável, mas nada impressionante. São todas inspiradas nas revistas populares inglesas, cuja campeã é a “Take a Break”. A fórmula é a mesma de uma “Sou + Eu”: dietas, histórias reais de sucesso ou escabrosas e distribuição de prêmios. Além deste tipo de abordagem também fazem sucesso as publicações de fofocas de celebridades ou sobre programas de TV – aqui, as novelas.

Sei que deve ser utopia, mas gostaria de ver publicações para a classe C que ensinassem as pessoas a se alimentar melhor, que mostrassem como a obesidade anda perigosa no Brasil porque se come mal. Atacando, inclusive, refrigerantes, redes de fast food e guloseimas, sem se preocupar em perder anunciantes. Que priorizassem não as dietas, mas a educação alimentar e a importância de fazer exercícios e de levar uma vida saudável. Gostaria de ver reportagens ensinando as mulheres da classe C a se sentirem bem com seu próprio cabelo, muitas vezes cacheado, em vez de simplesmente copiarem as famosas. Que mostrassem como é possível se vestir bem gastando pouco, sem se importar com marcas.

Gostaria de ler reportagens nas revistas para a classe C alertando os pais para que vejam menos televisão e convivam mais com os filhos. Que falassem da necessidade de tirar as crianças do computador e de levá-las para passear ao ar livre. Que tivessem dicas de livros, notícias sobre o mundo, ciências, artes – é possível transformar tudo isso em informação acessível e não apenas para conhecedores, como se a cultura fosse patrimônio das classes A e B. Gostaria, enfim, de ver revistas populares que fossem feitas para ler de verdade, e que fizessem refletir. Mas a quem interessa que a classe C tenha suas próprias ideias?

(Cynara Menezes, 15/07/2011, em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/o-que-quer-a-classe-c>)

Considere as seguintes afirmações relativas a aspectos sintático-semânticos do texto:



- I. A chamada “perdi 20 quilos só comendo linhaça” foi interpretada como “perdi 20 quilos comendo só linhaça”.
- II. Nos dois últimos parágrafos, há recorrência de períodos fragmentados em que faltam as orações principais.
- III. Devido à estrutura da frase “Que mostrassem como é possível se vestir bem gastando pouco, sem se importar com marcas”, o segundo período ficaria melhor se fosse assim: “sem se importassem com marcas”.

Está correto o que se afirma apenas em

- a) I.
- b) I e II.
- c) II.
- d) II e III.
- e) III.

Texto para as questões 11 e 12:

11. (ITA - 2009)

A vegetação do cerrado é influenciada pelas características do solo e do clima, bem como pela frequência de incêndios. O excesso de alumínio provoca uma alta acidez no solo, o que diminui a disponibilidade de nutrientes e o torna tóxico para plantas não adaptadas. A hipótese do escleromorfismo oligotrófico defende que a elevada toxicidade do solo e a baixa fertilidade das plantas levariam ao nanismo e à tortuosidade da vegetação.

Além disso, a variação do clima nas diferentes estações (sazonalidade) tem efeito sobre a quantidade de nutrientes e o nível tóxico do solo. Com baixa umidade, a toxicidade se eleva e a disponibilidade de nutrientes diminui, influenciando o crescimento das plantas.

Já outra hipótese propõe que o formato tortuoso das árvores do cerrado se deve à ocorrência de incêndios. Após a passagem do fogo, as folhas e gemas (aglomerados de células que dão origem a novos galhos) sofrem necrose e morrem. As gemas que ficam nas extremidades dos galhos são substituídas por gemas internas, que nascem em outros locais, quebrando a linearidade do crescimento.

Quando a frequência de incêndios é muito elevada, a parte aérea (galhos e folhas) do vegetal pode não se desenvolver e ele se torna uma planta anã. Pode-se dizer, então, que a combinação entre sazonalidade, deficiência nutricional dos solos e ocorrência de incêndios determina as características da vegetação do cerrado.

(André Stella e Isabel Figueiredo. Ciência hoje, março/2008, adaptado.)

Considere o trecho abaixo:

“Após a passagem do fogo, as folhas e gemas (aglomerados de células que dão origem a novos galhos) sofrem necrose e morrem. As gemas que ficam nas extremidades dos galhos são substituídas por gemas internas, que nascem em outros locais, quebrando a linearidade do crescimento.” (3º parágrafo)

Nesse trecho, as orações adjetivas permitem afirmar que

- I. nem todas as células produzem novos galhos.
- II. algumas gemas se localizam nas extremidades dos galhos.
- III. todas as gemas internas nascem em outros pontos do galho.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas a I.
- b) apenas I e II.
- c) apenas a II.
- d) apenas a III.
- e) todas.

12. (ITA – 2009)

As relações de causalidade são estabelecidas no texto, entre outros recursos, pelos verbos. Assinale a opção em que o sujeito e o complemento do verbo NÃO correspondem, respectivamente, à ordem causa-consequência:

- a) O excesso de alumínio provoca uma alta acidez no solo [...].
- b) [...] a elevada toxicidade do solo e a baixa fertilidade das plantas levariam ao nanismo e à tortuosidade da vegetação.
- c) Com baixa umidade, a toxicidade se eleva e a disponibilidade de nutrientes diminui, influenciando o crescimento das plantas.
- d) [...] o formato tortuoso das árvores do cerrado se deve à ocorrência de incêndios.
- e) [...] a combinação entre sazonalidade, deficiência nutricional dos solos e ocorrência de incêndios determina as características da vegetação do cerrado.

Comentários: Na alternativa D há uma estrutura diferente da proposta no exercício. “o formato tortuoso das árvores do cerrado” é a consequência e “a ocorrência de incêndios” é a causa. Portanto, o sujeito contém a ideia de consequência e o objeto (aqui, indireto) contém a ideia de causa.

Seria possível resolver essa questão percebendo que, caso fosse utilizado o verbo “causar”, a frase seria “o formato tortuoso das árvores do cerrado é causado pela ocorrência de incêndios”. Seria, portanto, uma voz passiva em que “o formato tortuoso das árvores do

cerrado” = Sujeito paciente; e “ocorrência de incêndios” = Agente da passiva. Perceba como nas outras alternativas, o verbo está na voz ativa.

13. (ITA - 2002)

Tem gente que junta os trapos, outros juntam os pedaços.

O que, empregado como conectivo, introduz uma oração:

- a) substantiva.
- b) adverbial causal.
- c) adverbial consecutiva.
- d) adjetiva explicativa.
- e) adjetiva restritiva.

14. (FUVEST - 2019)

Mito, na acepção aqui empregada, não significa mentira, falsidade ou mistificação. Tomo de empréstimo a formulação de Hans Blumenberg do mito político como um processo contínuo de trabalho de uma narrativa que responde a uma necessidade prática de uma sociedade em determinado período. Narrativa simbólica que é, o mito político coloca em suspenso o problema da verdade. Seu discurso não pretende ter validade factual, mas também não pode ser percebido como mentira (do contrário, não seria mito). O mito político confere um sentido às circunstâncias que envolvem os indivíduos: ao fazê-los ver sua condição presente como parte de uma história em curso, ajuda a compreender e suportar o mundo em que vivem.

ENGELKE, Antonio. O anjo redentor. Piauí, ago. 2018, ed. 143, p. 24.

Sobre o sujeito da oração “em que vivem”, é correto afirmar:

- a) Expressa indeterminação, cabendo ao leitor deduzir a quem se refere a ação verbal.
- b) Está oculto e visa evitar a repetição da palavra “circunstâncias”.
- c) É uma função sintática preenchida pelo pronome “que”.
- d) É indeterminado, tendo em vista que não é possível identificar a quem se refere a ação verbal.
- e) Está oculto e seu referente é o mesmo do pronome “os” em “fazê-los”.

15. (FGV - 2018)

Quando você significa eu

Outro dia, deitado no divã em uma seção de análise, descrevi meus sentimentos. “Quando sobe a raiva, você perde a capacidade de ser generoso.” Antes de terminar a frase, eu me dei

conta de que tinha usado “você”, apesar de estar descrevendo um comportamento meu. Instintivamente repeti a frase. “Quando sobe a raiva, eu perco a capacidade de ser generoso.”

Não me senti bem. Não era o que eu queria expressar. O que seria esse estranho “você” que havia usado falando de mim, e seguramente não me referindo a ele, meu analista, que era o único na sala? Como você sabe, o “você” normal é usado como nessa frase, para se referir ao interlocutor. Descobri que esse estranho “você” é o chamado “você” genérico e pode significar muitas coisas, entre elas “eu e toda a humanidade”. O que eu queria dizer era o seguinte: “Quando sobe a raiva, eu e toda a humanidade perdemos a capacidade de sermos generosos.” Ao usar o “você” genérico estava tentando me eximir um pouco da culpa.

Imagine qual não foi minha surpresa ao me deparar com um estudo que investiga exatamente em que condições as pessoas usam esse “você” genérico. O prazer é grande quando você (o prazer é meu, mas estou usando o “você” genérico para expressar minha esperança que você também tenha esse prazer) lê sobre algo que já observou.

Fernando Reinach, O Estado de S. Paulo, 08/04/2017.

A oração “Ao usar o ‘você’ genérico” (final do segundo parágrafo) expressa ideia de

- a) causa.
- b) consequência.
- c) tempo.
- d) condição.
- e) finalidade.

16. (FGV - 2018)

A revolução chama Pedro Bala como Deus chamava Pirulito nas noites do trapiche. É uma voz poderosa dentro dele, poderosa como a voz do mar, como a voz do vento, tão poderosa como uma voz sem comparação. Como a voz de um negro que canta num saveiro o samba que Boa-Vida fez:

“Companheiros, chegou a hora...”

A voz o chama. Uma voz que o alegra, que faz bater seu coração. Ajudar a mudar o destino de todos os pobres. Uma voz que atravessa a cidade, que parece vir dos atabaques que ressoam nas macumbas da religião ilegal dos negros. Uma voz que vem com o ruído dos bondes onde vão os condutores e motorneiros grevistas. Uma voz que vem do cais, do peito dos estivadores, de João de Adão, de seu pai morrendo num comício, dos marinheiros dos navios, dos saveiristas e dos canoeiros. Uma voz que vem do grupo que joga a luta da capoeira, que vem dos golpes que o Querido-de-Deus aplica. Uma voz que vem mesmo do padre José Pedro, padre pobre de olhos espantados diante do destino terrível dos Capitães da Areia. Uma voz que vem das filhas de santo do candomblé de Don’Aninha, na noite que a polícia levou Ogum. Voz que vem do trapiche dos Capitães da Areia. Que vem do reformatório e do orfanato. Que vem do ódio do Sem-Pernas se atirando do elevador para não se entregar. Que vem no trem



da Leste Brasileira, através do sertão, do grupo de Lampião pedindo justiça para os sertanejos. Que vem de Alberto, o estudante pedindo escolas e liberdade para a cultura. Que vem dos quadros de Professor, onde meninos esfarrapados lutam naquela exposição da rua Chile. Que vem de Boa- Vida e dos malandros da cidade, do bojo dos seus violões, dos sambas tristes que eles cantam. Uma voz que vem de todos os pobres, do peito de todos os pobres. Uma voz que diz uma palavra bonita de solidariedade, de amizade: companheiros. Uma voz que convida para a festa da luta.

Jorge Amado, Capitães da Areia.

Na frase “Como a voz de um negro que canta num saveiro o samba que Boa-Vida fez”, o pronome relativo “que”, em relação ao verbo “canta”, exerce a função de _____ e, em relação ao verbo “fez”, exerce a função de _____.

Essas lacunas dessa frase devem ser preenchidas, respectivamente, por:

- a) sujeito; objeto indireto.
- b) sujeito; objeto direto.
- c) objeto direto; sujeito.
- d) objeto direto; objeto indireto.
- e) objeto indireto; objeto direto.

17. (INSPER - 2018)

Os memes – termo usado para se referir a um conceito ou imagem que se espalha rapidamente no mundo virtual – costumam surgir de um fato inusitado ou de uma situação engraçada que se espalha pela internet e começa a ganhar variadas versões. Em época de eleições, os candidatos viram alvos perfeitos dessas paródias.

Especialistas ouvidos pelo Estado dizem, no entanto, que o surgimento desses “memes políticos” não significa que as pessoas estejam mais interessadas em discutir política. “Isso aconteceria se elas estivessem debatendo propostas dos candidatos. O meme surge só para divertir”, diz o consultor em marketing político Carlos Manhanelli.

Rafael Sbarai, pesquisador de mídias digitais, concorda. Para ele, o fenômeno se explica pela tecnologia, não pela política. “Temos hoje mais pessoas conectadas, mais pessoas passando mais tempo nas redes sociais, especialmente no Facebook.”

O especialista em marketing político digital Gabriel Rossi recomenda: quando algum candidato for alvo de um meme, desde que ele não seja ofensivo, as campanhas têm de encarar o fato com bom humor.

(<http://politica.estadao.com.br>)



No segundo parágrafo, emprega-se a expressão “no entanto”, em relação às informações do parágrafo anterior, com a finalidade de indicar uma

- a) comparação de ideias, com as quais se pode inferir que a análise de temas políticos já faz parte do cotidiano da maioria dos internautas.
- b) conclusão de ideias, com as quais se pode concluir que as pessoas têm se mostrado mais preocupadas atualmente em debater política.
- c) consequência de ideias, com as quais se pode comprovar a tendência do brasileiro em analisar a situação política do país com humor.
- d) contrajunção de ideias, com as quais se pode concluir que a discussão política perde espaço para o humor e para o entretenimento no mundo virtual.
- e) explicação de ideias, com as quais se pode entender que, no campo da política nacional, o humor tem espaço bastante restrito.

18. (UERJ - 2018)

“Se a rosa é uma rosa, a pedra deveria ser uma pedra.”

O trecho sublinhado se articula com o anterior expressando valor de:

- a) conclusão
- b) finalidade
- c) proporção
- d) conformidade

19. (UNIFESP - 2016)

Leia o excerto do “Sermão de Santo Antônio aos peixes” de Antônio Vieira (1608-1697).

A primeira cousa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. [...] Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens. Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os tapuias se comem uns aos outros, muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças e cruzar as ruas: vedes aquele subir e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quietação nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer.

[...]

Diz Deus que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe: Plebem meam, porque a plebe e os plebeus, que são os mais pequenos, os que menos podem,



e os que menos avultam na república, estes são os comidos. E não só diz que os comem de qualquer modo, senão que os engolem e os devoram: Qui devorant. Porque os grandes que têm o mando das cidades e das províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, poucos a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros: Qui devorant plebem meam. E de que modo se devoram e comem? Ut cibum panis: não como os outros comeres, senão como pão. A diferença que há entre o pão e os outros comeres é que, para a carne, há dias de carne, e para o peixe, dias de peixe, e para as frutas, diferentes meses no ano; porém o pão é comer de todos os dias, que sempre e continuamente se come: e isto é o que padecem os pequenos. São o pão cotidiano dos grandes: e assim como pão se come com tudo, assim com tudo, e em tudo são comidos os miseráveis pequenos, não tendo, nem fazendo ofício em que os não carreguem, em que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem: Qui devorant plebem meam, ut cibum panis. Parece-vos bem isto, peixes?

(Antônio Vieira. *Essencial*, 2011.)

“Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens.” (1º parágrafo) Nas duas ocorrências, o termo “para” estabelece relação de

- a) consequência.
- b) conformidade.
- c) proporção.
- d) finalidade.
- e) causa.

20. (UNIFESP - 2016)

Leia o excerto da crônica “Mineirinho” de Clarice Lispector (1925-1977), publicada na revista *Senhor* em 1962.

É, suponho que é em mim, como um dos representantes de nós, que devo procurar por que está doendo a morte de um facínora. E por que é que mais me adianta contar os treze tiros que mataram Mineirinho do que os seus crimes. Perguntei a minha cozinheira o que pensava sobre o assunto. Vi no seu rosto a pequena convulsão de um conflito, o mal-estar de não entender o que se sente, o de precisar trair sensações contraditórias por não saber como harmonizá-las. Fatos irredutíveis, mas revolta irredutível também, a violenta paixão da revolta. Sentir-se dividido na própria perplexidade diante de não poder esquecer que Mineirinho era perigoso e já matara demais; e no entanto nós o queríamos vivo. A cozinheira se fechou um pouco, vendo-me talvez como a justiça que se vinga. Com alguma raiva de mim, que estava mexendo na sua alma, respondeu fria: “O que eu sinto não serve para se dizer.

Quem não sabe que Mineirinho era criminoso? Mas tenho certeza de que ele se salvou e já entrou no céu”. Respondi-lhe que “mais do que muita gente que não matou”.

Por quê? No entanto a primeira lei, a que protege corpo e vida insubstituíveis, é a de que não matará. Ela é a minha maior garantia: assim não me matam, porque eu não quero morrer, e assim não me deixam matar, porque ter matado será a escuridão para mim.

Esta é a lei. Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina — porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro.

Essa justiça que vela meu sono, eu a repudio, humilhada por precisar dela. Enquanto isso durmo e falsamente me salvo. Nós, os sonsos essenciais. Para que minha casa funcione, exijo de mim como primeiro dever que eu seja sonsa, que eu não exerça a minha revolta e o meu amor, guardados. Se eu não for sonsa, minha casa estremece. Eu devo ter esquecido que embaixo da casa está o terreno, o chão onde nova casa poderia ser erguida. Enquanto isso dormimos e falsamente nos salvamos. Até que treze tiros nos acordam, e com horror digo tarde demais — vinte e oito anos depois que Mineirinho nasceu — que ao homem acuado, que a esse não nos matem. Porque sei que ele é o meu erro. E de uma vida inteira, por Deus, o que se salva às vezes é apenas o erro, e eu sei que não nos salvaremos enquanto nosso erro não nos for precioso. Meu erro é o meu espelho, onde vejo o que em silêncio eu fiz de um homem. Meu erro é o modo como vi a vida se abrir na sua carne e me espantei, e vi a matéria de vida, placenta e sangue, a lama viva. Em Mineirinho se rebentou o meu modo de viver.

(Clarice Lispector. Para não esquecer, 1999.)

facínora: diz-se de ou indivíduo que executa um crime com crueldade ou perversidade acentuada.

Mineirinho: apelido pelo qual era conhecido o criminoso carioca José Miranda Rosa. Acuado pela polícia, acabou crivado de balas e seu corpo foi encontrado à margem da Estrada Grajaú-Jacarepaguá, no Rio de Janeiro.

“O décimo terceiro tiro me assassina — porque eu sou o outro.” (3º parágrafo)

Em relação à oração que a precede, a oração destacada tem sentido de

- a) consequência.
- b) conclusão.
- c) alternância.
- d) causa.
- e) finalidade.

21. (UNESP - 2016)

Leia a crônica de Luís Fernando Veríssimo.



A invasão

A divisão ciência/humanismo se reflete na maneira como as pessoas, hoje, encaram o computador. Resiste-se ao computador, e a toda a cultura cibernética, como uma forma de ser fiel ao livro e à palavra impressa. Mas o computador não eliminará o papel. Ao contrário do que se pensava há alguns anos, o computador não salvará as florestas. Aumentou o uso do papel em todo o mundo, e não apenas porque a cada novidade eletrônica lançada no mercado corresponde um manual de instrução, sem falar numa embalagem de papelão e num embrulho para presente. O computador estimula as pessoas a escreverem e imprimirem o que escrevem. Como hoje qualquer um pode ser seu próprio editor, paginador e ilustrador sem largar o mouse, a tentação de passar sua obra para o papel é quase irresistível.

Desconfio que o que salvará o livro será o supérfluo, o que não tem nada a ver com conteúdo ou conveniência. Até que lancem computadores com cheiro sintetizado, nada substituirá o cheiro de papel e tinta nas suas duas categorias inimitáveis, livro novo e livro velho. E nenhuma coleção de gravações ornamentará uma sala com o calor e a dignidade de uma estante de livros. A tudo que falta ao admirável mundo da informática, da cibernética, do virtual e do instantâneo acrescenta-se isso: falta lombada. No fim, o livro deverá sua sobrevivência à decoração de interiores.

(O Estado de S.Paulo, 31.05.2015.)

Os termos “o uso do papel” e “um manual de instrução” (1º parágrafo) se identificam sintaticamente por exercerem nas respectivas orações a função de

- a) objeto direto.
- b) predicativo do sujeito.
- c) objeto indireto.
- d) complemento nominal.
- e) sujeito.

22. (UNESP - 2016)

O leão fugido

O leão fugido do circo vinha correndo pela rua quando viu um senhor à sua frente. Aí caminhou pé ante pé, bateu delicadamente nas costas do senhor e disse disfarçando a voz leonina o mais possível: “Cavalheiro, tenha cuidado e muita calma: acabei de ouvir dizer que um macaco fugiu do circo agora mesmo”. O cavalheiro, ouvindo o aviso, voltou-se, viu o leão e morreu de um ataque do coração. O leão então murmurou tristemente: “Não adianta nada. É tal a nossa fama de ferocidade que matamos, mesmo quando queremos agir em favor do próximo”.

Moral: A quem nasce feroz não importa o tom de voz.

(Millôr Fernandes, Fábulas Fabulosas)

Observe as passagens do texto:



- ... um macaco fugiu do circo agora mesmo.
- ... e morreu de um ataque do coração.

Quanto ao tipo de predicado das orações e à circunstância estabelecida pelas expressões “do circo” e “de um ataque do coração”, é correto afirmar que são, respectivamente:

- a) nominal; de modo e de causa.
- b) verbal; de lugar e de consequência.
- c) nominal; de tempo e de modo.
- d) verbal; de lugar e de causa.

23. (UNESP - 2016)

Leia a fábula “O morcego e as doninhas” do escritor grego Esopo (620 a.C.? -564 a.C.?).

Um morcego caiu no chão e foi capturado por uma doninha. Como seria morto, rogou à doninha que poupasse sua vida.

– Não posso soltá-lo – respondeu a doninha –, pois sou, por natureza, inimiga de todos os pássaros.

– Não sou um pássaro – alegou o morcego. – Sou um rato.

E assim ele conseguiu escapar.

Mais tarde, ao cair de novo e ser capturado por outra doninha, ele suplicou a esta que não o devorasse. Como a doninha lhe disse que odiava todos os ratos, ele afirmou que não era um rato, mas um morcego. E de novo conseguiu escapar. Foi assim que, por duas vezes, lhe bastou mudar de nome para ter a vida salva.

(*Fábulas*, 2013.)

doninha: pequeno mamífero carnívoro, de corpo longo e esguio e de patas curtas (também conhecido como furão).

“Como seria morto, rogou à doninha que poupasse sua vida.” (1º parágrafo)

Em relação à oração que a sucede, a oração destacada tem sentido de

- a) proporção.
- b) comparação.
- c) consequência.
- d) causa.
- e) finalidade.



24. (UNESP - 2016)

Leia o trecho extraído do livro *A dança do universo* do físico brasileiro Marcelo Gleiser.

Durante o século VI a.C., o comércio entre os vários Estados gregos cresceu em importância, e a riqueza gerada levou a uma melhoria das cidades e das condições de vida. O centro das atividades era em Mileto, uma cidade-Estado situada na parte sul da Jônia, hoje a costa mediterrânea da Turquia. Foi em Mileto que a primeira escola de filosofia pré-socrática floresceu. Sua origem marca o início da grande aventura intelectual que levaria, 2 mil anos depois, ao nascimento da ciência moderna. De acordo com Aristóteles, Tales de Mileto foi o fundador da filosofia ocidental.

A reputação de Tales era legendária. Usando seu conhecimento astronômico e meteorológico (provavelmente herdado dos babilônios), ele previu uma excelente colheita de azeitonas com um ano de antecedência. Sendo um homem prático, conseguiu dinheiro para alugar todas as prensas de azeite de oliva da região e, quando chegou o verão, os produtores de azeite de oliva tiveram que pagar a Tales pelo uso das prensas, que acabou fazendo uma fortuna.

Supostamente, Tales também previu um eclipse solar que ocorreu no dia 28 de maio de 585 a.C., que efetivamente causou o fim da guerra entre os lídios e os persas. Quando lhe perguntaram o que era difícil, Tales respondeu: “Conhecer a si próprio”. Quando lhe perguntaram o que era fácil, respondeu: “Dar conselhos”. Não é à toa que era considerado um dos Sete Homens Sábios da Grécia Antiga. No entanto, nem sempre ele era prático. Um dia, perdido em especulações abstratas, Tales caiu dentro de um poço. Esse acidente aparentemente feriu os sentimentos de uma jovem escrava que estava em frente ao poço, a qual comentou, de modo sarcástico, que Tales estava tão preocupado com os céus que nem conseguia ver as coisas que estavam a seus pés.

(A dança do universo, 2006. Adaptado.)

Em “Tales também previu um eclipse solar que ocorreu no dia 28 de maio de 585 a.C.” (3º parágrafo), o termo destacado exerce função de

- a) adjunto adnominal.
- b) adjunto adverbial.
- c) sujeito.
- d) objeto indireto.
- e) objeto direto.

25. (IBMEC - 2016)

Mãe galinha

Tente uniformizar o design dos aviões sem ouvir os comandantes, os controladores de voo, os engenheiros, o pessoal de terra, os meteorologistas e as aeromoças. As turbinas acabarão no lugar das rodas e as asas sairão do nariz do avião, como bigodes. Foi o que aconteceu à língua



portuguesa com o "Acordo" Ortográfico imposto pelo Brasil e, até hoje, não aceito nem assimilado por Portugal.

Há dias, o ministro da Cultura, Juca Ferreira, admitiu que "talvez tenhamos errado no processo de normatização, que teve um caráter tecnicista e não envolveu os criadores de todos os países". Exatamente: esqueceram-se de combinar conosco, que lidamos com a língua nas escolas, nos livros, nos jornais e na publicidade. Sem necessidade, baniram grafias seculares de Portugal, assim como o hífen, o trema e os acentos diferenciais. (...) De que adianta o "acordo" criar uma escrita comum se as pronúncias continuam diferentes, além da particularidade de milhares de conteúdos? No Brasil, uma mãe que se orgulha dos filhos e os protege é uma mãe coruja. Em Portugal, é uma mãe galinha. Vá dizer aos portugueses que eles deveriam mudar isso. (...)

A magia da língua portuguesa é a de que, não importa a variedade de grafias ou pronúncias, ela é sempre compreensível para os que a falam e leem, sejam portugueses, brasileiros ou africanos. "A língua é viva, e temos a vida inteira para aperfeiçoar o Acordo Ortográfico", disse o ministro. Eu não tenho. Por isso, não aderi a ele. Continuo escrevendo língua e, se quiserem, me corrijam.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2015/08/1675694-mae-galinha.shtml>. Acesso em 16/04/2016. (Adaptado)

Em "... para os que a falam", os termos em destaque exercem, respectivamente, a função sintática de

- a) objeto direto em ambas as ocorrências.
- b) objeto direto e sujeito.
- c) adjunto adnominal e sujeito.
- d) sujeito e adjunto adnominal.
- e) sujeito e objeto direto.

26. (FGV - 2015)

Redundâncias

Ter medo da morte
é coisa dos vivos
o morto está livre
de tudo o que é vida

Ter apego ao mundo
é coisa dos vivos
para o morto não há
(não houve)
raios rios risos



E ninguém vive a morte
quer morto quer vivo
mera noção que existe
só enquanto existo
(Ferreira Gullar, Muitas vozes)

Em relação à oração – é coisa dos vivos –, os enunciados – Ter medo da morte – (1.ª estrofe) e – Ter apego ao mundo – (2.ª estrofe) exercem a função sintática de

- a) sujeito.
- b) predicativo do sujeito.
- c) objeto direto.
- d) adjunto adnominal.
- e) complemento nominal.

27. (INSPER - 2015)



(Folha de S. Paulo, 07/04/2014)

O título da chamada alude a um dos termos essenciais da oração: o sujeito. No entanto, para que o sujeito seja classificado como oculto, é necessário que haja certas marcas linguísticas, que podem ser identificadas em

- a) Foram criados novos aplicativos que prometem anonimato dos usuários.
- b) No mercado há diversos aplicativos que prometem anonimato dos usuários.
- c) Surgiram vários aplicativos que prometem anonimato dos usuários.
- d) Desenvolvemos novos aplicativos que prometem anonimato dos usuários.
- e) Cresce a oferta de aplicativos que prometem anonimato dos usuários.



28. (UNESP - 2014)

Considere o poema satírico do poeta português João de Deus (1830-1896).

Ossos do ofício

Uma vez uma besta do tesouro,
Uma besta fiscal,
Ia de volta para a capital,
Carregada de cobre, prata e ouro;
E no caminho
Encontra-se com outra carregada
De cevada,
Que ia para o moinho.

Passa-lhe logo adiante
Largo espaço,
Coleando arrogante
E a cada passo
Repicando a choquilha
Que se ouvia distante.

Mas salta uma quadrilha
De ladrões,
Como leões,

E qual mais presto

Se lhe agarra ao cabresto.

Ela reguinga, dá uma sacada

Já cuidando

Que desfazia o bando;

Mas, coitada!

Foi tanta a bordoadada,

Ah! que exclamava enfim

A besta oficial:

— Nunca imaginei tal!

Tratada assim

Uma besta real!...

Mas aquela que vinha atrás de mim,

Por que a não tratais mal?

“Minha amiga, cá vou no meu sossego,

Tu tens um belo emprego!

Tu sustentas-te a fava, e eu a troços!

Tu lá serves el-rei, e eu um moleiro!

Ossos do ofício, que o não há sem ossos.”

(Campo de flores, s/d.)

Na terceira estrofe, com relação à oração principal do período de que faz parte, a oração que exclamava enfim expressa

- a) causa.
- b) consequência.
- c) finalidade.
- d) condição.
- e) negação.

29. (UNESP - 2013)

Considere a passagem de um livro de José Ribeiro sobre o folclore nacional.

Curupira

Na teogonia* tupi, o anhangá, gênio andante, espírito andejo ou vagabundo, destinava-se a proteger a caça do campo. Era imaginado, segundo a tradição colhida pelo Dr. Couto de Magalhães, sob a figura de um veado branco, com olhos de fogo.

Todo aquele que perseguisse um animal que estivesse amamentando corria o risco de ver Anhangá e a visão determinava logo a febre e, às vezes, a loucura. O caapora é o mesmo tipo



mítico encontrado nas regiões central e meridional e aí representado por um homem enorme coberto de pelos negros por todo o rosto e por todo o corpo, ao qual se confiou a proteção da caça do mato. Tristonho e taciturno, anda sempre montado em um porco de grandes dimensões, dando de quando em vez um grito para impelir a vara. Quem o encontra adquire logo a certeza de ficar infeliz e de ser malsucedido em tudo que intentar. Dele se originaram as expressões portuguesas caipora e caiporismo, como sinônimo de má sorte, infelicidade, desdita nos negócios. Bilac assim o descreve: “Companheiro do curupira, ou sua duplicata, é o Caapora, ora gigante, ora anão, montado num caititu, e cavalgando à frente de varas de porcos do mato, fumando cachimbo ou cigarro, pedindo fogo aos viajores; à frente dele voam os vaga-lumes, seus batedores, alumando o caminho”.

Ambos representam um só mito com diferente configuração e a mesma identidade com o curupira e o jurupari, numes que guardam a floresta. Todos convergem mais ou menos para o mesmo fim, sendo que o curupira é representado na região setentrional por um “pequeno tapuio” com os pés voltados para trás e sem os orifícios necessários para as secreções indispensáveis à vida, pelo que a gente do Pará diz que ele é músico. O Curupira ou Currupira, como é chamado no sul, aliás erroneamente, figura em uma infinidade de lendas tanto no norte como no sul do Brasil. No Pará, quando se viaja pelos rios e se ouve alguma pancada longínqua no meio dos bosques, “os romeiros dizem que é o Curupira que está batendo nas sapupemas, a ver se as árvores estão suficientemente fortes para sofrerem a ação de alguma tempestade que está próxima. A função do Curupira é proteger as florestas. Todo aquele que derriba, ou por qualquer modo estraga inutilmente as árvores, é punido por ele com a pena de errar tempos imensos pelos bosques, sem poder atinar com o caminho de casa, ou meio algum de chegar até os seus”. Como se vê, qualquer desses tipos é a manifestação de um só mito em regiões e circunstâncias diferentes.

(O Brasil no folclore, 1970.)

(*) Teogonia, s.f.: 1. Filos. Doutrina mística relativa ao nascimento dos deuses, e que frequentemente se relaciona com a formação do mundo. 2. Conjunto de divindades cujo culto forma o sistema religioso dum povo politeísta. (Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI.)

[...] à frente dele voam os vaga-lumes, seus batedores, alumando o caminho.

Eliminando-se o aposto, a frase em destaque apresentará, de acordo com a norma-padrão, a seguinte forma:

- a) à frente voam os vaga-lumes, seus batedores, alumando o caminho.
- b) à frente dele voam os vaga-lumes batedores, alumando o caminho.
- c) à frente dele voam seus batedores, alumando o caminho.
- d) à frente dele voam os vaga-lumes, alumando o caminho.
- e) à frente dele voam os vaga-lumes, seus batedores, alumando.

30. (FGV – 2013)

Segundo um estudo realizado pelo Banco Mundial, a população acima dos 60 anos é a nova força econômica do País. Os idosos brasileiros estão mais ricos, mais saudáveis e mais poderosos. De acordo com o relatório, o Brasil vive o que os especialistas chamam de “bônus demográfico”, período em que a força de trabalho (pessoas na ativa) será muito maior do que o número de brasileiros que não produzem. Isso se dará como resultado principalmente do envelhecimento da população. Os números do Banco Mundial são impressionantes. Até 2050, as pessoas com mais de 60 anos vão responder por 49% da população economicamente ativa do país. Atualmente, esse percentual é de 11%.

(IstoÉ, 03.10.2012)

Assinale a alternativa em que a expressão destacada, correspondendo ao sujeito da oração, é formada por substantivo seguido de adjetivo.

- a) ... um estudo realizado...
- b) ... a nova força econômica do País.
- c) Os idosos brasileiros...
- d) ... o número de brasileiros...
- e) ... do envelhecimento da população...

31. (FUVEST - 2013)

V – O samba

À direita do terreiro, adumbra-se* na escuridão um maciço de construções, ao qual às vezes recortam no azul do céu os trêmulos vislumbres das labaredas fustigadas pelo vento.

(...)

É aí o quartel ou quadrado da fazenda, nome que tem um grande pátio cercado de senzalas, às vezes com alpendrada corrida em volta, e um ou dois portões que o fecham como praça d’armas.

Em torno da fogueira, já esbarrondada pelo chão, que ela cobriu de brasido e cinzas, dançam os pretos o samba com um frenesi que toca o delírio. Não se descreve, nem se imagina esse desesperado saracoteio, no qual todo o corpo estremece, pula, sacode, gira, bamboleia, como se quisesse desgrudar-se.

Tudo salta, até os criulinhos que esperneiam no cangote das mães, ou se enrolam nas saias das raparigas. Os mais taludos viram cambalhotas e pincham à guisa de sapos em roda do terreiro. Um desses corta jaca no espinhaço do pai, negro fornido, que não sabendo mais como desconjuntar-se, atirou consigo ao chão e começou de rabanar como um peixe em seco.

(...)

José de Alencar, *Til*.

(*) “adumbra-se” = delinea-se, esboça-se.

Na composição do texto, foram usados, reiteradamente,

- I. sujeitos pospostos;
- II. termos que intensificam a ideia de movimento;
- III. verbos no presente histórico.

Está correto o que se indica em

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) III, apenas.
- d) I e II, apenas.
- e) I, II e III.

32. (IBMEC - 2012)

Ele se encontrava sobre a estreita marquise do 18º andar. Tinha pulado ali a fim de limpar pelo lado externo as vidraças das salas vazias do conjunto 1801/5, a serem ocupadas em breve por uma firma de engenharia. Ele era um empregado recém-contratado da Panamericana – Serviços Gerais. O fato de haver se sentado à beira da marquise, com as pernas balançando no espaço, se deveria simplesmente a uma pausa para fumar a metade de cigarro que trouxera no bolso. Ele não queria dispensar este prazer, misturando-o com o trabalho.

Quando viu o ajuntamento de pessoas lá embaixo, apontando mais ou menos em sua direção, não lhe passou pela cabeça que pudesse ser ele o centro das atenções. Não estava habituado a ser este centro e olhou para baixo e para cima e até para trás, a janela às suas costas.

Talvez pudesse haver um princípio de incêndio ou algum andaime em perigo ou alguém prestes a pular. Não havia nada identificável à vista e ele, através de operações bastante lógicas, chegou à conclusão de que o único suicida em potencial era ele próprio. Não que já houvesse se cristalizado em sua mente, algum dia, tal desejo, embora como todo mundo, de vez em quando... E digamos que a pouca importância que dava a si próprio não permitia que aflorasse seriamente em seu campo de decisões a possibilidade de um gesto tão grandiloquente. E que o instinto cego de sobrevivência levava uma vantagem de uns quarenta por cento sobre seu instinto de morte, tanto é que ele viera levando a vida até aquele preciso momento sob as mais adversas condições.

(In: MORICONI, Ítalo (org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. R. Janeiro: Objetiva, 2000)

Em “... não lhe passou pela cabeça que pudesse ser ele o centro das atenções”, os pronomes pessoais destacados exercem, respectivamente, a função sintática de

- a) objeto indireto, sujeito.



- b) complemento nominal, objeto direto.
- c) adjunto adnominal, sujeito.
- d) objeto indireto, predicativo do objeto.
- e) adjunto adnominal, predicativo do sujeito.

33. (INSPER - 2012)

Leia a tirinha abaixo.



A tirinha de Jean Galvão faz referência a um assunto muito recorrente nas aulas de Português. A respeito da identificação e classificação do sujeito, conforme prescreve a norma gramatical, é INCORRETO afirmar que

- a) no 1.º quadrinho, o “se” empregado nos três períodos escritos na lousa (“Precisa-se de empregados”, “Assiste-se a bons filmes” e “Vende-se casas”) exemplifica a ocorrência de índice de indeterminação do sujeito nos dois primeiros e partícula passivadora no último.
- b) o período “Vende-se casas”, no 1.º quadrinho, está riscado porque contém um erro de concordância verbal: o verbo transitivo direto “vender” deveria ser flexionado no plural para concordar com o sujeito paciente “casas”.
- c) nas três ocorrências, presentes nos períodos escritos na lousa, o “se” exerce a função sintática de índice de indeterminação do sujeito, e, para estabelecerem a concordância verbal de acordo com a norma culta, os verbos devem permanecer no singular.
- d) no contexto da tira, o adjetivo “indeterminado” pode ser associado a um sentido genérico, não ao critério gramatical, porque apenas qualifica como se sente a personagem (o sujeito), após um dia exaustivo na escola.
- e) se, no último quadrinho, o garoto analisasse sintaticamente a frase proferida pela mãe, conforme a norma gramatical, ele responderia assim: “sujeito simples, quem”.

34. (UNESP - 2011)

... para quem quer tornar-se orador consumado não é indispensável conhecer o que de fato é justo, mas sim o que parece justo para a maioria dos ouvintes, que são os que decidem; nem precisa saber tampouco o que é bom ou belo, mas apenas o que parece tal ...

(Fedro, Aristóteles)

Neste trecho da tradução da segunda fala de Fedro, observa-se uma frase com estruturas oracionais recorrentes, e por isso plena de termos repetidos, sendo notável, a este respeito, a retomada do demonstrativo o e do pronome relativo que em “o que de fato é justo”, “o que parece justo”, “os que decidem”, “o que é bom ou belo”, “o que parece tal”. Em todos esses contextos, o relativo que exerce a mesma função sintática nas orações de que faz parte. Indique-a.

- a) Sujeito.
- b) Predicativo do sujeito.
- c) Adjunto adnominal.
- d) Objeto direto.
- e) Objeto indireto.

35. (FGV - 2011)

Eu lia o meu livrinho quando a sucessão de gritos – “ahhh”... “ehhh”... – picotou a noite de domingo. A impressão que tive foi de alguém sendo esfolado no andar de cima. Não fui o único a saltar da poltrona, assustado, tentando descobrir de onde vinha aquela esganiçada voz feminina: no meu prédio e no que fica ao lado, meia dúzia de pescoços se insinuaram na moldura das janelas enquanto o alarido – “ihhh”... “ohhh”... – prosseguia.

(Humberto Werneck. O espalhador de passarinhos.)

Observando o emprego do pronome relativo que, nas duas ocorrências grifadas no fragmento, é possível afirmar:

- a) na primeira ocorrência, substitui um objeto direto; na segunda, vem no lugar de um sujeito.
- b) em ambos os casos, a relação que estabelece é de simples e objetiva coordenação.
- c) na primeira ocorrência, trata-se do sujeito da ação; na segunda, de um adjunto adverbial.
- d) na primeira ocorrência, há uma relação de posse; na segunda, de referência ao receptor da ação.
- e) em ambos os casos, a palavra não exerce função sintática, mas de simples realce.

36. (IBMEC - 2011)

Somos todos comida

Depois da notícia de que, ao fim de prolongado debate jurídico, foi negado por um tribunal o habeas corpus impetrado em favor de um chimpanzé enjaulado em solidão no Zoológico de Niterói, vieram ao conhecimento público outras providências judiciais em nome de animais, pelo Brasil afora. Isso está ficando interessante. Antigamente, era fácil dizer que os animais não tinham direito nenhum, pois não são sujeitos de direito, não são pessoas, não podem

acionar o poder judiciário, da mesma forma que não têm deveres, nem podem ser interpelados pela justiça. Direitos e deveres são província exclusiva do ser humano e, embora isso não soe bem, um cachorro, por exemplo, não tem o direito de não ser maltratado. O homem é que tem o direito de estabelecer em lei que maltratar um animal é criminoso e de protestar e intervir, quando a lei for descumprida.

Mas vivemos tempos mais complexos e em transformação quase frenética. As crenças antes estabelecidas e praticamente unânimes hoje mudam o tempo todo, somos intimidados pelas descobertas da física quântica, as certezas se tornam indagações e a eventual sensação de que ninguém sabe nada é inevitável. Já há quem sustente que pelo menos os chamados animais superiores, como o mencionado cachorro, têm consciência e emoções. Os donos de cachorros frequentemente acham que estes pensam, raciocinam e comunicam seus pensamentos, só faltando mesmo falar. Logo, têm direitos e talvez a única coisa que lhes negue a condição de sujeito de direito seja a circunstância de que a linguagem do cachorro ainda não tem tradutores oficializados. Mas talvez passe a ter no futuro e alguém venha a dizer que o Rex está se sentindo prejudicado pelo seu dono e quer constituir advogado, para o que aplicará a impressão de sua pata em uma procuração.

De certa forma, isso já começa a acontecer, como demonstra o caso do habeas corpus do chimpanzé. Seus advogados inferiram que, sem companhia e encarcerado, o chimpanzé é infeliz e consegue comunicar que, sim, gostaria de ser transferido para uma moradia condigna. Considerando a maravilhosa diversidade do ser humano, acho que, a partir desse precedente, viremos a testemunhar ações movidas não somente por cachorros, gatos, peixes de aquário e outros animais domésticos, mas também, antecipo eu, por bois de corte ou por frangos para abate. Não descarto até mesmo a possibilidade de medidas contra o que certamente se chamará "zoofobia", em cuja ilícita prática serão enquadrados, por exemplo, os que usarem as palavras "galinha", "vaca" ou "cadela" com intenção pejorativa.

A situação deverá evoluir, em futuro talvez não muito distante, para o estabelecimento dos níveis de consciência das espécies e a conseqüente maior ou menor abrangência de seus direitos. Não é descabido imaginar a promulgação de uma Declaração Universal dos Direitos dos Cães, ou do Estatuto do Gato e assim por diante, cada um deles definindo os critérios aplicáveis a cada espécie. É complicado, porque, por exemplo, o direito de latir, certamente parte indissolúvel da liberdade de expressão canina, pode conflitar com o direito ao silêncio de um vizinho humano, o que requererá imaginação e engenho da parte de legisladores e magistrados.

Questões éticas e morais, filosóficas mesmo, terão que ser encaradas, por mais incômodas que sejam. O morcego, em muitos casos inofensivo, amante das frutas e polinizador de pomares, pode ser discriminado apenas por ter, na opinião da maior parte das pessoas, uma aparência assustadora ou repulsiva? Nos desenhos animados e historietas infantis, serão adotadas cotas para a inclusão de animais normalmente marginalizados, a exemplo de lacraias, lesmas e piolhos? Aliás, é um direito do piolho infestar cabeleiras improdutivas e sugar uma cesta básica de sangue? Estará sujeito à acusação de omissão de socorro aquele que negar a uma futura mamãe mosquito da dengue o direito a uma picadinha que a ajudará a perpetuar sua espécie?



De propósito, deixei para o fim o direito mais básico, o direito à vida. Sem ele, evidentemente, os outros perdem o sentido. Pensando nele, argumentam os que se negam a consumir qualquer produto de origem animal. Nossa comida deveria ser apenas a que se consegue obter sem destruir nenhuma vida, nem mesmo, talvez, a das plantas.

Nós somos os reis da Criação e não podemos agir como predadores.

Nós somos, isso sim, os reis da presunção. Imaginamos que a nossa moral é a moral da natureza, como se a natureza tivesse moral. Na natureza, continua um alegre come-como por tudo quanto é canto, um comendo o outro afanadamente, às vezes até de forma surpreendente, como no caso de um pelicano londrino que vi na internet. Esse pelicano, em seu andar balançado na grama de um parque, viu e fingiu nem notar um pombo a seu lado. Mas, num movimento rapidíssimo, engoliu o pombo, que ficou se agitando dentro daquele papo enorme, sem chance de escapar. Se as pessoas presentes à cena fossem do tamanho de pombos, o pelicano sem dúvida as comeria também, porque é assim a natureza. Nós achamos que somos os grandes comedores, só porque, do nosso ponto de vista, ocupamos o topo da cadeia alimentar. Ocupamos nada. Cada um de nós, mesmo os que não portam parasitas, é hospedeiro de uma infinidade de "ecossistemas", para não falar nos muitos animais que, por exemplo, vivem do sangue de mamíferos, inclusive nosso. Nós somos os favoritos de nós mesmos, não da natureza. Nossos corpos, biodegradáveis como são, para outras espécies não passam de simples comida e, homens, bichos ou plantas, a Terra acabará digerindo todos nós.

(RIBEIRO, João Ubaldo. *O Estado de S.Paulo*, 01/05/2011.)

Em "... vieram ao conhecimento público outras providências judiciais em nome de animais, pelo Brasil afora", o termo "outras providências judiciais" exerce a função sintática de

- a) objeto direto.
- b) sujeito.
- c) objeto indireto.
- d) adjunto adnominal.
- e) predicativo do sujeito.

37. (FGV - 2010)

Considere a tira e analise as afirmações.



- I. A resposta esperada pela menina era “a rua”.
- II. Na frase de Mafalda, no segundo quadrinho, Miguelito é o sujeito da oração.
- III. Em português, o sujeito de uma oração pode ser inexistente, como em “Choveram reclamações na empresa por causa do apagão na Internet.”
- IV. A resposta de Miguelito seria compatível com a pergunta: Ao prefeito cabe que responsabilidade?

Pela leitura das afirmações, conclui-se que

- a) nenhuma delas está correta.
- b) apenas I e III estão corretas.
- c) apenas II e III estão corretas.
- d) apenas III e IV estão corretas.
- e) todas elas estão corretas.

38. (UNESP - 2010)

“Está aberto, no espetáculo de circo, o terreno da utopia.”

Na oração, “o terreno da utopia” exerce a função sintática de:

- a) objeto direto.
- b) complemento nominal.
- c) sujeito.
- d) predicativo do sujeito.
- e) predicativo do objeto.

39. (UFTM - 2009)

Leia o haicai de Custódio.



(www.custodio.net)

Analise as afirmações.

- I. Nas suas três ocorrências, a palavra nada pertence à mesma classe gramatical invariável.
- II. Nas duas ocorrências, a palavra que é um pronome relativo, pois, além de ligar orações, retoma termos da oração anterior.
- III. As formas verbais Sabe e deixe têm o mesmo sujeito gramatical.

É correto afirmar que:

- a) I, II e III são verdadeiras.
- b) apenas I é verdadeira.
- c) apenas II é verdadeira.
- d) apenas III é verdadeira.
- e) I, II e III são falsas.

40. (IBMEC - 2008)

Pela Internet	Gilberto Gil	E quero entrar na rede
Criar meu web site		Promover um debate
Fazer minha home-page		Juntar via Internet
Com quantos gigabytes		Um grupo de tientes de Connecticut
Se faz uma jangada		De Connecticut acessar
Um barco que veleje		O chefe da Macmilícia de Milão
		Um hacker mafioso acaba de soltar
		Um vírus pra atacar programas no Japão
Que veleje nesse informar		
Que aproveite a vazante da infomaré		Eu quero entrar na rede pra contactar
Que leve um oriki do meu velho orixá		Os lares do Nepal, os bares do Gabão
Ao porto de um disquete de um micro em Taipé		Que o chefe da polícia carioca avisa pelo celular
		Que lá na praça Onze tem um vídeopôquer para se jogar
Um barco que veleje nesse informar		
Que aproveite a vazante da infomaré		
Que leve meu e-mail até Calcutá		
Depois de um hot-link		
Num site de Helsinque		
Para abastecer		

Assinale a opção CORRETA quanto ao que está indicado nos parênteses.

- a) Um vírus pra atacar programas no Japão – (víruses – forma do plural)



- b) Que veleje nesse informar – (que – conjunção subordinativa integrante)
- c) Que leve meu e-mail até Calcutá – (até Calcutá – adjunto adverbial de lugar)
- d) Um barco que veleje - (veleje – forma do presente do indicativo)
- e) a vazante da infomaré – (da infomaré – complemento nominal)



5.2 - GABARITO

1		
. B	15. C	29. D
2. A	16. B	30. C
3. C	17. D	31. E
4. D	18. A	32. C
5. D	19. D	33. C
6. C	20. D	34. A
7. A	21. E	35. A
8. A	22. D	36. B
9. C	23. D	37. A
10. B	24. C	38. C
11. E	25. E	39. E
12. D	26. A	40. C
13. E	27. D	
14. E	28. B	



5.3– QUESTÕES COMENTADAS

1. (IME – 2015) adaptada

Assinale a alternativa em que o termo em destaque possui classificação sintática diferente daquele destacado no trecho a seguir:

“Achava-me incapaz de pertencer àquilo.”

- a) “Eu, sem saber nadar em versos, afogava-me na incompreensão de um soneto”
- b) “Estudos anteriores com a mesma paciente revelaram que ela não conseguia reconhecer expressões faciais de medo”
- c) “Quando ela foi convidada a lembrar como se sentiu durante as situações, respondeu que não sentiu medo, mas que se sentia chateada e irritada com o que aconteceu.”
- d) “Ela tem uma incapacidade de detectar e evitar situações ameaçadoras, o que provavelmente contribuiu para a frequência com que ela enfrentou riscos.”
- e) “Autossabotagem. São atitudes forjadas por uma parte de nós que não nos vê como merecedoras do sucesso ou que subestima nossa capacidade de lidar com a vitória.”

Comentários: O termo “de pertencer àquilo” tem função de complemento nominal. Aqui, é mais fácil identificar o aspecto ativo, ou seja, imbuído de ação do complemento nominal, já que há o verbo “pertencer” expresso. “de pertencer àquilo”, portanto, é complemento nominal de “incapaz”.

A única alternativa que não apresenta um complemento nominal é alternativa B, em que “de medo” é adjunto adnominal de “expressões faciais”. O substantivo “expressões” não denota ação alguma. Aqui, há uma caracterização de como são as expressões.

Na alternativa A, “de um soneto” é complemento nominal de “incompreensão”, pois não é um termo que caracteriza o outro, mas sim complementa seu sentido: “incompreensão de um soneto” = o ato de não compreender um soneto.

Na alternativa C, “com o que aconteceu” é complemento nominal de “irritada”, pois não é um termo que caracteriza o outro, mas sim complementa seu sentido: “irritada com o que aconteceu.” = o ato de irritar-se com um fato ocorrido.

Na alternativa D, “de detectar e evitar situações ameaçadoras” é complemento nominal de “incapacidade”, pois não é um termo que caracteriza o outro, mas sim complementa seu sentido: “incapacidade de detectar e evitar situações ameaçadoras” = o ato de não ser capaz de detectar e evitar situações ameaçadoras.

Na alternativa E, “de lidar com a vitória” é complemento nominal de “nossa capacidade”, pois não é um termo que caracteriza o outro, mas sim complementa seu sentido: “nossa capacidade de lidar com a vitória” = o ato de ser capaz de lidar com a vitória.

Gabarito: B

2. (IME - 2015) adaptada

Assinale a opção em que a função sintática do termo em destaque é diferente daquela exercida pelos demais.



- a) “Eu sempre escolhia o poema mais curto da lista **que** a escola sugeria.”
- b) “Além disso, durante três meses ela carregou um diário **que** informatizava sua emoção.”
- c) “Pode ser aquela espinha **que** apareceu no nariz no dia daquele encontro especial.”
- d) “É o quase **que** me incomoda.”
- e) “Basta pensar nas oportunidades **que** escaparam pelos dedos.”.

Comentários: Para realizar essa questão, é preciso encontrar o termo a que o “que” se refere e classificá-lo sintaticamente.

Alternativa A: “Eu sempre escolhia o poema mais curto da lista que a escola sugeria.”

Oração principal: “Eu sempre escolhia o poema mais curto da lista”

Oração subordinada: “que a escola sugeria.”

“que” se refere ao termo “lista” da oração anterior. Se fosse reescrita, essa oração ficaria: “A escola sugeria lista”. “lista”, nesse caso, é **objeto direto**.

Portanto, aqui, **“que” assume função de objeto direto**.

Alternativa B: “Além disso, durante três meses ela carregou um diário que informatizava sua emoção.”

Oração principal: “durante três meses ela carregou um diário”

Oração subordinada: “que informatizava sua emoção.”

“que” se refere ao termo “um diário” da oração anterior. Se fosse reescrita, essa oração ficaria: “Um diário informatizava sua emoção”. “um diário”, nesse caso, é **sujeito**.

Portanto, aqui, **“que” assume função de sujeito**.

Alternativa C: “Pode ser aquela espinha que apareceu no nariz no dia daquele encontro especial.”

Oração principal: “Pode ser aquela espinha”

Oração subordinada: “que apareceu no nariz no dia daquele encontro especial.”

“que” se refere ao termo “aquela espinha” da oração anterior. Se fosse reescrita, essa oração ficaria: “Aquela espinha apareceu no nariz no dia daquele encontro especial.”. “Aquela espinha”, nesse caso, é **sujeito**.

Portanto, aqui, **“que” assume função de sujeito**.

Alternativa D: “É o quase que me incomoda.”

Oração principal: “É o quase”

Oração subordinada: “que me incomoda.”

“que” se refere ao termo “o quase” da oração anterior. Se fosse reescrita, essa oração ficaria: “O quase me incomoda.”. “O quase”, nesse caso, é **sujeito**.

Portanto, aqui, **“que” assume função de sujeito.**

Alternativa E: “Basta pensar nas oportunidades que escaparam pelos dedos.”.

Oração principal: “Basta pensar nas oportunidades”

Oração subordinada: que escaparam pelos dedos.”

“que” se refere ao termo “as oportunidades” da oração anterior. Se fosse reescrita, essa oração ficaria: “As oportunidades escaparam pelos dedos”. “As oportunidades”, nesse caso, é **sujeito**.

Portanto, aqui, **“que” assume função de sujeito.**

Assim, a única oração em que “que” não assume função de sujeito é alternativa A.

Gabarito: A

3. (IME – 2015)

“Um romance **cujo** fim é instantâneo ou indolor não é romance.”

“Se hoje eu pudesse falar com aquele menino, diria-**lhe** que a poesia não é nenhum decassílabo de sete cabeças.”

Os pronomes em destaque desempenham, respectivamente, a função de:

- a) adjunto adverbial / objeto indireto.
- b) objeto indireto / objeto direto.
- c) adjunto adnominal / objeto indireto.
- d) adjunto adnominal / adjunto adverbial.
- e) objeto indireto / objeto indireto.

Comentários:

Na primeira frase, “cujo fim é instantâneo ou indolor” caracterizam a palavra “romance”. Por isso, assumem a função de adjunto adnominal.

Já na segunda frase, “lhe” assume função de objeto indireto. Lembre-se que o “lhe” significa “a ele”. Portanto, é complemento precedido de preposição.

Logo, a alternativa correta é alternativa C.

Gabarito: C

4. (IME – 2015)

“Podia ser o verso mais delicado do mundo, eu tinha medo.”

O fragmento em destaque expressa ideia de:

- a) Causa.
- b) Finalidade.



- c) Condição.
- d) Concessão.
- e) Consequência.

Comentários: Esse período está na ordem indireta. Na ordem direta, a oração principal “eu tinha medo” viria primeiro e “Podia ser o verso mais delicado do mundo”, a oração subordinada viria depois.

Adicionando-se um conectivo nessa estrutura, sem perder o sentido da mensagem, teríamos:

Eu tinha medo, **ainda que** fosse o verso mais delicado do mundo.

Por isso, a alternativa correta é alternativa D.

Vamos construir o período com conectivos das alternativas para perceber como não há outra relação possível:

Alternativa A está incorreta, pois a construção “Eu tinha medo, **porque** era o verso mais delicado do mundo” não preserva o sentido.

Alternativa B está incorreta, pois a construção “Eu tinha medo, **a fim de que** fosse o verso mais delicado do mundo” não preserva o sentido.

Alternativa C está incorreta, pois a construção “Eu tinha medo, **se** fosse o verso mais delicado do mundo” não preserva o sentido.

Alternativa E está incorreta, pois a construção “Eu tinha medo, **de forma que** era o verso mais delicado do mundo” não preserva o sentido.

Gabarito: D

5. (IME - 2012)

Paciência

Composição: Lenine e Dudu Falcão

(1) Mesmo quando tudo pede

(2) Um pouco mais de calma

(3) Até quando o corpo pede

(4) Um pouco mais de alma

(5) A vida não para...

(6) Enquanto o tempo

(7) Acelera e pede pressa

(8) Eu me recuso, faço hora

(9) Vou na valsa

(10) A vida tão rara...

(11) Enquanto todo mundo

(12) Espera a cura do mal

(13) E a loucura finge

(14) Que isso tudo é normal

(15) Eu finjo ter paciência...

(16) O mundo vai girando

(17) Cada vez mais veloz

(18) A gente espera do mundo

(19) E o mundo espera de nós

(20) Um pouco mais de paciência...

(21) Será que é tempo

(22) Que lhe falta para perceber?

(23) Será que temos esse tempo

(24) Para perder?

(25) E quem quer saber?

(26) A vida é tão rara

(27) Tão rara...

(28) Mesmo quando tudo pede

(29) Um pouco mais de calma



- | | |
|-----------------------------------|------------------------------|
| (30) Até quando o corpo pede | (41) Mesmo quando tudo pede |
| (31) Um pouco mais de alma | (42) Um pouco mais de calma |
| (32) Eu sei, a vida não para | (43) Até quando o corpo pede |
| (33) A vida não para, não... | (44) Um pouco mais de alma |
| | (45) Eu sei, a vida não para |
| (34) Será que é tempo | (46) A vida não para... |
| (35) Que lhe falta para perceber? | |
| (36) Será que temos esse tempo | (47) A vida não para... |
| (37) Para perder? | |
| (38) E quem quer saber? | |
| (39) A vida é tão rara | |
| (40) Tão rara... | |

Disponível
em:<http://www.vagalume.com.br/lenin_e/paciencia.html> Acesso em 01 jun. 11.

Quanto à função sintática de termos do texto abaixo destacados:

- I. “tudo” (v. 1), “eu” (v. 8), “todo mundo” (v. 11), “mundo” (v. 16) e “nós” (v. 19) exercem a função sintática de sujeito.
- II. “Um pouco mais de calma” (v. 2), “um pouco mais de alma” (v. 4), “hora” (v. 8), “a cura do mal” (v. 12), “que isso tudo é normal” (v. 14) exercem função sintática de objeto direto.
- III. “Mais” e “veloz” (v. 17) são adjuntos adverbiais de intensidade.

Assinale a alternativa correta.

- a) Os itens I, II e III estão corretos.
- b) Somente os itens I e II estão corretos.
- c) Somente os itens II e III estão corretos.
- d) Somente o item II está correto.
- e) Somente o item III está correto.

Comentários:

O item I. está incorreto, pois realizando-se a análise sintática dos termos destacados teremos:

- “**tudo** pede um pouco mais de calma” (tudo = sujeito)
- “**Eu** me recuso” (eu = sujeito)
- “**todo mundo** espera a cura do mal” (todo mundo = sujeito)
- “o mundo espera de **nós**” (nós = objeto indireto)

O item II. está correto, pois realizando-se a análise sintática dos termos destacados teremos:

- “tudo pede **um pouco mais de calma**” (= objeto direto)
- “o corpo pede **um pouco mais de alma**” (= objeto direto)



- “faço **hora**” (= objeto direto)
- “todo mundo espera **a cura do mal**” (= objeto direto)
- “a loucura finge que isso tudo é normal” (= oração subordinada substantiva objetiva direta)

O item III. está incorreto, pois realizando-se a análise sintática dos termos destacados teremos:

- O mundo vai girando cada vez **mais veloz** (= predicativo do sujeito)

Gabarito: D

6. (IME - 2010) adaptada

Acerca dos sujeitos dos verbos “entrou” e “estabeleceram” presentes em:

“Anchieta e Nóbrega tiveram um conflito com Duarte da Costa e decidiram iniciar as negociações de paz com os tamoios em Iperoig (hoje Ubatuba). Anchieta, falando tupi-guarani²⁵ e viajando por toda aquela costa, foi crucial para ganhar a confiança dos índios, e, após muitos incidentes, estabeleceu-se a paz entre tamoios, tupinambás e portugueses. Nessa época, Anchieta escreveu o “Poema em Louvor à Virgem Maria”, com 5.732 versos, alguns dos quais traçados nas areias das praias.

Em 1565, entrou com Estácio de Sá na baía de Guanabara, onde estabeleceram os fundamentos do que viria a ser a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.”

Podemos afirmar que

- são respectivamente a cidade do Rio de Janeiro e a baía da Guanabara.
- Nóbrega é o sujeito da forma verbal “entrou”; Nóbrega e Estácio de Sá, da forma verbal “estabeleceram”.
- Anchieta é o sujeito da forma verbal “entrou”; Anchieta e Estácio de Sá, da forma verbal “estabeleceram”.
- Nóbrega é sujeito da forma verbal “entrou”; Anchieta, Nóbrega e Duarte da Costa da forma verbal “estabeleceram”.
- não existem: são orações sem sujeito.

Comentários: A explicação de quem é o sujeito dessas orações é determinada pelo contexto. Encontra-se implícita no período em que está destacada.

O sujeito de “entrou” é Anchieta. É possível perceber isso a partir da análise do período anterior (“Anchieta escreveu...”). Normalmente, pode-se suprimir o sujeito sem prejuízo de entendimento caso seja igual ao sujeito do período anterior.

Já o sujeito de “estabeleceram” é Anchieta (implícito na oração “entrou com Estácio de Sá na baía de Guanabara”) e Estácio de Sá, ambos presentes na oração que precede “onde estabeleceram os fundamentos”.

Como pode-se presumir o sujeito pelas formas verbais, a alternativa correta é alternativa C.

Gabarito: C

Texto para as questões 7 e 8:

Pichação-arte é pixação?

As discussões muitas vezes acaloradas sobre o reconhecimento da pixação como expressão artística trazem à tona um questionamento conceitual importante: uma vez considerado arte contemporânea, o movimento perderia sua essência? Para compreendermos os desdobramentos da pixação, alguns aspectos presentes no graffiti são essenciais e importantes de serem resgatados. O graffiti nasceu originalmente nos EUA, na década de 1970, como um dos elementos da cultura hip-hop (Break, MC, DJ e Graffiti). Daí até os dias atuais, ele ganhou em força, criatividade e técnica, sendo reconhecido hoje no Brasil como graffiti artístico. Sua caracterização como arte contemporânea foi consolidada definitivamente por volta do ano 2000.

A distinção entre graffiti e pixação é clara; ao primeiro é atribuída a condição de arte, e o segundo é classificado como um tipo de prática de vandalismo e depredação das cidades, vinculado à ilegalidade e marginalidade. Essa distinção das expressões deu-se em boa parte pela institucionalização do graffiti, com os primeiros resquícios já na década de 1970.

Esse desenvolvimento técnico e formal do graffiti ocasionou a perda da potência subversiva que o marca como manifestação genuína de rua e caminha para uma arte de intervenção domesticada enquadrada cada vez mais nos moldes do sistema de arte tradicional. O grafiteiro é visto hoje como artista plástico, possuindo as características de todo e qualquer artista contemporâneo, incluindo a prática e o status. Muito além da diferenciação conceitual entre as expressões – ainda que elas compartilhem da mesma matéria-prima – trata-se de sua força e essência intervencionista.

Estudos sobre a origem da pixação afirmam que o graffiti nova-iorquino original equivale à pixação brasileira; os dois mantêm os mesmos princípios: a força, a explosão e o vazio. Uma das principais características do pixo é justamente o esvaziamento sógnico, a potência esvaziada. Não existem frases poéticas, nem significados. A pichação possui dimensão incomunicativa, fechada, que não conversa com a sociedade. Pelo contrário, de certa forma, a agride. A rejeição do público geral reside na falta de compreensão e inteligência das inscrições; apenas os membros da própria comunidade de pixadores decifram o conteúdo.

A significância e a força intervencionista do pixo residem, portanto, no próprio ato. Ela é evidenciada pela impossibilidade de inserção em qualquer estatuto pré-estabelecido, pois isso pressuporia a diluição e a perda de sua potência signo-estética. Enquanto o graffiti foi sendo introduzido como uma nova expressão de arte contemporânea, a pichação utilizou o princípio de não autorização para fortalecer sua essência.

Mas o quão sensível é essa forma de expressão extremista e antissistema como a pixação? Como lidar com a linha tênue dos princípios estabelecidos para não cair em contradição? Na 26ª Bienal de Arte de São Paulo, em 2004, houve um caso de pixo na obra do artista cubano naturalizado americano, Jorge Pardo. Seu comentário, diante da intervenção, foi “Se alguém faz alguma coisa no seu trabalho, isso é positivo, para mim, porque escolheram a minha peça



entre as expostas” [...]. “Quem fez isso deve discordar de alguma coisa na obra. Pode ser outro artista fazendo sua própria obra dentro da minha. Pode ser só uma brincadeira” e finalizou dizendo que “pichar a obra de alguém também não é tão incomum. Já é tradicional”.

É interessante notar, a partir do depoimento de Pardo, a recorrência de padrões em movimentos de qualquer natureza, e o inevitável enquadramento em algum tipo de sistema, mesmo que imposto e organizado pelos próprios elementos do grupo. Na pixação, levando em conta o “sistema” em que estão inseridos, constatamos que também passa longe de ser perfeito; existe rivalidade pesada entre gangues, hierarquia e disputas pelo “poder”.

Em 2012, a Bienal de Arte de Berlim, com o tema “Forget Fear”, considerado ousado, priorizou fatos e inquietações políticas da atualidade. Os pixadores brasileiros, Cripta (Djan Ivson), Biscoito, William e R.C., foram convidados na ocasião para realizar um workshop sobre pixação em um espaço delimitado, na igreja Santa Elizabeth. Eles compareceram. Mas não seguiram as regras impostas pela curadoria, ao pixar o próprio monumento. O resultado foi tumulto e desentendimento entre os pixadores e a curadoria do evento.

O grande dilema diante do fato é que, ao aceitarem o convite para participar de uma bienal de arte, automaticamente aceitaram as regras e o sistema imposto. Mesmo sem adotar o comportamento esperado, caíram em contradição. Por outro lado, pela pichação ser conhecidamente transgressora (ou pelo jeito, não tão conhecida assim), os organizadores deveriam pressupor que eles não seguiriam padrões pré-estabelecidos.

Embora existam movimentos e grupos que consideram, sim, a pixação como forma de arte, como é o caso dos curadores da Bienal de Berlim, há uma questão substancial que permeia a realidade dos pichadores. Quem disse que eles querem sua expressão reconhecida como arte? Se arte pressupõe, como ocorreu com o graffiti, adaptar-se a um molde específico, seguir determinadas regras e por consequência ver sua potência intervencionista diluída e branda, é muito improvável que tenham esse desejo.

A representação da pixação como forma de expressão destrutiva, contra o sistema, extremista e marginalizada é o que a mantém viva. De certo modo, a rejeição e a ignorância do público é o que garante sua força intervencionista e a tão importante e sensível essência.

Adaptado de: CARVALHO, M. F. Pichação-arte é pixação? Revista Arruaça, Edição nº 0. Cásper Líbero, 2013. Disponível em <<https://casperlibero.edu.br/revistas/pichacao-arte-e-pixacao/>> Acesso em: maio 2018.

7. (ITA - 2019)

Assinale a alternativa em que o trecho sublinhado expressa ideia de causa.

- a) Essa distinção das expressões deu-se em boa parte pela institucionalização do graffiti, com os primeiros resquícios já na década de 1970.
- b) Enquanto o graffiti foi sendo introduzido como uma nova expressão de arte contemporânea, a pichação utilizou o princípio de não autorização para fortalecer sua essência.
- c) A rejeição do público geral reside na falta de compreensão e inteligência das inscrições; apenas os membros da própria comunidade decifram o conteúdo.
- d) Mesmo sem adotar o comportamento esperado, caíram em contradição.



e) O grafiteiro é visto hoje como artista plástico, possuindo as características de todo e qualquer artista contemporâneo, incluindo a prática e o status.

Comentários: Um modo de analisar se uma oração é causal é tentar substituí-la por conjunções como “porque” ou até mesmo “por causa de”. A oração que pode ter sua conjunção substituída por outra de causa sem prejuízo é alternativa A: “Essa distinção das expressões deu-se em boa parte **por causa da** institucionalização do graffiti”.

A alternativa B está incorreta, pois trecho grifado sugere uma relação temporal entre as orações: ao longo do tempo, o graffiti foi sendo (...) e a pichação (...).

A alternativa C está incorreta, pois trecho grifado dá a ideia de exclusão: somente os membros decifram o conteúdo.

A alternativa D está incorreta, pois trecho grifado indica uma ideia de concessão: apesar de não adotar o comportamento adequado (...).

A alternativa E está incorreta, pois trecho destacado é a Oração Principal do período e, portanto, não apresenta classificação sintática.

Gabarito: A

8. Assinale a alternativa cujo trecho sublinhado denota uma condição.

a) [...] trazem à tona um questionamento conceitual importante: uma vez considerado arte contemporânea, o movimento perderia sua essência?

b) [...] ele ganhou em força, criatividade e técnica, sendo reconhecido hoje no Brasil como graffiti artístico.

c) Muito além da diferenciação conceitual entre as expressões – ainda que elas compartilhem da mesma matéria-prima [...]

d) Ela é evidenciada pela impossibilidade de inserção em qualquer estatuto pré-estabelecido, pois isso pressuporia a diluição e a perda de sua potência signo-estética.

e) “Se alguém faz alguma coisa no seu trabalho, isso é positivo, para mim, porque escolheram a minha peça entre as expostas” [...]

Comentários: Um dos modos mais fáceis de encontrar o valor dos conectivos e classificar as orações é substituir a conjunção da oração por outra que você tenha certeza do significado. Uma das conjunções mais comuns para condição é o “se”. A única oração que pode ter sua conjunção substituída pelo “se” sem prejuízo é a alternativa A: “se fosse considerado arte contemporânea, o movimento perderia sua essência?”

A alternativa B está incorreta, pois a oração destacada caracteriza o graffiti, não impõe nenhuma condição.

A alternativa C está incorreta, pois o trecho destacado indica uma concessão (**embora** compartilhem da mesma matéria-prima).

A alternativa D está incorreta, pois o trecho destacado indica uma causa (**porque** isso pressuporia a diluição).

A alternativa E está incorreta pelo mesmo motivo que D: o trecho destacado indica uma causa.

Gabarito: A

9. (ITA - 2012)

Moradores de Higienópolis admitiram ao jornal Folha de S. Paulo que 6a abertura de uma estação de metrô na avenida Angélica traria “gente diferenciada” ao bairro. Não é difícil imaginar que alguns vizinhos do Morumbi compartilhem esse medo e prefiram o isolamento garantido com a inexistência de transporte público de massa por ali.

Mas à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros, erguer fortalezas e se refugiar em ambientes distantes do Brasil real, o poder público não fez a sua parte em desmentir que a chegada do transporte de massas não degrade a paisagem urbana.

Enrique Peñalosa, ex-prefeito de Bogotá, na Colômbia, e grande especialista em transporte coletivo, diz que não basta criar corredores de ônibus bem asfaltados e servidos por diversas linhas. Abrigos confortáveis, boa iluminação, calçamento, limpeza e paisagismo que circundam estações de metrô ou pontos de ônibus precisam mostrar o status que o transporte público tem em uma determinada cidade.

Se no entorno do ponto de ônibus, a calçada está esburacada, há sujeira e a escuridão afugenta pessoas à noite, é normal que moradores não queiram a chegada do transporte de massa.

A instalação de linhas de monotrilho ou de corredores de ônibus precisa vitaminar uma área, não destruí-la.

Quando as grades da Nove de Julho foram retiradas, 2a avenida ficou menos tétrica, quase bonita. Quando o corredor da Rebouças fez pontos muito modestos, que acumulam diversos ônibus sem dar vazão a desembarques, 3a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.

Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os “trams” das cidades alemãs e suíças. Mesmo em uma cidade de 16 milhões de habitantes na Turquia, país emergente como o Brasil, houve cuidado com os abrigos feitos de vidro, com os bancos caprichados – em formato de livro – e com a iluminação. Restou menos espaço para os carros porque a ideia ali era tentar convencer na marra os motoristas a deixarem mais seus carros em casa e usarem o transporte público.

Se os monotrilhos do Morumbi, de fato, se parecerem com um Minhocão*, o Godzilla do centro de São Paulo, os moradores deveriam protestar, pedindo melhorias no projeto, detalhamento dos materiais, condições e impacto dos trilhos na paisagem urbana. Se forem como os antigos bondes, ótimo.

Mas se os moradores simplesmente recusarem qualquer ampliação do transporte público, que beneficiará diretamente os milhares de prestadores de serviço que precisam trabalhar na região do Morumbi, vai ser difícil acreditar que o problema deles não seja a gente diferenciada que precisa circular por São Paulo.

(Raul Justes Lores. Folha de S. Paulo, 07/10/2010. Adaptado.)

(*) Elevado Presidente Costa e Silva, ou Minhocão, é uma via expressa que liga o Centro à Zona Oeste da cidade de São Paulo.



Em sentido amplo, a relação de causa e efeito nem sempre é estabelecida por conectores (porque, visto que, já que, pois etc.). Outros recursos também são usados para atribuir relação de causa e efeito entre dois ou mais segmentos. Isso ocorre nas opções abaixo, exceto em

- a) [...] a abertura de uma estação de metrô na avenida Angélica traria “gente diferenciada” ao bairro.
- b) [...] a escuridão afugenta pessoas à noite [...].
- c) A instalação de linhas de monotrilho ou de corredores de ônibus precisa vitaminar uma área [...].
- d) Quando as grades da Nove de Julho foram retiradas, a avenida ficou menos tétrica [...].
- e) [...] a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.

Comentários: A única questão que não apresenta relação de causa e efeito (ou causa e consequência) é alternativa C. Em “A instalação de linhas de monotrilho ou de corredores de ônibus precisa vitaminar uma área” não há uma causa, mas sim uma necessidade.

Na alternativa A, a relação de causa e efeito está em: o metrô é a causa do afluxo de gente diferenciada ao bairro.

Na alternativa B, a relação de causa e efeito está em: a escuridão causa a não permanência das pessoas

Na alternativa D, a relação de causa e efeito está em: a retirada das grades causa melhoria na paisagem urbana.

Na alternativa E, a relação de causa e efeito está em: o engarrafamento e a bagunça causam desastre na opinião pública.

Gabarito: C

10. (ITA – 2012)

Gosto de olhar as capas das revistas populares no supermercado nestes tempos de corrida do ouro da classe C. A classe C é uma versão sem neve e de biquíni do Yukon do tio Patinhas quando jovem pato. Lembro do futuro milionário disneyano enfrentando a nevasca para obter suas primeiras patacas. Era preciso conquistar aquele território com a mesma sofreguidão com que se busca, agora, fincar a bandeira do consumo no seio dos emergentes brasileiros.

Em termos jornalísticos, é sempre aquela concepção de não oferecer o biscoito fino para a massa. É preciso dar o que a classe C quer ler – ou o que se convencionou a pensar que ela quer ler. Daí as políticas de didatismo nas redações, com o objetivo de deixar o texto mastigado para o leitor e tornar estanque a informação dada ali. Como se não fosse interessante que, ao não compreender algo, ele fosse beber em outras fontes. Hoje, com a Internet, é fácil, está ao alcance da vista de quase todo mundo.

Outro aspecto é seguir ao pé da letra o que dizem as pesquisas na hora de confeccionar uma revista popular. Tomemos como exemplo a pesquisa feita por uma grande editora sobre “a mulher da classe C” ou “nova classe média”. Lá, ficamos sabendo que: a mulher da classe C vai consumir cada vez mais artigos de decoração e vai investir na reforma de casa; que ela

gasta muito com beleza, sobretudo o cabelo; que está preocupada com a alimentação; e que quer ascender social e profissionalmente. É com base nestes números que a editora oferece o produto – a revista – ao mercado de anunciantes. Normal.

Mas no que se transformam, para o leitor, estes dados? Preocupação com alimentação? Dietas amalucadas? A principal chamada de capa destas revistas é alguma coisa esdrúxula como: “perdi 30 kg com fibras naturais”, “sequei 22 quilos com cápsulas de centelha asiática”, “emagreci 27 kg com florais de Bach e colágeno”, “fiquei magra com a dieta da aveia” ou “perdi 20 quilos só comendo linhaça”. Pelo amor de Deus, quem é que vai passar o dia comendo linhaça? Estão confundindo a classe C com passarinho, só pode.

Quer reformar a casa? Nada de dicas de decoração baratas e de bom gosto. O objetivo é ensinar como tomar empréstimo e comprar móveis em parcelas. Ou então alguma coisa “criativa” que ninguém vai fazer, tipo uma parede toda de filtros de café usados. Juro que li isso. A parte de ascensão profissional vem em matérias como “fiquei famosa vendendo bombons de chocolate feitos em casa” ou “lucro 2500 reais por mês com meus doces”. Falar das possibilidades de voltar a estudar, de ter uma carreira ou se especializar para ser promovido no trabalho? Nada. Dicas culturais de leitura, filmes, música, então, nem pensar.

Cada vez que vejo pesquisas dizendo que a mídia impressa está em baixa penso nestas revistas. A internet oferece grátis à classe C um cardápio ainda pobre, mas bem mais farto. Será que a nova classe média quer realmente ler estas revistas? A vendagem delas é razoável, mas nada impressionante. São todas inspiradas nas revistas populares inglesas, cuja campeã é a “Take a Break”. A fórmula é a mesma de uma “Sou + Eu”: dietas, histórias reais de sucesso ou escabrosas e distribuição de prêmios. Além deste tipo de abordagem também fazem sucesso as publicações de fofocas de celebridades ou sobre programas de TV – aqui, as novelas.

Sei que deve ser utopia, mas gostaria de ver publicações para a classe C que ensinassem as pessoas a se alimentar melhor, que mostrassem como a obesidade anda perigosa no Brasil porque se come mal. Atacando, inclusive, refrigerantes, redes de fast food e guloseimas, sem se preocupar em perder anunciantes. Que priorizassem não as dietas, mas a educação alimentar e a importância de fazer exercícios e de levar uma vida saudável. Gostaria de ver reportagens ensinando as mulheres da classe C a se sentirem bem com seu próprio cabelo, muitas vezes cacheado, em vez de simplesmente copiarem as famosas. Que mostrassem como é possível se vestir bem gastando pouco, sem se importar com marcas.

Gostaria de ler reportagens nas revistas para a classe C alertando os pais para que vejam menos televisão e convivam mais com os filhos. Que falassem da necessidade de tirar as crianças do computador e de levá-las para passear ao ar livre. Que tivessem dicas de livros, notícias sobre o mundo, ciências, artes – é possível transformar tudo isso em informação acessível e não apenas para conhecedores, como se a cultura fosse patrimônio das classes A e B. Gostaria, enfim, de ver revistas populares que fossem feitas para ler de verdade, e que fizessem refletir. Mas a quem interessa que a classe C tenha suas próprias ideias?

(Cynara Menezes, 15/07/2011, em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/o-que-quer-a-classe-c>)

Considere as seguintes afirmações relativas a aspectos sintático-semânticos do texto:

I. A chamada “perdi 20 quilos só comendo linhaça” foi interpretada como “perdi 20 quilos comendo só linhaça”.



II. Nos dois últimos parágrafos, há recorrência de períodos fragmentados em que faltam as orações principais.

III. Devido à estrutura da frase “Que mostrassem como é possível se vestir bem gastando pouco, sem se importar com marcas”, o segundo período ficaria melhor se fosse assim: “sem se importassem com marcas”.

Está correto o que se afirma apenas em

- a) I.
- b) I e II.
- c) II.
- d) II e III.
- e) III.

Comentários:

A afirmação I. está correta, pois a autora de fato o significado da frase é “comer exclusivamente linhaça” – como um passarinho, referência que aparece na próxima oração.

A afirmação II. está correta, pois tanto no segundo parágrafo há orações iniciadas pela conjunção “que” não acompanhadas de uma oração principal que diga a quem essa conjunção se refere. É possível apenas presumir pelo contexto que ela fala de revistas e reportagens.

A afirmação III. está incorreta, pois não há erro na correlação de tempos e modos verbais nessa frase.

Gabarito: B

Texto para as questões 11 e 12:

11. (ITA - 2009)

A vegetação do cerrado é influenciada pelas características do solo e do clima, bem como pela frequência de incêndios. O excesso de alumínio provoca uma alta acidez no solo, o que diminui a disponibilidade de nutrientes e o torna tóxico para plantas não adaptadas. A hipótese do escleromorfismo oligotrófico defende que a elevada toxicidade do solo e a baixa fertilidade das plantas levariam ao nanismo e à tortuosidade da vegetação.

Além disso, a variação do clima nas diferentes estações (sazonalidade) tem efeito sobre a quantidade de nutrientes e o nível tóxico do solo. Com baixa umidade, a toxicidade se eleva e a disponibilidade de nutrientes diminui, influenciando o crescimento das plantas.

Já outra hipótese propõe que o formato tortuoso das árvores do cerrado se deve à ocorrência de incêndios. Após a passagem do fogo, as folhas e gemas (aglomerados de células que dão origem a novos galhos) sofrem necrose e morrem. As gemas que ficam nas extremidades dos galhos são substituídas por gemas internas, que nascem em outros locais, quebrando a linearidade do crescimento.

Quando a frequência de incêndios é muito elevada, a parte aérea (galhos e folhas) do vegetal pode não se desenvolver e ele se torna uma planta anã. Pode-se dizer, então, que a



combinação entre sazonalidade, deficiência nutricional dos solos e ocorrência de incêndios determina as características da vegetação do cerrado.

(André Stella e Isabel Figueiredo. *Ciência hoje*, março/2008, adaptado.)

Considere o trecho abaixo:

“Após a passagem do fogo, as folhas e gemas (aglomerados de células que dão origem a novos galhos) sofrem necrose e morrem. As gemas que ficam nas extremidades dos galhos são substituídas por gemas internas, que nascem em outros locais, quebrando a linearidade do crescimento.” (3º parágrafo)

Nesse trecho, as orações adjetivas permitem afirmar que

- I. nem todas as células produzem novos galhos.
- II. algumas gemas se localizam nas extremidades dos galhos.
- III. todas as gemas internas nascem em outros pontos do galho.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas a I.
- b) apenas I e II.
- c) apenas a II.
- d) apenas a III.
- e) todas.

Comentários:

As orações adjetivas presentes no trecho são:

- “aglomerados de células que dão origem a novos galhos”

Oração de valor restritivo: apenas as gemas são células cuja característica é dar origem a novos galhos.

- “As gemas que ficam nas extremidades dos galhos são substituídas por gemas internas”

Oração de valor restritivo: apenas as gemas das extremidades dos galhos são substituídas.

- “gemas internas, que nascem em outros locais,”

Oração de valor explicativo: as gemas internas são aquelas que nascem em outros locais.

Lembre-se que **orações adjetivas restritivas não possuem vírgula e orações adjetivas explicativas possuem vírgula!**

A afirmação I. está correta, pois se apenas as gemas são células cuja característica é dar origem a novos galhos, significa que há outras células que não possuem a mesma característica.



A afirmação II. está correta, pois se apenas as gemas das extremidades dos galhos são substituídas quer dizer que há outras, em outros locais do galho – que por consequência não são substituídas.

A afirmação III. está correta, pois a definição de gemas internas é “aquelas que nascem em outros locais”.

Gabarito: E

12. (ITA – 2009)

As relações de causalidade são estabelecidas no texto, entre outros recursos, pelos verbos. Assinale a opção em que o sujeito e o complemento do verbo NÃO correspondem, respectivamente, à ordem causa-consequência:

- a) O excesso de alumínio provoca uma alta acidez no solo [...].
- b) [...] a elevada toxicidade do solo e a baixa fertilidade das plantas levariam ao nanismo e à tortuosidade da vegetação.
- c) Com baixa umidade, a toxicidade se eleva e a disponibilidade de nutrientes diminui, influenciando o crescimento das plantas.
- d) [...] o formato tortuoso das árvores do cerrado se deve à ocorrência de incêndios.
- e) [...] a combinação entre sazonalidade, deficiência nutricional dos solos e ocorrência de incêndios determina as características da vegetação do cerrado.

Comentários: Na alternativa D há uma estrutura diferente da proposta no exercício. “o formato tortuoso das árvores do cerrado” é a consequência e “a ocorrência de incêndios” é a causa. Portanto, o sujeito contém a ideia de consequência e o objeto (aqui, indireto) contém a ideia de causa.

Seria possível resolver essa questão percebendo que, caso fosse utilizado o verbo “causar”, a frase seria “o formato tortuoso das árvores do cerrado **é causado pela** ocorrência de incêndios”. Seria, portanto, uma voz passiva em que “o formato tortuoso das árvores do cerrado” = Sujeito paciente; e “ocorrência de incêndios” = Agente da passiva. Perceba como nas outras alternativas, o verbo está na voz ativa.

Na alternativa A, a relação de causa e consequência está em: é o excesso de alumínio que causa alta acidez no solo

Na alternativa B, a relação de causa e consequência está em: são a elevada toxicidade do solo e a baixa fertilidade das plantas que causam o nanismo e a tortuosidade da vegetação.

Na alternativa C, a relação de causa e consequência está em: a baixa umidade causa elevação da toxicidade e a diminuição da disponibilidade de nutrientes.

Na alternativa E, a relação de causa e consequência está em: são a combinação entre sazonalidade, a deficiência nutricional dos solos e a ocorrência de incêndios que causam as características da vegetação do cerrado.

Gabarito: D

13. (ITA - 2002)

Tem gente que junta os trapos, outros juntam os pedaços.

O **que**, empregado como conectivo, introduz uma oração:

- a) substantiva.
- b) adverbial causal.
- c) adverbial consecutiva.
- d) adjetiva explicativa.
- e) adjetiva restritiva.

Comentários: A oração “que junta os trapos” é adjetiva: ela caracteriza a palavra “gente” da oração principal. É uma oração restritiva, pois especifica o sentido de “gente”: nessa oração, refere-se apenas a um tipo específico de gente – aquele que junta os trapos. Por isso, a alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois não é uma frase que assume nenhuma função sintática de um substantivo.

Lembre-se de tentar substituir a frase por um “isso” para tentar resolver.

A alternativa B está incorreta, pois não há relação de causa e consequência nessa oração.

A alternativa C está incorreta pelo mesmo motivo que B: não há relação de causa e consequência nessa oração.

A alternativa D está incorreta, pois apesar de ser uma oração adjetiva, não explica ou adiciona características a “gente”, mas sim restringe a que tipo de “gente” a oração se refere.

Gabarito: E

14. (FUVEST - 2019)

Mito, na acepção aqui empregada, não significa mentira, falsidade ou mistificação. Tomo de empréstimo a formulação de Hans Blumenberg do mito político como um processo contínuo de trabalho de uma narrativa que responde a uma necessidade prática de uma sociedade em determinado período. Narrativa simbólica que é, o mito político coloca em suspenso o problema da verdade. Seu discurso não pretende ter validade factual, mas também não pode ser percebido como mentira (do contrário, não seria mito). O mito político confere um sentido às circunstâncias que envolvem os indivíduos: ao fazê-los ver sua condição presente como parte de uma história em curso, ajuda a compreender e suportar o mundo em que vivem.

ENGELKE, Antonio. O anjo redentor. Piauí, ago. 2018, ed. 143, p. 24.

Sobre o sujeito da oração “em que vivem”, é correto afirmar:

- a) Expressa indeterminação, cabendo ao leitor deduzir a quem se refere a ação verbal.
- b) Está oculto e visa evitar a repetição da palavra “circunstâncias”.
- c) É uma função sintática preenchida pelo pronome “que”.
- d) É indeterminado, tendo em vista que não é possível identificar a quem se refere a ação verbal.
- e) Está oculto e seu referente é o mesmo do pronome “os” em “fazê-los”.



Comentários: O período em que o termo “em que vivem” aparece é:

“O mito político confere um sentido às circunstâncias que envolvem os indivíduos: ao fazê-los ver sua condição presente como parte de uma história em curso, ajuda a compreender e suportar o mundo **em que vivem.**”

Está implícito nesse termo a palavra a que se refere. Quem vive no mundo? A resposta está na oração que antecede os dois pontos: “indivíduos” (= suportar o mundo em que os indivíduos vivem). “os indivíduos” é também referido em “fazê-los”: o pronome “os” em “los” é pronome relativo a “os indivíduos”.

Por isso, a alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois não há presença do índice de indeterminação.

A alternativa B está incorreta, pois “circunstâncias” não é o referente desse termo, mas sim “os indivíduos”.

A alternativa C está incorreta, pois “em que” se mantém integralmente expresso ainda que se coloque o sujeito textualmente.

A alternativa D está incorreta, pois o sujeito não é indeterminado, apenas está oculto.

Gabarito: E

15. (FGV - 2018)

Quando você significa eu

Outro dia, deitado no divã em uma seção de análise, descrevi meus sentimentos. “Quando sobe a raiva, você perde a capacidade de ser generoso.” Antes de terminar a frase, eu me dei conta de que tinha usado “você”, apesar de estar descrevendo um comportamento meu. Instintivamente repeti a frase. “Quando sobe a raiva, eu perco a capacidade de ser generoso.”

Não me senti bem. Não era o que eu queria expressar. O que seria esse estranho “você” que havia usado falando de mim, e seguramente não me referindo a ele, meu analista, que era o único na sala? Como você sabe, o “você” normal é usado como nessa frase, para se referir ao interlocutor. Descobri que esse estranho “você” é o chamado “você” genérico e pode significar muitas coisas, entre elas “eu e toda a humanidade”. O que eu queria dizer era o seguinte: “Quando sobe a raiva, eu e toda a humanidade perdemos a capacidade de sermos generosos.” Ao usar o “você” genérico estava tentando me eximir um pouco da culpa.

Imagine qual não foi minha surpresa ao me deparar com um estudo que investiga exatamente em que condições as pessoas usam esse “você” genérico. O prazer é grande quando você (o prazer é meu, mas estou usando o “você” genérico para expressar minha esperança que você também tenha esse prazer) lê sobre algo que já observou.

Fernando Reinach, O Estado de S. Paulo, 08/04/2017.

A oração “Ao usar o ‘você’ genérico” (final do segundo parágrafo) expressa ideia de

- a) causa.
- b) consequência.



- c) tempo.
- d) condição.
- e) finalidade.

Comentários: O período em que o termo destacado aparece é:

“Ao usar o “você” genérico estava tentando me eximir um pouco da culpa”.

A expressão “ao usar” indica ideia de “tempo”: “Quando usei o “você” genérico estava tentando me eximir um pouco da culpa”. Por isso, a alternativa correta é alternativa C.

Vamos construir o período com conectivos das alternativas para perceber como não há outra relação possível:

Alternativa A está incorreta, pois a construção **“Porque** usei o “você” genérico, estava tentando me eximir um pouco da culpa” não preserva o sentido.

Alternativa B está incorreta, pois a construção **“De modo que** usasse o “você” genérico, estava tentando me eximir um pouco da culpa” não preserva o sentido.

Alternativa D está incorreta, pois a construção **“Se** usasse o “você” genérico, estaria tentando me eximir um pouco da culpa” não preserva o sentido.

Alternativa E está incorreta, pois a construção **“A fim de** usar o “você” genérico, estava tentando me eximir um pouco da culpa” não preserva o sentido.

Gabarito: C

16. (FGV - 2018)

A revolução chama Pedro Bala como Deus chamava Pirulito nas noites do trapiche. É uma voz poderosa dentro dele, poderosa como a voz do mar, como a voz do vento, tão poderosa como uma voz sem comparação. Como a voz de um negro que canta num saveiro o samba que Boa-Vida fez:

“Companheiros, chegou a hora...”

A voz o chama. Uma voz que o alegra, que faz bater seu coração. Ajudar a mudar o destino de todos os pobres. Uma voz que atravessa a cidade, que parece vir dos atabaques que ressoam nas macumbas da religião ilegal dos negros. Uma voz que vem com o ruído dos bondes onde vão os condutores e motorneiros grevistas. Uma voz que vem do cais, do peito dos estivadores, de João de Adão, de seu pai morrendo num comício, dos marinheiros dos navios, dos saveiristas e dos canoeiros. Uma voz que vem do grupo que joga a luta da capoeira, que vem dos golpes que o Querido-de-Deus aplica. Uma voz que vem mesmo do padre José Pedro, padre pobre de olhos espantados diante do destino terrível dos Capitães da Areia. Uma voz que vem das filhas de santo do candomblé de Don’Aninha, na noite que a polícia levou Ogum. Voz que vem do trapiche dos Capitães da Areia. Que vem do reformatório e do orfanato. Que vem do ódio do Sem-Pernas se atirando do elevador para não se entregar. Que vem no trem da Leste Brasileira, através do sertão, do grupo de Lampião pedindo justiça para os sertanejos. Que vem de Alberto, o estudante pedindo escolas e liberdade para a cultura. Que vem dos quadros de Professor, onde meninos esfarrapados lutam naquela exposição da rua Chile. Que vem de Boa- Vida e dos malandros da cidade, do bojo dos seus violões, dos sambas tristes que



eles cantam. Uma voz que vem de todos os pobres, do peito de todos os pobres. Uma voz que diz uma palavra bonita de solidariedade, de amizade: companheiros. Uma voz que convida para a festa da luta.

Jorge Amado, **Capitães da Areia**.

Na frase “Como a voz de um negro que canta num saveiro o samba que Boa-Vida fez”, o pronome relativo “que”, em relação ao verbo “canta”, exerce a função de _____ e, em relação ao verbo “fez”, exerce a função de _____.

Essas lacunas dessa frase devem ser preenchidas, respectivamente, por:

- a) sujeito; objeto indireto.
- b) sujeito; objeto direto.
- c) objeto direto; sujeito.
- d) objeto direto; objeto indireto.
- e) objeto indireto; objeto direto.

Comentários: Para resolver essa questão, basta tentar compreender a que termo o “que” se refere, podendo substituí-lo sem prejuízo.

Na primeira frase:

“a voz de um negro que canta num saveiro” (que = um negro)

Substituindo-se os termos, teremos: “Um negro canta no saveiro”. Portanto, esse “que” representa o sujeito da oração.

Na segunda frase:

“o samba que Boa-Vida fez” (que = o samba)

Substituindo-se os termos, teremos: “Boa-Vida fez o samba”. Portanto, esse “que” representa objeto direto da oração.

Logo, a alternativa correta é alternativa B.

Gabarito: B

17. (INSPER - 2018)

Os memes – termo usado para se referir a um conceito ou imagem que se espalha rapidamente no mundo virtual – costumam surgir de um fato inusitado ou de uma situação engraçada que se espalha pela internet e começa a ganhar variadas versões. Em época de eleições, os candidatos viram alvos perfeitos dessas paródias.

Especialistas ouvidos pelo *Estado* dizem, no entanto, que o surgimento desses “memes políticos” não significa que as pessoas estejam mais interessadas em discutir política. “Isso aconteceria se elas estivessem debatendo propostas dos candidatos. O meme surge só para divertir”, diz o consultor em marketing político Carlos Manhanelli.

Rafael Sbarai, pesquisador de mídias digitais, concorda. Para ele, o fenômeno se explica pela tecnologia, não pela política. “Temos hoje mais pessoas conectadas, mais pessoas passando mais tempo nas redes sociais, especialmente no Facebook.”

O especialista em marketing político digital Gabriel Rossi recomenda: quando algum candidato for alvo de um meme, desde que ele não seja ofensivo, as campanhas têm de encarar o fato com bom humor.

(<http://politica.estadao.com.br>)

No segundo parágrafo, emprega-se a expressão “no entanto”, em relação às informações do parágrafo anterior, com a finalidade de indicar uma

- a) comparação de ideias, com as quais se pode inferir que a análise de temas políticos já faz parte do cotidiano da maioria dos internautas.
- b) conclusão de ideias, com as quais se pode concluir que as pessoas têm se mostrado mais preocupadas atualmente em debater política.
- c) consequência de ideias, com as quais se pode comprovar a tendência do brasileiro em analisar a situação política do país com humor.
- d) contrajunção de ideias, com as quais se pode concluir que a discussão política perde espaço para o humor e para o entretenimento no mundo virtual.
- e) explicação de ideias, com as quais se pode entender que, no campo da política nacional, o humor tem espaço bastante restrito.

Comentários: Há uma relação de contraste estabelecida. Diz-se uma informação no primeiro parágrafo e, no segundo, expõe-se outro lado para a mesma questão. O termo que melhor define essa ideia de contraste é **contrajunção**. No texto, porém, fica clara a linha de raciocínio seguida no texto: a ideia no segundo parágrafo (o surgimento dos memes políticos não significa que as pessoas estejam mais interessadas em discutir política) será mais explorada que a do primeiro (em época de eleição, realizam-se muitos memes com candidatos).

Por isso, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois não há comparação entre as ideias, mas sim a escolha de uma em detrimento de outra para dar seguimento ao texto.

A alternativa B está incorreta, pois uma ideia não é um desdobramento conclusivo da outra.

A alternativa C está incorreta, pois uma ideia não é consequência da outra, mas sim se contrapõe.

A alternativa E está incorreta, pois a segunda ideia não explica a primeira, mas sim se contrapõe a ela.

Gabarito: D

18. (UERJ - 2018)

“Se a rosa é uma rosa, a pedra deveria ser uma pedra.”

O trecho sublinhado se articula com o anterior expressando valor de:



- a) conclusão
- b) finalidade
- c) proporção
- d) conformidade

Comentários: Há uma relação de conclusão estabelecida nesse período. Se consideramos que “a rosa é uma rosa”, então temos que considerar também que “a pedra é uma pedra”. Por isso, seria possível construir esse período usando um conectivo conclusivo: “Se a rosa é uma rosa, **logo**, a pedra deveria ser uma pedra”.

A alternativa B está incorreta, pois não há relação de finalidade. É possível confirmar isso adicionando um conectivo de finalidade: “a rosa é uma rosa, **a fim de** que a pedra deveria seja uma pedra”.

A alternativa C está incorreta, pois não há relação de proporção. É possível confirmar isso adicionando um conectivo de proporção: “a rosa é uma rosa, **à medida em que** a pedra deva ser uma pedra”.

A alternativa D está incorreta, pois não há relação de conformidade. É possível confirmar isso adicionando um conectivo de conformidade: “a rosa é uma rosa, **conforme** a pedra deva ser uma pedra”.

Gabarito: A

19. (UNIFESP - 2016)

Leia o excerto do “Sermão de Santo Antônio aos peixes” de Antônio Vieira (1608-1697).

A primeira cousa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. [...] Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens. Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os tapuias se comem uns aos outros, muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças e cruzar as ruas: vedes aquele subir e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quietação nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer.

[...]

Diz Deus que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe: Plebem meam, porque a plebe e os plebeus, que são os mais pequenos, os que menos podem, e os que menos avultam na república, estes são os comidos. E não só diz que os comem de qualquer modo, senão que os engolem e os devoram: Qui devorant. Porque os grandes que têm o mando das cidades e das províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, poucos a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros: Qui devorant plebem meam. E de que modo se devoram e comem? Ut cibum panis: não como os outros



comeres, senão como pão. A diferença que há entre o pão e os outros comeres é que, para a carne, há dias de carne, e para o peixe, dias de peixe, e para as frutas, diferentes meses no ano; porém o pão é comer de todos os dias, que sempre e continuamente se come: e isto é o que padecem os pequenos. São o pão cotidiano dos grandes: e assim como pão se come com tudo, assim com tudo, e em tudo são comidos os miseráveis pequenos, não tendo, nem fazendo ofício em que os não carreguem, em que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem: Qui devorant plebem meam, ut cibum panis. Parece-vos bem isto, peixes?

(Antônio Vieira. *Essencial*, 2011.)

“Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens.” (1º parágrafo) Nas duas ocorrências, o termo “para” estabelece relação de

- a) consequência.
- b) conformidade.
- c) proporção.
- d) finalidade.
- e) causa.

Comentários: O conectivo “para” pode ser facilmente substituído por um “a fim de”: “Santo Agostinho, a fim de encarecer a fealdade (...)”. Portanto, a relação estabelecida a partir de “para” é de finalidade. A alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois não há relação de consequência. É possível confirmar isso adicionando um conectivo de consequência: “Santo Agostinho, **de modo a** encarecer a fealdade (...)”.

A alternativa B está incorreta, pois não há relação de conformidade. É possível confirmar isso adicionando um conectivo de conformidade: “Santo Agostinho, **conforme** encarece a fealdade (...)”.

A alternativa C está incorreta, pois não há relação de proporção. É possível confirmar isso adicionando um conectivo de proporção: “Santo Agostinho, **à medida que** encarece a fealdade (...)”.

A alternativa E está incorreta, pois não há relação de causa. É possível confirmar isso adicionando um conectivo de causa: “Santo Agostinho, **por que** encarece a fealdade (...)”.

Gabarito: D

20. (UNIFESP - 2016)

Leia o excerto da crônica “Mineirinho” de Clarice Lispector (1925-1977), publicada na revista *Senhor* em 1962.

É, suponho que é em mim, como um dos representantes de nós, que devo procurar por que está doendo a morte de um facínora. E por que é que mais me adianta contar os treze tiros que mataram Mineirinho do que os seus crimes. Perguntei a minha cozinheira o que pensava sobre o assunto. Vi no seu rosto a pequena convulsão de um conflito, o mal-estar de não

entender o que se sente, o de precisar traír sensações contraditórias por não saber como harmonizá-las. Fatos irredutíveis, mas revolta irredutível também, a violenta compaixão da revolta. Sentir-se dividido na própria perplexidade diante de não poder esquecer que Mineirinho era perigoso e já matara demais; e no entanto nós o queríamos vivo. A cozinheira se fechou um pouco, vendo-me talvez como a justiça que se vingava. Com alguma raiva de mim, que estava mexendo na sua alma, respondeu fria: “O que eu sinto não serve para se dizer. Quem não sabe que Mineirinho era criminoso? Mas tenho certeza de que ele se salvou e já entrou no céu”. Respondi-lhe que “mais do que muita gente que não matou”.

Por quê? No entanto a primeira lei, a que protege corpo e vida insubstituíveis, é a de que não matarás. Ela é a minha maior garantia: assim não me matam, porque eu não quero morrer, e assim não me deixam matar, porque ter matado será a escuridão para mim.

Esta é a lei. Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina — porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro.

Essa justiça que vela meu sono, eu a repudio, humilhada por precisar dela. Enquanto isso durmo e falsamente me salvo. Nós, os sonsos essenciais. Para que minha casa funcione, exijo de mim como primeiro dever que eu seja sonsa, que eu não exerça a minha revolta e o meu amor, guardados. Se eu não for sonsa, minha casa estremece. Eu devo ter esquecido que embaixo da casa está o terreno, o chão onde nova casa poderia ser erguida. Enquanto isso dormimos e falsamente nos salvamos. Até que treze tiros nos acordam, e com horror digo tarde demais — vinte e oito anos depois que Mineirinho nasceu — que ao homem acuado, que a esse não nos matem. Porque sei que ele é o meu erro. E de uma vida inteira, por Deus, o que se salva às vezes é apenas o erro, e eu sei que não nos salvaremos enquanto nosso erro não nos for precioso. Meu erro é o meu espelho, onde vejo o que em silêncio eu fiz de um homem. Meu erro é o modo como vi a vida se abrir na sua carne e me espantei, e vi a matéria de vida, placenta e sangue, a lama viva. Em Mineirinho se rebentou o meu modo de viver.

(Clarice Lispector. Para não esquecer, 1999.)

facínora: diz-se de ou indivíduo que executa um crime com crueldade ou perversidade acentuada.

Mineirinho: apelido pelo qual era conhecido o criminoso carioca José Miranda Rosa. Acuado pela polícia, acabou crivado de balas e seu corpo foi encontrado à margem da Estrada Grajaú-Jacarepaguá, no Rio de Janeiro.

“O décimo terceiro tiro me assassina — **porque eu sou o outro.**” (3º parágrafo)

Em relação à oração que a precede, a oração destacada tem sentido de

- a) consequência.
- b) conclusão.



- c) alternância.
- d) causa.
- e) finalidade.

Comentários: O conectivo “porque” é majoritariamente de causa. Nesse caso, a relação de causa estabelecida é bastante clara: a causa do tiro me assassinar é que “eu sou o outro”. Logo, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois não há relação de consequência. É possível confirmar isso adicionando um conectivo de consequência: “O décimo terceiro tiro me assassina — **de modo que** eu sou o outro.”

A alternativa B está incorreta, pois não há relação de conclusão. É possível confirmar isso adicionando um conectivo de conclusão: “O décimo terceiro tiro me assassina — **logo**, eu sou o outro.”

A alternativa C está incorreta, pois não há relação de alternância. É possível confirmar isso adicionando um conectivo de alternância: “**Ora** décimo terceiro tiro me assassina, **ora** eu sou o outro.”

A alternativa E está incorreta, pois não há relação de finalidade. É possível confirmar isso adicionando um conectivo de finalidade: O décimo terceiro tiro me assassina — **a fim de que** eu seja o outro.”

Gabarito: D

21. (UNESP - 2016)

Leia a crônica de Luís Fernando Veríssimo.

A invasão

A divisão ciência/humanismo se reflete na maneira como as pessoas, hoje, encaram o computador. Resiste-se ao computador, e a toda a cultura cibernética, como uma forma de ser fiel ao livro e à palavra impressa. Mas o computador não eliminará o papel. Ao contrário do que se pensava há alguns anos, o computador não salvará as florestas. Aumentou o uso do papel em todo o mundo, e não apenas porque a cada novidade eletrônica lançada no mercado corresponde um manual de instrução, sem falar numa embalagem de papelão e num embrulho para presente. O computador estimula as pessoas a escreverem e imprimirem o que escrevem. Como hoje qualquer um pode ser seu próprio editor, paginador e ilustrador sem largar o mouse, a tentação de passar sua obra para o papel é quase irresistível.

Desconfio que o que salvará o livro será o supérfluo, o que não tem nada a ver com conteúdo ou conveniência. Até que lancem computadores com cheiro sintetizado, nada substituirá o cheiro de papel e tinta nas suas duas categorias inimitáveis, livro novo e livro velho. E nenhuma coleção de gravações ornamentará uma sala com o calor e a dignidade de uma estante de livros. A tudo que falta ao admirável mundo da informática, da cibernética, do virtual e do instantâneo acrescenta-se isso: falta lombada. No fim, o livro deverá sua sobrevivência à decoração de interiores.

(O Estado de S.Paulo, 31.05.2015.)



Os termos “o uso do papel” e “um manual de instrução” (1º parágrafo) se identificam sintaticamente por exercerem nas respectivas orações a função de

- a) objeto direto.
- b) predicativo do sujeito.
- c) objeto indireto.
- d) complemento nominal.
- e) sujeito.

Comentários: O período a ser analisar para responder a essa questão é:

“Aumentou **o uso do papel** em todo o mundo, e não apenas porque a cada novidade eletrônica lançada no mercado corresponde **um manual de instrução**, sem falar numa embalagem de papelão e num embrulho para presente”

“o uso do papel” = Sujeito da oração principal, que se encontra na ordem indireta. Se escrita na ordem direta, essa oração seria: “O uso de papel aumentou em todo o mundo”.

“um manual de instrução” = Sujeito da oração subordinada, que também se encontra na ordem indireta. Se escrita na ordem direta, essa oração seria: “Um manual de instrução corresponde a cada novidade eletrônica lançada no mercado”.

ATENÇÃO: lembre-se da regência do verbo “corresponder”. Ele demanda preposição e, portanto, seu objeto é indireto. “um manual de instrução” não está precedido de preposição e, portanto, não poderia ser seu complemento.

Gabarito: E

22. (UNESP - 2016)

O leão fugido

O leão fugido do circo vinha correndo pela rua quando viu um senhor à sua frente. Aí caminhou pé ante pé, bateu delicadamente nas costas do senhor e disse disfarçando a voz leonina o mais possível: “Cavalheiro, tenha cuidado e muita calma: acabei de ouvir dizer que um macaco fugiu do circo agora mesmo”. O cavalheiro, ouvindo o aviso, voltou-se, viu o leão e morreu de um ataque do coração. O leão então murmurou tristemente: “Não adianta nada. É tal a nossa fama de ferocidade que matamos, mesmo quando queremos agir em favor do próximo”.

Moral: A quem nasce feroz não importa o tom de voz.

(Millôr Fernandes, Fábulas Fabulosas)

Observe as passagens do texto:

- ... um macaco fugiu do circo agora mesmo.
- ... e morreu de um ataque do coração.

Quanto ao tipo de predicado das orações e à circunstância estabelecida pelas expressões “do circo” e “de um ataque do coração”, é correto afirmar que são, respectivamente:

- a) nominal; de modo e de causa.
- b) verbal; de lugar e de consequência.
- c) nominal; de tempo e de modo.
- d) verbal; de lugar e de causa.

Comentários:

As orações a serem analisadas são:

“um macaco fugiu **do circo** agora mesmo”

Sujeito = um macaco

Predicado = fugiu do circo agora mesmo

Por ser formado por um verbo de ação (fugiu) + **adjuntos adverbiais de lugar (do circo)** e de tempo (agora mesmo), esse predicado é **verbal**.

“morreu **de um ataque do coração**”

Sujeito: oculto (referido na oração anterior, “cavalheiro”)

Predicado: morreu de um ataque do coração

Por ser formado por um verbo de ação (morreu) + **adjunto adverbial de causa (de um ataque do coração)**, esse predicado é **verbal**.

Portanto, a resposta para a pergunta está na alternativa D:

Os predicados são **verbais**, “do circo” tem valor de **lugar** e “de um ataque do coração” tem valor de **causa**.

Gabarito: D

23. (UNESP - 2016)

Leia a fábula “O morcego e as doninhas” do escritor grego Esopo (620 a.C.-564 a.C.).

Um morcego caiu no chão e foi capturado por uma doninha¹. Como seria morto, rogou à doninha que poupasse sua vida.

– Não posso soltá-lo – respondeu a doninha –, pois sou, por natureza, inimiga de todos os pássaros.

– Não sou um pássaro – alegou o morcego. – Sou um rato.

E assim ele conseguiu escapar.

Mais tarde, ao cair de novo e ser capturado por outra doninha, ele suplicou a esta que não o devorasse. Como a doninha lhe disse que odiava todos os ratos, ele afirmou que não era um rato, mas um morcego. E de novo conseguiu escapar. Foi assim que, por duas vezes, lhe bastou mudar de nome para ter a vida salva.



(Fábulas, 2013.)

¹ doninha: pequeno mamífero carnívoro, de corpo longo e esguio e de patas curtas (também conhecido como furão).

“**Como seria morto**, rogou à doninha que poupasse sua vida.” (1º parágrafo)

Em relação à oração que a sucede, a oração destacada tem sentido de

- a) proporção.
- b) comparação.
- c) consequência.
- d) causa.
- e) finalidade.

Comentários: O período a ser analisado aqui é:

“Como seria morto, rogou à doninha que poupasse sua vida”

Oração principal: “rogou à doninha”

Oração subordinada: “que poupasse sua vida”

Essa oração tem valor de objeto direto: “Rogou à doninha **isso**”. Portanto, é uma Oração subordinada substantiva objetiva direta.

Oração subordinada: “Como seria morto”

Essa oração tem valor de **causa**: “**Porque** seria morto, rogou à doninha” ou “**Por causa** da morte iminente, rogou à doninha”. Portanto, é uma Oração subordinada adverbial causal.

Gabarito: D

24. (UNESP - 2016)

Leia o trecho extraído do livro *A dança do universo* do físico brasileiro Marcelo Gleiser.

Durante o século VI a.C., o comércio entre os vários Estados gregos cresceu em importância, e a riqueza gerada levou a uma melhoria das cidades e das condições de vida. O centro das atividades era em Mileto, uma cidade-Estado situada na parte sul da Jônia, hoje a costa mediterrânea da Turquia. Foi em Mileto que a primeira escola de filosofia pré-socrática floresceu. Sua origem marca o início da grande aventura intelectual que levaria, 2 mil anos depois, ao nascimento da ciência moderna. De acordo com Aristóteles, Tales de Mileto foi o fundador da filosofia ocidental.

A reputação de Tales era legendária. Usando seu conhecimento astronômico e meteorológico (provavelmente herdado dos babilônios), ele previu uma excelente colheita de azeitonas com um ano de antecedência. Sendo um homem prático, conseguiu dinheiro para alugar todas as prensas de azeite de oliva da região e, quando chegou o verão, os produtores

de azeite de oliva tiveram que pagar a Tales pelo uso das prensas, que acabou fazendo uma fortuna.

Supostamente, Tales também previu um eclipse solar que ocorreu no dia 28 de maio de 585 a.C., que efetivamente causou o fim da guerra entre os lídios e os persas. Quando lhe perguntaram o que era difícil, Tales respondeu: “Conhecer a si próprio”. Quando lhe perguntaram o que era fácil, respondeu: “Dar conselhos”. Não é à toa que era considerado um dos Sete Homens Sábios da Grécia Antiga. No entanto, nem sempre ele era prático. Um dia, perdido em especulações abstratas, Tales caiu dentro de um poço. Esse acidente aparentemente feriu os sentimentos de uma jovem escrava que estava em frente ao poço, a qual comentou, de modo sarcástico, que Tales estava tão preocupado com os céus que nem conseguia ver as coisas que estavam a seus pés.

(A dança do universo, 2006. Adaptado.)

Em “Tales também previu um eclipse solar **que** ocorreu no dia 28 de maio de 585 a.C.” (3º parágrafo), o termo destacado exerce função de

- a) adjunto adnominal.
- b) adjunto adverbial.
- c) sujeito.
- d) objeto indireto.
- e) objeto direto.

Comentários: Analisando-se o período acima, teremos:

Oração principal: “Tales também previu um eclipse solar”

Oração subordinada: “**que** ocorreu no dia 28 de maio de 585 a.C.”

Analisando-se isoladamente os termos que compõe a oração subordinada:

“que” = conjunção integrante que substitui o termo “um eclipse solar”. Portanto, “que” é **sujeito** da oração subordinada.

“ocorreu no dia 28 de maio de 585 a.C.” = predicado verbal, já que é formado por um verbo de ação (ocorreu) + adjunto adverbial de tempo (no dia 28 de maio) + adjunto adnominal (de 585 a.C.).

Comprovando, é possível reescrever a oração substituindo o “que” pelo termo a que se refere:

Um eclipse solar ocorreu no dia 28 de maio de 585 a.C.

Sujeito: um eclipse solar

Verbo: ocorreu

Adjunto adverbial: no dia 28 de maio (referente a ocorreu)

Adjunto adnominal: de 585 a.C. (referente a maio)

A oração não possui objeto, nem direto nem indireto.

Gabarito: C

25. (IBMEC - 2016)

Mãe galinha

Tente uniformizar o design dos aviões sem ouvir os comandantes, os controladores de voo, os engenheiros, o pessoal de terra, os meteorologistas e as aeromoças. As turbinas acabarão no lugar das rodas e as asas sairão do nariz do avião, como bigodes. Foi o que aconteceu à língua portuguesa com o "Acordo" Ortográfico imposto pelo Brasil e, até hoje, não aceito nem assimilado por Portugal.

Há dias, o ministro da Cultura, Juca Ferreira, admitiu que "talvez tenhamos errado no processo de normatização, que teve um caráter tecnicista e não envolveu os criadores de todos os países". Exatamente: esqueceram-se de combinar conosco, que lidamos com a língua nas escolas, nos livros, nos jornais e na publicidade. Sem necessidade, baniram grafias seculares de Portugal, assim como o hífen, o trema e os acentos diferenciais. (...) De que adianta o "acordo" criar uma escrita comum se as pronúncias continuam diferentes, além da particularidade de milhares de conteúdos? No Brasil, uma mãe que se orgulha dos filhos e os protege é uma mãe coruja. Em Portugal, é uma mãe galinha. Vá dizer aos portugueses que eles deveriam mudar isso. (...)

A magia da língua portuguesa é a de que, não importa a variedade de grafias ou pronúncias, ela é sempre compreensível para os que a falam e leem, sejam portugueses, brasileiros ou africanos. "A língua é viva, e temos a vida inteira para aperfeiçoar o Acordo Ortográfico", disse o ministro. Eu não tenho. Por isso, não aderi a ele. Continuo escrevendo língua e, se quiserem, me corrijam.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2015/08/1675694-mae-galinha.shtml>. Acesso em 16/04/2016. (Adaptado)

Em "... para os que a falam", os termos em destaque exercem, respectivamente, a função sintática de

- a) objeto direto em ambas as ocorrências.
- b) objeto direto e sujeito.
- c) adjunto adnominal e sujeito.
- d) sujeito e adjunto adnominal.
- e) sujeito e objeto direto.

Comentários: O período a ser analisado aqui é:

"A magia da língua portuguesa é a de que, não importa a variedade de grafias ou pronúncias, ela é sempre compreensível para os que a falam e leem, sejam portugueses, brasileiros ou africanos."

Isolando-se a oração com os termos destacados, para melhor analisa-la, temos:

"ela é sempre compreensível para os que a falam"



Oração principal: “ela é sempre compreensível” (a oração com os termos destacados subordina-se a essa)

Oração subordinada: “para os que a falam”

Essa oração é **completiva nominal**, ou seja, complementa o sentido do termo “compreensível”.

“os” é pronome oblíquo. Aqui, denota o conjunto de pessoas que falam o português. Pode ser substituído por um “pessoas”, já que não há referência posterior a quem seriam especificamente esses falantes da língua: “ela é sempre compreensível para pessoas que a falam”.

“que” é pronome relativo. Aqui, se refere ao pronome “os” que o antecede. Reconstruindo-se a oração promovendo essa substituição, teríamos: “pessoas a falam”.

“a” é pronome oblíquo. Aqui, se refere à língua portuguesa, aquela que é falada. Reconstruindo-se a oração promovendo essa substituição, teríamos: “pessoas falam a língua portuguesa”.

Agora que já encontramos os correspondentes a que os termos se referem, podemos fazer a análise sintática mais facilmente:

Em “Pessoas falam a língua portuguesa”

Sujeito: Pessoas

Verbo: falam

Complemento verbal: a língua portuguesa (objeto direto).

Portanto:

que = sujeito

a = objeto direto

Gabarito: E

26. (FGV - 2015)

Redundâncias

Ter medo da morte
é coisa dos vivos
o morto está livre
de tudo o que é vida

Ter apego ao mundo
é coisa dos vivos
para o morto não há
(não houve)
raios rios risos

E ninguém vive a morte



quer morto quer vivo
mera noção que existe
só enquanto existo
(Ferreira Gullar, Muitas vozes)

Em relação à oração – é coisa dos vivos –, os enunciados – Ter medo da morte – (1.ª estrofe) e – Ter apego ao mundo – (2.ª estrofe) exercem a função sintática de

- a) sujeito.
- b) predicativo do sujeito.
- c) objeto direto.
- d) adjunto adnominal.
- e) complemento nominal.

Comentários: Os períodos a serem analisados são:

Ter medo da morte é coisa dos vivos

Oração principal: é coisa dos vivos

Oração subordinada: ter medo da morte

Essa oração é uma oração subordinada substantiva subjetiva, ou seja, exerce a função de **sujeito** em relação à principal. Se substituirmos a oração por um “isso”, teremos: **Isso** é coisa dos vivos.

Classificando-se todos os termos:

Sujeito: Ter medo da morte

Verbo: é (verbo de ligação)

Predicativo do sujeito (coisa dos vivos)

O mesmo ocorre na outra oração destacada:

Ter apego ao mundo é coisa dos vivos

Oração principal: é coisa dos vivos

Oração subordinada: Ter apego ao mundo

Essa oração é uma oração subordinada substantiva subjetiva, ou seja, exerce a função de **sujeito** em relação à principal. Se substituirmos a oração por um “isso”, teremos: **Isso** é coisa dos vivos.

Classificando-se todos os termos:

Sujeito: Ter apego ao mundo

Verbo: é (verbo de ligação)

Predicativo do sujeito (coisa dos vivos)

Portanto, as orações exercem ambas a função de sujeito da oração.

Gabarito: A

27. (INSPER - 2015)



(Folha de S. Paulo, 07/04/2014)

O título da chamada alude a um dos termos essenciais da oração: o sujeito. No entanto, para que o sujeito seja classificado como oculto, é necessário que haja certas marcas linguísticas, que podem ser identificadas em

- a) Foram criados novos aplicativos que prometem anonimato dos usuários.
- b) No mercado há diversos aplicativos que prometem anonimato dos usuários.
- c) Surgiram vários aplicativos que prometem anonimato dos usuários.
- d) Desenvolvemos novos aplicativos que prometem anonimato dos usuários.
- e) Cresce a oferta de aplicativos que prometem anonimato dos usuários.

Comentários: Um sujeito oculto pode ser identificado principalmente a partir da flexão verbal, ou seja, a terminação do verbo. Assim, é possível identificar se aquele verbo se refere a algum termo que apareceu anteriormente ou se se refere a algum pronome ligado àquela conjugação.

É justamente essa última característica que sugere o sujeito oculto na alternativa D: “**Desenvolvemos** novos aplicativos que prometem anonimato dos usuários”. “Desenvolvemos”, pela terminação **-mos**, indica que só pode se referir a um termo **nós** que está oculto, já que nenhuma outra pessoa verbal se liga a essa conjugação.

A alternativa A não apresenta sujeito oculto, mas sim indeterminado: não é possível dizer quem criou os novos aplicativos, uma vez que a forma verbal na terceira pessoa do plural é um índice de indeterminação do sujeito.

A alternativa B não apresenta sujeito oculto, mas sim inexistente: o verbo haver, usado no singular, é índice de inexistência do sujeito.



A alternativa C não apresenta sujeito oculto, mas sim simples: o termo que concorda com o verbo e, portanto, é seu sujeito, é “vários aplicativos”.

A alternativa E não apresenta sujeito oculto, mas sim simples: o termo que concorda com o verbo e, portanto, é seu sujeito, é “a oferta de aplicativos”.

Gabarito: D

28. (UNESP - 2014)

Considere o poema satírico do poeta português João de Deus (1830-1896).

Ossos do ofício

Uma vez uma besta do tesouro,
Uma besta fiscal,
Ia de volta para a capital,
Carregada de cobre, prata e ouro;
E no caminho
Encontra-se com outra carregada
De cevada,
Que ia para o moinho.

Passa-lhe logo adiante
Largo espaço,
Coleando arrogante
E a cada passo
Repicando a choquilha
Que se ouvia distante.

Mas salta uma quadrilha
De ladrões,
Como leões,

E qual mais presto

Se lhe agarra ao cabresto.

Ela reguinga, dá uma sacada

Já cuidando

Que desfazia o bando;

Mas, coitada!

Foi tanta a bordoadada,

Ah! que exclamava enfim

A besta oficial:

— Nunca imaginei tal!

Tratada assim

Uma besta real!...

Mas aquela que vinha atrás de mim,

Por que a não tratais mal?

“Minha amiga, cá vou no meu sossego,

Tu tens um belo emprego!

Tu sustentas-te a fava, e eu a troços!

Tu lá serves el-rei, e eu um moleiro!

Ossos do ofício, que o não há sem ossos.”

(Campo de flores, s/d.)

Na terceira estrofe, com relação à oração principal do período de que faz parte, a oração *que exclamava enfim* expressa

- a) causa.
- b) consequência.
- c) finalidade.
- d) condição.
- e) negação.

Comentários: O período referido no enunciado é:

“Foi tanta a bordoadada, Ah! que exclamava enfim a besta oficial”

Oração principal: “Foi tanta bordoadada”

Oração subordinada: “que exclamava enfim a besta oficial”



Substituindo-se o “que” por uma conjunção que não altere o sentido do período, teríamos:

“Foi tanta a bordoadada, **de modo que** exclamava enfim a besta oficial”

Portanto, a oração estabelece uma relação de consequência com a principal. A alternativa certa é alternativa B.

Substituindo-se o “que” da oração original por conjunções dos casos apresentados nas alternativas, fica fácil perceber que nenhuma outra relação preservaria o sentido original do texto. Perceba:

A alternativa A está incorreta, pois não há relação de causa expressa, de modo que é impossível construir a frase como: “Foi tanta a bordoadada, **porque** exclamava enfim a besta oficial”.

A alternativa C está incorreta, pois não há relação de finalidade expressa, de modo que é impossível construir a frase como: “Foi tanta a bordoadada, **a fim de que** exclamasse enfim a besta oficial”.

A alternativa D está incorreta, pois não há relação de causa expressa, de modo que é impossível construir a frase como: “Foi tanta a bordoadada, **se** exclamasse enfim a besta oficial”.

A alternativa E está incorreta, pois não há relação de causa expressa, de modo que é impossível construir a frase como: “Foi tanta a bordoadada, **não** exclamava enfim a besta oficial”.

Gabarito: B

29. (UNESP - 2013)

Considere a passagem de um livro de José Ribeiro sobre o folclore nacional.

Curupira

Na teogonia* tupi, o anhangá, gênio andante, espírito andejo ou vagabundo, destinava-se a proteger a caça do campo. Era imaginado, segundo a tradição colhida pelo Dr. Couto de Magalhães, sob a figura de um veado branco, com olhos de fogo.

Todo aquele que perseguisse um animal que estivesse amamentando corria o risco de ver Anhangá e a visão determinava logo a febre e, às vezes, a loucura. O caopora é o mesmo tipo mítico encontrado nas regiões central e meridional e aí representado por um homem enorme coberto de pelos negros por todo o rosto e por todo o corpo, ao qual se confiou a proteção da caça do mato. Tristonho e taciturno, anda sempre montado em um porco de grandes dimensões, dando de quando em vez um grito para impelir a vara. Quem o encontra adquire logo a certeza de ficar infeliz e de ser mal sucedido em tudo que intentar. Dele se originaram as expressões portuguesas caipora e caiporismo, como sinônimo de má sorte, infelicidade, desdita nos negócios. Bilac assim o descreve: “Companheiro do curupira, ou sua duplicata, é o Caopora, ora gigante, ora anão, montado num caititu, e cavalgando à frente de varas de porcos do mato, fumando cachimbo ou cigarro, pedindo fogo aos viajores; à frente dele voam os vagalumes, seus batedores, alumando o caminho”.

Ambos representam um só mito com diferente configuração e a mesma identidade com o curupira e o jurupari, numes que guardam a floresta. Todos convergem mais ou menos para o mesmo fim, sendo que o curupira é representado na região setentrional por um “pequeno tapuio” com os pés voltados para trás e sem os orifícios necessários para as secreções indispensáveis à vida, pelo que a gente do Pará diz que ele é músico. O Curupira ou Currupira, como é chamado no sul, aliás erroneamente, figura em uma infinidade de lendas tanto no



norte como no sul do Brasil. No Pará, quando se viaja pelos rios e se ouve alguma pancada longínqua no meio dos bosques, “os romeiros dizem que é o Curupira que está batendo nas sapupemas, a ver se as árvores estão suficientemente fortes para sofrerem a ação de alguma tempestade que está próxima. A função do Curupira é proteger as florestas. Todo aquele que derriba, ou por qualquer modo estraga inutilmente as árvores, é punido por ele com a pena de errar tempos imensos pelos bosques, sem poder atinar com o caminho de casa, ou meio algum de chegar até os seus”. Como se vê, qualquer desses tipos é a manifestação de um só mito em regiões e circunstâncias diferentes.

(O Brasil no folclore, 1970.)

(*) Teogonia, s.f.: 1. Filos. Doutrina mística relativa ao nascimento dos deuses, e que frequentemente se relaciona com a formação do mundo. 2. Conjunto de divindades cujo culto forma o sistema religioso dum povo politeísta. (Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI.)

[...] à frente dele voam os vaga-lumes, seus batedores, alumando o caminho.

Eliminando-se o aposto, a frase em destaque apresentará, de acordo com a norma-padrão, a seguinte forma:

- a) à frente voam os vaga-lumes, seus batedores, alumando o caminho.
- b) à frente dele voam os vaga-lumes batedores, alumando o caminho.
- c) à frente dele voam seus batedores, alumando o caminho.
- d) à frente dele voam os vaga-lumes, alumando o caminho.
- e) à frente dele voam os vaga-lumes, seus batedores, alumando.

Comentários: O aposto é um termo explicativo que vem entre vírgulas, após ponto e vírgula ou após dois pontos. O termo que contém uma característica e apresenta essa pontuação é “seus batedores”. Esse é, portanto, o aposto.

A alternativa A está incorreta, pois foi eliminado “dele”, que é o objeto do verbo “voam”.

A alternativa B está incorreta, pois foi eliminado “seus” e a vírgula, não eliminando o aposto em sua integridade e modificando o sentido do termo. Aqui, o adjetivo “batedores” se tornou restritivo, dando a entender que apenas os vaga-lumes batedores voaram.

A alternativa C está incorreta, pois foi eliminado “os vaga-lumes”, que é o sujeito do verbo “voam”.

A alternativa E está incorreta, pois foi eliminado “o caminho”, que é o objeto do verbo “alumando”.

Gabarito: D

30. (FGV – 2013)

Segundo um estudo realizado pelo Banco Mundial, a população acima dos 60 anos é a nova força econômica do País. Os idosos brasileiros estão mais ricos, mais saudáveis e mais poderosos. De acordo com o relatório, o Brasil vive o que os especialistas chamam de “bônus demográfico”, período em que a força de trabalho (pessoas na ativa) será muito maior do que o número de brasileiros que não produzem. Isso se dará como resultado principalmente do

envelhecimento da população. Os números do Banco Mundial são impressionantes. Até 2050, as pessoas com mais de 60 anos vão responder por 49% da população economicamente ativa do país. Atualmente, esse percentual é de 11%.

(IstoÉ, 03.10.2012)

Assinale a alternativa em que a expressão destacada, correspondendo ao sujeito da oração, é formada por substantivo seguido de adjetivo.

- a) ... um **estudo realizado**...
- b) ... a **nova força** econômica do País.
- c) Os **idosos brasileiros**...
- d) ... o **número de brasileiros**...
- e) ... do **envelhecimento da população**...

Comentários: Para responder a essa questão você precisa prestar atenção à palavra **respectivamente**. Isso significa que você precisa encontrar termos que tenham substantivo + adjetivo, nessa ordem em especial. A alternativa que apresenta essa construção é alternativa C, já que **idosos** é um substantivo e **brasileiros** é adjetivo pátrio.

A alternativa A está incorreta, pois apesar de “estudo” ser substantivo, “realizado” é participio verbal, não adjetivo.

A alternativa B está incorreta, pois a ordem proposta não condiz com o enunciado: o adjetivo aqui vem antes do substantivo.

A alternativa D está incorreta, pois apesar de “número” ser substantivo, “de brasileiros” é locução adjetiva, não adjetivo

A alternativa E está incorreta, pois apesar de “envelhecimento” ser substantivo, “da população” é locução adjetiva, não adjetivo

Gabarito: C

31. (FUVEST - 2013)

V – O samba

À direita do terreiro, adombra-se* na escuridão um maciço de construções, ao qual às vezes recortam no azul do céu os trêmulos vislumbres das labaredas fustigadas pelo vento.

(...)

É aí o quartel ou quadrado da fazenda, nome que tem um grande pátio cercado de senzalas, às vezes com alpendrada corrida em volta, e um ou dois portões que o fecham como praça d’armas.

Em torno da fogueira, já esbarrondada pelo chão, que ela cobriu de brasido e cinzas, dançam os pretos o samba com um frenesi que toca o delírio. Não se descreve, nem se imagina esse desesperado saracoteio, no qual todo o corpo estremece, pula, sacode, gira, bamboleia, como se quisesse desgrudar-se.

Tudo salta, até os criulinhos que esperneiam no cangote das mães, ou se enrolam nas saias das raparigas. Os mais taludos viram cambalhotas e pincham à guisa de sapos em roda do terreiro. Um desses corta jaca no espinhaço do pai, negro fornido, que não sabendo mais como desconjuntar-se, atirou consigo ao chão e começou de rabanar como um peixe em seco. (...)

José de Alencar, Til.

(*) “adumbra-se” = delinea-se, esboça-se.

Na composição do texto, foram usados, reiteradamente,

- I. sujeitos pospostos;
- II. termos que intensificam a ideia de movimento;
- III. verbos no presente histórico.

Está correto o que se indica em

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) III, apenas.
- d) I e II, apenas.
- e) I, II e III.

Comentários:

O item I. está correto. Há vários momentos em que as orações foram construídas na ordem indireta:

- adumbra-se na escuridão um maciço de construções (= sujeito)
- recortam no azul do céu os trêmulos vislumbres das labaredas (= sujeito) fustigadas pelo vento.
- dançam os pretos (= sujeito) o samba

O item II. está correto. O principal exemplo é a seguinte oração: “Não se descreve, nem se imagina esse desesperado saracoteio, no qual todo o corpo estremece, pula, sacode, gira, bamboleia, como se quisesse desgrudar-se.”

O item III. está correto. O tempo verbal do texto é o presente histórico. Esse recurso trata de fatos do passado, porém faz uso do tempo presente, de modo a aproximar o leitor do evento narrado.

Gabarito: E

32. (IBMEC - 2012)

Ele se encontrava sobre a estreita marquise do 18º andar. Tinha pulado ali a fim de limpar pelo lado externo as vidraças das salas vazias do conjunto 1801/5, a serem ocupadas em breve por uma firma de engenharia. Ele era um empregado recém-contratado da Panamericana – Serviços Gerais. O fato de haver se sentado à beira da marquise, com as pernas balançando no

espaço, se deveria simplesmente a uma pausa para fumar a metade de cigarro que trouxera no bolso. Ele não queria dispensar este prazer, misturando-o com o trabalho.

Quando viu o ajuntamento de pessoas lá embaixo, apontando mais ou menos em sua direção, não lhe passou pela cabeça que pudesse ser ele o centro das atenções. Não estava habituado a ser este centro e olhou para baixo e para cima e até para trás, a janela às suas costas.

Talvez pudesse haver um princípio de incêndio ou algum andaime em perigo ou alguém prestes a pular. Não havia nada identificável à vista e ele, através de operações bastante lógicas, chegou à conclusão de que o único suicida em potencial era ele próprio. Não que já houvesse se cristalizado em sua mente, algum dia, tal desejo, embora como todo mundo, de vez em quando... E digamos que a pouca importância que dava a si próprio não permitia que aflorasse seriamente em seu campo de decisões a possibilidade de um gesto tão grandiloquente. E que o instinto cego de sobrevivência levava uma vantagem de uns quarenta por cento sobre seu instinto de morte, tanto é que ele viera levando a vida até aquele preciso momento sob as mais adversas condições.

(In: MORICONI, Ítalo (org.). Os cem melhores contos brasileiros do século.

R. Janeiro: Objetiva, 2000)

Em “... não lhe passou pela cabeça que pudesse ser ele o centro das atenções”, os pronomes pessoais destacados exercem, respectivamente, a função sintática de

- a) objeto indireto, sujeito.
- b) complemento nominal, objeto direto.
- c) adjunto adnominal, sujeito.
- d) objeto indireto, predicativo do objeto.
- e) adjunto adnominal, predicativo do sujeito.

Comentários: Os pronomes pessoais da oração são “lhe” e “ele”. Vamos analisar a oração em que cada um aparece.

“não lhe passou pela cabeça”

Normalmente, o “lhe” tem valor de objeto indireto. Isso ocorre quando o lhe for complemento verbal. Não é o caso aqui. O verbo “Passar”, nesse caso, não vem acompanhado de preposição. Por isso, “lhe” não pode assumir a função de objeto indireto. Nessa oração, o “lhe” tem valor de **adjunto adnominal**, pois está ligado à “cabeça”, caracterizando-a. Se fossemos reescrever a oração com o termo a que o “lhe” se refere, teríamos:



PEGADINHA

“Não passou pela cabeça **dele**.”

Lhe, portanto, substitui um pronome possessivo, de modo reflexivo.

“que pudesse ser ele o centro das atenções”

Essa oração está na frase indireta. Se a reescrevêssemos na ordem direta, teríamos:

“que **ele** pudesse ser o centro das atenções”

Portanto, nesse caso, **ele** é **sujeito** da oração. Veja toda a análise sintática dessa oração:

Sujeito: ele

Verbo: pudesse ser

Objeto direto: o centro das atenções (onde “das atenções” é adjunto adnominal de centro)

Gabarito: C

33. (INSPER - 2012)

Leia a tirinha abaixo.



A tirinha de Jean Galvão faz referência a um assunto muito recorrente nas aulas de Português. A respeito da identificação e classificação do sujeito, conforme prescreve a norma gramatical, é **INCORRETO** afirmar que

- no 1.º quadrinho, o “se” empregado nos três períodos escritos na lousa (“Precisa-se de empregados”, “Assiste-se a bons filmes” e “Vende-se casas”) exemplifica a ocorrência de índice de indeterminação do sujeito nos dois primeiros e partícula apassivadora no último.
- o período “Vende-se casas”, no 1.º quadrinho, está riscado porque contém um erro de concordância verbal: o verbo transitivo direto “vender” deveria ser flexionado no plural para concordar com o sujeito paciente “casas”.
- nas três ocorrências, presentes nos períodos escritos na lousa, o “se” exerce a função sintática de índice de indeterminação do sujeito, e, para estabelecerem a concordância verbal de acordo com a norma culta, os verbos devem permanecer no singular.
- no contexto da tira, o adjetivo “indeterminado” pode ser associado a um sentido genérico, não ao critério gramatical, porque apenas qualifica como se sente a personagem (o sujeito), após um dia exaustivo na escola.
- se, no último quadrinho, o garoto analisasse sintaticamente a frase proferida pela mãe, conforme a norma gramatical, ele responderia assim: “sujeito simples, quem”.

Comentários: A alternativa que apresenta erro é alternativa C. A melhor maneira de checar se uma oração está na voz passiva ou possui sujeito indeterminado é observar os três pontos que comentamos na aula:

Voz Passiva:

- Concorda com o sujeito;
- Verbos transitivos diretos ou transitivos direto e indiretos; e
- Pode virar voz passiva analítica.

Sujeito indeterminado:

- Sempre no singular;
- Verbos intransitivos ou transitivos indiretos; e
- Não pode virar voz passiva analítica.

Por isso, “vende-se casas” não é uma oração com sujeito indeterminado. É uma oração na voz passiva que, para que estivesse gramaticalmente correta, deveria ter sido grafada “vendem-se casas”. Perceba que **orações com sujeito indeterminado, por ocorrerem com verbos intransitivos, têm complementos posicionados.**

A alternativa A está correta. “Precisa-se de empregados” e “Assiste-se a bons filmes”, portanto, são orações de sujeito indeterminado e “vende-se casas” está na voz passiva (ainda que haja erro gramatical nessa redação).

A alternativa B está correta. Para que a terceira frase estivesse grafada corretamente seria necessário que a grafia fosse “Vendem-se casas”.

A alternativa D está correta. O humor da tirinha está no duplo sentido do uso da expressão “sujeito indeterminado”: tanto para a matéria que foi aprendida quanto para o sentimento do menino.

A alternativa E está correta. Na oração “Quem chegou?”, o sujeito é o pronome “quem” e, nesse caso, é sujeito simples.

Gabarito: C

34. (UNESP - 2011)

... para quem quer tornar-se orador consumado não é indispensável conhecer o que de fato é justo, mas sim o que parece justo para a maioria dos ouvintes, que são os que decidem; nem precisa saber tampouco o que é bom ou belo, mas apenas o que parece tal ...

(Fedro, Aristóteles)

Neste trecho da tradução da segunda fala de Fedro, observa-se uma frase com estruturas oracionais recorrentes, e por isso plena de termos repetidos, sendo notável, a este respeito, a retomada do demonstrativo o e do pronome relativo **que** em “o que de fato é justo”, “o que parece justo”, “os que decidem”, “o que é bom ou belo”, “o que parece tal”. Em todos esses contextos, o relativo que exerce a mesma função sintática nas orações de que faz parte. Indique-a.

- a) Sujeito.
- b) Predicativo do sujeito.
- c) Adjunto adnominal.
- d) Objeto direto.
- e) Objeto indireto.

Comentários: Vamos analisar uma por uma as orações para entender qual a função sintática do “que”:

“o que de fato é justo”

Sujeito: “o que”

Sendo: “que” – núcleo do sujeito; e “o” adjunto adnominal.

Verbo: “é” (verbo de ligação)

Predicativo do Sujeito: “justo”

Adjunto adverbial: “de fato”

Não há complementos verbais nessa oração.

“o que parece justo”

Sujeito: “o que”

Sendo: “que” – núcleo do sujeito; e “o” adjunto adnominal.

Verbo: “parece” (verbo de ligação)

Predicativo do Sujeito: “justo”

Não há complementos verbais ou adjuntos adverbiais nessa oração.

“os que decidem”

Sujeito: “os que”

Sendo: “que” – núcleo do sujeito; e “os” adjunto adnominal.

Verbo: “decidem” (verbo de ação)

Não há complementos verbais, predicativo do sujeito ou adjuntos adverbiais nessa oração.

“o que é bom ou belo”

Sujeito: “o que”

Sendo: “que” – núcleo do sujeito; e “o” adjunto adnominal.

Verbo: “é” (verbo de ligação)

Predicativo do Sujeito: “bom ou belo”

Não há complementos verbais ou adjuntos adverbiais nessa oração.

“o que parece tal”

Sujeito: “o que”

Sendo: “que” – núcleo do sujeito; e “o” adjunto adnominal.

Verbo: “parece” (verbo de ligação)

Predicativo do Sujeito: “tal”



Não há complementos verbais ou adjuntos adverbiais nessa oração.

Portanto, a função que o “**que**” assume nas orações destacadas é a de **sujeito**.

Gabarito: A

35. (FGV - 2011)

Eu lia o meu livrinho quando a sucessão de gritos – “ahhh”... “ehhh”... – picotou a noite de domingo. A impressão que tive foi de alguém sendo esfolado no andar de cima. Não fui o único a saltar da poltrona, assustado, tentando descobrir de onde vinha aquela esganiçada voz feminina: no meu prédio e no que fica ao lado, meia dúzia de pescoços se insinuaram na moldura das janelas enquanto o alarido – “ihhh”... “ohhh”... – prosseguia.

(Humberto Werneck. O espalhador de passarinhos.)

Observando o emprego do pronome relativo *que*, nas duas ocorrências grifadas no fragmento, é possível afirmar:

- a) na primeira ocorrência, substitui um objeto direto; na segunda, vem no lugar de um sujeito.
- b) em ambos os casos, a relação que estabelece é de simples e objetiva coordenação.
- c) na primeira ocorrência, trata-se do sujeito da ação; na segunda, de um adjunto adverbial.
- d) na primeira ocorrência, há uma relação de posse; na segunda, de referência ao receptor da ação.
- e) em ambos os casos, a palavra não exerce função sintática, mas de simples realce.

Comentários: Realizando-se a análise sintática dos dois períodos teremos:

“A impressão que tive”

“que” = retoma o termo “a impressão”. Substituindo-se o “que” pelo termo a que se refere, teremos: “tive a impressão”.

Sujeito: oculto (eu), presumido a partir da flexão do verbo “tive”.

Verbo: tive

Objeto: a impressão (objeto direto)

Portanto, “**que**” é **objeto direto**.

“no meu prédio e no que fica ao lado”

“que”: retoma o termo “prédio” da oração anterior. Substituindo-se o “que” pelo termo a que se refere, teremos: “o prédio fica ao lado”.

Sujeito: simples (prédio)

Verbo: fica



Adjunto adverbial: ao lado.

Portanto, “que” é sujeito.

A alternativa que apresenta informação correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois “que” não é utilizado na construção de frases coordenativas.

A alternativa C está incorreta, pois essas não são as classificações corretas para os termos, como ficou provado na análise acima.

A alternativa D está incorreta, pois essas não são as classificações corretas para os termos, como ficou provado na análise acima.

A alternativa E está incorreta, pois há função sintática em ambos os casos.

Gabarito: A

36. (IBMEC - 2011)

Somos todos comida

Depois da notícia de que, ao fim de prolongado debate jurídico, foi negado por um tribunal o habeas corpus impetrado em favor de um chimpanzé enjaulado em solidão no Zoológico de Niterói, vieram ao conhecimento público outras providências judiciais em nome de animais, pelo Brasil afora. Isso está ficando interessante. Antigamente, era fácil dizer que os animais não tinham direito nenhum, pois não são sujeitos de direito, não são pessoas, não podem acionar o poder judiciário, da mesma forma que não têm deveres, nem podem ser interpelados pela justiça. Direitos e deveres são província exclusiva do ser humano e, embora isso não soe bem, um cachorro, por exemplo, não tem o direito de não ser maltratado. O homem é que tem o direito de estabelecer em lei que maltratar um animal é criminoso e de protestar e intervir, quando a lei for descumprida.

Mas vivemos tempos mais complexos e em transformação quase frenética. As crenças antes estabelecidas e praticamente unânimes hoje mudam o tempo todo, somos intimidados pelas descobertas da física quântica, as certezas se tornam indagações e a eventual sensação de que ninguém sabe nada é inevitável. Já há quem sustente que pelo menos os chamados animais superiores, como o mencionado cachorro, têm consciência e emoções. Os donos de cachorros frequentemente acham que estes pensam, raciocinam e comunicam seus pensamentos, só faltando mesmo falar. Logo, têm direitos e talvez a única coisa que lhes negue a condição de sujeito de direito seja a circunstância de que a linguagem do cachorro ainda não tem tradutores oficializados. Mas talvez passe a ter no futuro e alguém venha a dizer que o Rex está se sentindo prejudicado pelo seu dono e quer constituir advogado, para o que aplicará a impressão de sua pata em uma procuração.

De certa forma, isso já começa a acontecer, como demonstra o caso do habeas corpus do chimpanzé. Seus advogados inferiram que, sem companhia e encarcerado, o chimpanzé é infeliz e consegue comunicar que, sim, gostaria de ser transferido para uma moradia condigna. Considerando a maravilhosa diversidade do ser humano, acho que, a partir desse precedente, viremos a testemunhar ações movidas não somente por cachorros, gatos, peixes de aquário e outros animais domésticos, mas também, antecipo eu, por bois de corte ou por frangos para



abate. Não descarto até mesmo a possibilidade de medidas contra o que certamente se chamará "zoofobia", em cuja ilícita prática serão enquadrados, por exemplo, os que usarem as palavras "galinha", "vaca" ou "cadela" com intenção pejorativa.

A situação deverá evoluir, em futuro talvez não muito distante, para o estabelecimento dos níveis de consciência das espécies e a conseqüente maior ou menor abrangência de seus direitos. Não é descabido imaginar a promulgação de uma Declaração Universal dos Direitos dos Cães, ou do Estatuto do Gato e assim por diante, cada um deles definindo os critérios aplicáveis a cada espécie. É complicado, porque, por exemplo, o direito de latir, certamente parte indissolúvel da liberdade de expressão canina, pode conflitar com o direito ao silêncio de um vizinho humano, o que requererá imaginação e engenho da parte de legisladores e magistrados.

Questões éticas e morais, filosóficas mesmo, terão que ser encaradas, por mais incômodas que sejam. O morcego, em muitos casos inofensivo, amante das frutas e polinizador de pomares, pode ser discriminado apenas por ter, na opinião da maior parte das pessoas, uma aparência assustadora ou repulsiva? Nos desenhos animados e historietas infantis, serão adotadas cotas para a inclusão de animais normalmente marginalizados, a exemplo de lacraias, lesmas e piolhos? Aliás, é um direito do piolho infestar cabeleiras improdutivas e sugar uma cesta básica de sangue? Estará sujeito à acusação de omissão de socorro aquele que negar a uma futura mamãe mosquito da dengue o direito a uma picadinha que a ajudará a perpetuar sua espécie?

De propósito, deixei para o fim o direito mais básico, o direito à vida. Sem ele, evidentemente, os outros perdem o sentido. Pensando nele, argumentam os que se negam a consumir qualquer produto de origem animal. Nossa comida deveria ser apenas a que se consegue obter sem destruir nenhuma vida, nem mesmo, talvez, a das plantas.

Nós somos os reis da Criação e não podemos agir como predadores.

Nós somos, isso sim, os reis da presunção. Imaginamos que a nossa moral é a moral da natureza, como se a natureza tivesse moral. Na natureza, continua um alegre come-como por tudo quanto é canto, um comendo o outro afanadamente, às vezes até de forma surpreendente, como no caso de um pelicano londrino que vi na internet. Esse pelicano, em seu andar balançado na grama de um parque, viu e fingiu nem notar um pombo a seu lado. Mas, num movimento rapidíssimo, engoliu o pombo, que ficou se agitando dentro daquele papo enorme, sem chance de escapar. Se as pessoas presentes à cena fossem do tamanho de pombos, o pelicano sem dúvida as comeria também, porque é assim a natureza. Nós achamos que somos os grandes comedores, só porque, do nosso ponto de vista, ocupamos o topo da cadeia alimentar. Ocupamos nada. Cada um de nós, mesmo os que não portam parasitas, é hospedeiro de uma infinidade de "ecossistemas", para não falar nos muitos animais que, por exemplo, vivem do sangue de mamíferos, inclusive nosso. Nós somos os favoritos de nós mesmos, não da natureza. Nossos corpos, biodegradáveis como são, para outras espécies não passam de simples comida e, homens, bichos ou plantas, a Terra acabará digerindo todos nós.

(RIBEIRO, João Ubaldo. O Estado de S.Paulo, 01/05/2011.)



Em “... vieram ao conhecimento público outras providências judiciais em nome de animais, pelo Brasil afora”, o termo “outras providências judiciais” exerce a função sintática de

- a) objeto direto.
- b) sujeito.
- c) objeto indireto.
- d) adjunto adnominal.
- e) predicativo do sujeito.

Comentários: Vamos realizar a análise sintática da oração:

“... vieram ao conhecimento público outras providências judiciais em nome de animais, pelo Brasil afora”

Essa oração está na ordem indireta – já que se inicia com o verbo. Caso estivesse na ordem direta, ficaria:

“Pelo Brasil afora, outras providências judiciais em nome de animais vieram ao conhecimento do público”

Analisando essa oração sintaticamente:

Sujeito: outras providências judiciais em nome de animais

Sendo: “em nome dos animais” adjunto adnominal

Verbo: “vieram” (verbo de ação)

Objeto: “ao conhecimento do público” (objeto indireto)

Adjunto adverbial: “Pelo Brasil afora”

Portanto, o termo “outras providências judiciais” exerce a função sintática de **sujeito**.

Gabarito: B

37. (FGV /2010)

Considere a tira e analise as afirmações.



- I. A resposta esperada pela menina era “a rua”.

- II. Na frase de Mafalda, no segundo quadrinho, *Miguelito* é o sujeito da oração.
- III. Em português, o sujeito de uma oração pode ser inexistente, como em “*Choveram reclamações na empresa por causa do apagão na Internet.*”
- IV. A resposta de Miguelito seria compatível com a pergunta: *Ao prefeito cabe que responsabilidade?*

Pela leitura das afirmações, conclui-se que

- a) nenhuma delas está correta.
- b) apenas I e III estão corretas.
- c) apenas II e III estão corretas.
- d) apenas III e IV estão corretas.
- e) todas elas estão corretas.

Comentários:

O item I. está incorreto. Na oração “*Esse lixo enfeia a rua*”, o sujeito é “*esse lixo*”. “*a rua*” é objeto direto.

O item II. está incorreto. “*Miguelito*” é vocativo, não sujeito da oração.

O item III. está incorreto. Em “*Choveram reclamações na empresa por causa do apagão na Internet.*” Há um uso metafórico de um verbo meteorológico. Nesse caso, o sujeito é “*reclamações*”.

O item IV. está incorreto. A pergunta que combinaria com a pergunta de Miguelito seria algo como “*Quem é o responsável pelo lixo na rua?*”

Gabarito: A

38. (UNESP - 2010)

“*Está aberto, no espetáculo de circo, o terreno da utopia.*”

Na oração, “*o terreno da utopia*” exerce a função sintática de:

- a) objeto direto.
- b) complemento nominal.
- c) sujeito.
- d) predicativo do sujeito.
- e) predicativo do objeto.

Comentários: Essa oração está na ordem indireta. Se estivesse na ordem direta, essa oração seria:

“*O terreno da utopia está aberto no espetáculo do circo*”

Realizando a análise sintática dessa oração, teremos:

Sujeito: “*O terreno da utopia*”



Verbo: “está aberto”

Adjunto adverbial: “no espetáculo do circo”

Portanto, a alternativa que expressa corretamente a função sintática de “o terreno da utopia” é alternativa C.

Gabarito: C

39. (UFTM - 2009)

Leia o haikai de Custódio.



(www.custodio.net)

Analise as afirmações.

- I. Nas suas três ocorrências, a palavra *nada* pertence à mesma classe gramatical invariável.
- II. Nas duas ocorrências, a palavra *que* é um pronome relativo, pois, além de ligar orações, retoma termos da oração anterior.
- III. As formas verbais *Sabe* e *deixe* têm o mesmo sujeito gramatical.

É correto afirmar que:

- a) I, II e III são verdadeiras.
- b) apenas I é verdadeira.
- c) apenas II é verdadeira.
- d) apenas III é verdadeira.
- e) I, II e III são falsas.

Comentários:

A afirmação I. está incorreta. No primeiro período, o termo “nada” possivelmente se refere à flexão do verbo “nadar”.

A afirmação II. está incorreta. Na oração “Sabe que nada há”, “que” é conjunção integrante, antecedendo oração subordinada substantiva objetiva direta.

A afirmação III. está incorreta. Realizando-se a análise sintática desse período, teremos:

“Sabe que nada há”

Sujeito de “sabe”: Peixe (informação implícita referida na oração anterior)

“que sem nada o deixe”

“que”: pronome relativo. Refere-se à expressão “nada” na oração anterior.

“deixe”: verbo

“o”: pronome que substitui a ideia de “ele” ou “o peixe”

Reescrevendo a oração na ordem direta e substituindo os pronomes, teremos:

“Nada deixa o peixe sem nada”

Portanto, o sujeito de “deixe”, aqui, é “nada”.

Gabarito: E

40. (IBMEC - 2008)

Pela Internet

Gilberto Gil

Criar meu web site

Fazer minha home-page

Com quantos gigabytes

Se faz uma jangada

Um barco que veleje

Que veleje nesse informar

Que aproveite a vazante da infomaré

Que leve um oriki do meu velho orixá

Ao porto de um disquete de um micro
em Taipé

Um barco que veleje nesse informar

Que aproveite a vazante da infomaré

Que leve meu e-mail até Calcutá

Depois de um hot-link

Num site de Helsinque

Para abastecer

Eu quero entrar na rede

Promover um debate

Juntar via Internet

Um grupo de tietes de Connecticut

De Connecticut acessar

O chefe da Macmilícia de Milão

Um hacker mafioso acaba de soltar

Um vírus pra atacar programas no Japão

Eu quero entrar na rede pra contactar

Os lares do Nepal, os bares do Gabão

Que o chefe da polícia carioca avisa pelo
celular

Que lá na praça Onze tem um vídeopôquer
para se jogar

Assinale a opção CORRETA quanto ao que está indicado nos parênteses.

- a) Um vírus pra atacar programas no Japão – (víruses – forma do plural)
- b) Que veleje nesse informar – (que – conjunção subordinativa integrante)
- c) Que leve meu e-mail até Calcutá – (até Calcutá – adjunto adverbial de lugar)
- d) Um barco que veleje - (veleje – forma do presente do indicativo)
- e) a vazante da infomaré – (da infomaré – complemento nominal)

Comentários: “até Calcutá” é um advérbio de lugar. Portanto, em relação a “levar” assume função de adjunto adverbial. A alternativa correta é alternativa C.



A alternativa A está incorreta, pois substantivos paroxítonos terminados em “s” não sofrem alteração no plural. O plural de “vírus” é, portanto, “vírus”.

A alternativa B está incorreta, pois “que” nesse caso é pronome relativo de “barco” (presente na oração anterior).

A alternativa D está incorreta, pois “veleje” é uma forma de presente do subjuntivo.

A alternativa E está incorreta, pois “da informaré” é adjunto adnominal de “vazante”.

Gabarito: C

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na próxima aula, vamos finalizar nosso assunto de sintaxe:

Aula 08 – Conectivos, coordenação e subordinação

- Conectivos;
- Orações Coordenadas; e
- Orações Subordinadas.

Estude **muito** a matéria da aula de hoje. Ela será **essencial** para facilitar o entendimento do nosso próximo assunto!

Qualquer dúvida estou à disposição no fórum ou Instagram!

Prof.^a Celina Gil



/professora.celina.gil



Professora Celina Gil



@professoracelinagil

Versão	Data	Modificações
1	18/05/2019	Primeira versão do texto.

